

4.º G. A. Cav. — Ten. José M. Mourão.
 6.º G. A. Cav. —
 Fort. S. João — Ten. Micaldas Corrêa.
 Fort. de Obidos — Cap. Ascendino de A. Lins.
 Fort de Copacabana — Ten. Flámanion P. de Campos.
 Fort. de S. Luiz. —
 Fort. Mal. Hermes — 1.º Ten. Francisco X. Marques.
 Fort. da Lage — Ten. Americo Ferreira da Silva.

5.º G. A. Cav. — Ten. Edson de Figueiredo.
 Fort. Santa Cruz — Ten. Mauricio E. Pereira.
 Fort. de Itaipú — Ten. Mangini Junior.
 Fort. de Coimbra —
 Fort. do Vigia — Cap. Fernando Bruce.
 Fort. de Imbuhy —
 Fort. Mal. Luz. —
 Fort. Mal. Moura. —

Engenharia

Unidade Escola —
 2.º B. Sap. — 1.º Ten. Sebastião V. de Moraes.
 4.º B. Sap. — Major Abacilio F. dos Reis.
 2.º B. Pnt.

1.º Btl. Trans. — Asp. Eduardo D. Oliveira.
 3.º B. Sap. — Ten. Luiz Pessoa.
 1.º B. Pnt. — Asp. Edgard Soter da Silveira.
 1.º Btl. F. V. —

Aviação

1.º R. Av. — Ten. Oswaldo C. de Lima.
 4.º R. Av. —
 5.º R. Av. — Ten. Jocelin B. Brasil

2.º R. Av. —
 3.º R. Av. — Ten. Herminio V. de Carvalho.

Reserva

C. P. O. R. 1.ª R. M. — Ten. Nelson R. de Carvalho.
 Pol. Mil. D. F. — Major Joaquim M. Amorim.
 Pol. Mil. da Bahia — Cel. Philadelpho Neves.

C. P. O. R. 2.ª R. M. — Ten. Nestor Torres.
 C. P. O. R. 5.º R. M. — Ten. Raymundo Dalcol.
 F. P. de S. P. — Major José Maria dos Santos.

A DEFESA NACIONAL

— REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES —

DIRECTOR-PRESIDENTE:
Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO
Lima Figueirêdo

GERENTE:
João Baptista de Mattos

ANNO XXII | Brasil — Rio de Janeiro, Setembro de 1935 | N.º 256

SUMMARIO

LITERATURA HISTORIA, GEOGRAPHIA, SCIENCIA

| | Pags. |
|---|-------|
| Historia da guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguay — General Tasso Fragoso..... | 939 |
| Recompensa original conferida ao grande patriota General Nogui | 946 |

SECÇÃO DE INFANTARIA

| | |
|---|-----|
| A manobra dos T. C. e T. E. dos Corpos de Tropa e demais sub-unidades — Cap. Jurandy Toscano de Britto..... | 947 |
| Um 1.º periodo de instrucção numa C. M. B. — Cap. Manoel Joaquim Guedes..... | 958 |
| A substituição e o transporte dos canos sobresalentes de F. M. H. Cap. Souza Aguiar..... | 961 |

SECÇÃO DE CAVALLARIA

| | |
|--|-----|
| Exercícios de Tática de Cavallaria — Cap. F. D. Ferreira Portugal..... | 965 |
|--|-----|

SECÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

| | |
|---|-----|
| A Inspectoria de Defesa de Costa — Maj. Bina Machado..... | 977 |
| Pela costa..... | 983 |

SECÇÃO DE ARTILHARIA

- Determinando pontos — 1.^o ten. H. M. Rabello de Mello..... 985

SECÇÃO DE ENGENHARIA

- Complemento ao processo graphico do prof. Weilenmann — Cap. Octavio da Costa Monteiro..... 993

SECÇÃO DE TRANSMISSÕES

- As transmissões na manobra em retirada — Traducção — Cap. José Carlos Pinto Filho..... 995

SECÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA

- Unidade de doutrina — Cap. Ilidio Remulo Colonia..... 1005

SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

- Noções de sociologia — Cap. S. Sombra..... 1011

- Cooperativas — 1.^o ten. José Salles..... 1014

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

- As universidades e o exercito — Cap. João Ribeiro Pinheiro..... 1017

SECÇÃO DE INTENDENCIA

- Fusão dos quadros de officiaes de intendencia — 1.^o ten. Arthur Alvim Camara..... 1019

VARIEDADES E NOTICIARIO

- Dia do soldado — Cap. Silva Barros..... 1025

- Eleição da nova directoria da "A Defesa Nacional"..... 1027

LITERATURA - HISTORIA - GEOGRAPHIA - SCIENCIA

História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguay

GENERAL TASSO FRAGOSO

IMPRENSA DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO — 1934

IV

O quarto volume da obra, diz o autor no prefacio, “explica como os aliados marcharam de Humaytá para Assumpção, ao longo do rio Paraguay, recalculo em sua frente as tropas de Lopez, e como, depois de batalhas em Itororó e Avahy, e de anniquilar em Lomas Valentinas o que dellas restava, mercê de uma elegante manobra concebida e executada por Caxias, entraram victoriosas na capital do Paraguay. Versa tambem sobre a campanha da Cordilheira. Mostra como Lopez, embora houvesse fugido de Lomas Valentinas com poucos companheiros, logo que percebeu estar o seu exercito anniquilado e elle proprio em perigo imminent de cahir prisioneiro, foi mobilisar novo exercito na Cordilheira, e como desse modo obrigou os aliados a marchar novamente contra elle, portanto a subir a dita Cordilheira com o intuito de colhel-o nas antenas de uma manobra bem architectada. Depois de relatar a dupla batalha de Campo Grande-Caaguyjurú, conta a perseguição ás poucas tropas adversas que tiveram a sorte de escapar para o norte com o dictador, por não haverem participado nessa batalha, até que os aliados perdem o contacto com elles á beira do arroio Hondo, em consequencia de diffieuldades criadas pelo terreno ao transito das tropas e aos aprovisionamentos, e que não lhe seria possivel superar sem demora”.

Abrange, como se vê, um dos periodos mais interessantes da guerra, durante o qual poude Caxias dar expansão ao seu engenho criador, concebendo e executando manobras ousadas, cujos resultados, alcançados a custo de penosos esforços da tropa, foram successivas derrotas do inimigo.

Contem este volume a sexta parte da obra e a setima, cada uma com dois capitulos e 231 paginas ao todo.

A sexta parte narra os acontecimentos desenrolados desde a tomada de Humaytá até a entrada dos aliados em Assumpção. O seu primeiro capítulo descreve a marcha dos brasileiros e orientaes na direcção do norte. Começa por indicar as providencias tomadas por Caxias, depois da posse de Humaytá, que elle elege para nova base de operações, fazendo

para ahi passar os depositos, hospitaes, repartições e tribunaes, que até então se mantinham em Corrientes.

Dentre essas providencias sobresahe o reagrupamento das forças, que elle emprehende sem tardança. Deixa alguns elementos na nova base, afim de garantil-a, e avança com o grosso no rumo norte, ao encontro do adversario. "Já sabia de ha muito que o grosso deste se achava ao norte do Tebicuary—observa o autor—mas tambem não ignorava que na margem direita do Paraguay ainda havia inimigos que occupavam Timbó e mantinham elementos avançados mais ao sul, nas vizinhanças do rio Guaycurú.

Encontrava-se Caxias em face desta delicada situação; rôto o contacto com o inimigo na região da margem esquerda do rio Paraguay, sem informações precisas sobre as organizações que este ainda conservava na outra margem, e precisando retomar, sem perda de tempo, a iniciativa das operações com que se puzesse termo a guerra.

"Que se devia fazer? Limpar primeiro essa margem (a direita), pergunta o General Tasso Fragoso, até a altura da nova posição de Lopez no Tebicuary ou deixar no flanco a posição inimiga existente na dita margem, afim de que cahisse por si mesmo logo que o grosso do exercito aliado a ultrapassasse na outra margem?"

O primeiro pensamento de Caxias foi expulsar o inimigo da região ribeirinha do Chaco, operação para a qual mandou proceder aos necessarios reconhecimentos, que revelaram a sua retirada para o norte, deixando guarnecidia a posição de Timbó, esta mesma abandonada, afinal, quando ameaçada pelas forças contra ella enviadas.

Da narração resaltam a actividade e o senso tactico do velho e glorioso cabo de guerra brasileiro que, pessoalmente procede ao estudo do terreno, escolhe os pontos de embarque e desembarque dos contingentes que destina ao reconhecimento das posições paraguayas e ao seu ataque, transportando-se de uma margem a outra no caudaloso rio, sobre tudo providenciando, com vigor e energia, raros na sua idade.

Esclarecida a situação, reune em seu quartel general os chefes dos exercitos aliados e expõe-lhes o seu "plano de marcha e de operações sobre o Tebicuary" (13 de Agosto de 1867), approvado integralmente por elles. Assenta, então, as ultimas providencias e avança com o grosso de suas tropas na direcção geral do norte, em busca da posição em que se installara o inimigo, marchando por terreno cortado de esteiros, desconhecido do exercito e dos seus chefes, e de que se não possuiam cartas topographicas, siquer simples esboços.

O leitor pode, assim, acompanhar *pari-passu* o grosso do exercito brasileiro e o exercito oriental (o exercito argentino, por ordem do seu governo, ficou em Humaytá) em sua progressão ao longo do rio Paraguay, descripta com maestria pelo autor. Vemol-os acercarem-se do Jacaré e trans-

porem-no e attingirem o Tebicuary, junto ao qual se restabelece o contacto com os elementos avançados da posição paraguaya. Minucioso em sua narrativa, sempre baseada no testemunho dos que foram parte nos acontecimentos, fornece o General Tasso Fragoso dados uteis ao estudo tecnico das operações levadas a effeito para a passagem do rio, escolhido por Lopez como obstaculo á frente da posição paraguaya. Digna de reflexão e rica de ensinamentos a exploração da zona de acção do exercito, procedida pela cavallaria do Barão do Triumpho (3.^a brigada de cavallaria e 8.^a, reforçadas com o 1.^o corpo provisorio). Pena é que se não possuam cartas topographicas dessa região, falta que priva aos nossos officiaes de estado maior de estudarem, sob a forma de caso concreto, essa importante operação.

O General Tasso Fragoso expõe depois o plano de Lopez para oppor-se ao avanço de Caxias, uma vez transpostos por este o Jacaré e o Tebicuary, que o dictador defendeu frouxamente, e sua resolução de organizar uma forte posição defensiva mais ao norte, na linha do Piquisiry. Descreve, em seguida, o segundo lance do exercito aliado, na perseguição ao inimigo, em estreita cooperação com a esquadra, dando pormenores sobre a passagem do Tebicuary e as novas ordens do generalissimo para o proseguimento das operações.

Num curto parenthesis, trata das atrocidades commettidas por Lopez, em São Fernando, sob pretexto de abafar uma rebellião tramada contra elle, transcrevendo a proposito a descripção, profundamente emocionante, feita por Caxias em carta ao Barão de Murityba (Ministro da Guerra), depois de haver contemplado os vestigios daquella horrivel tragedia em que foram victimas tantos paraguayos illustres, entre os quaes o vice-presidente da Republica, o general Brugues e até senhoras da melhor sociedade. "Os que tivessem commigo observado o que acabo de descrever — adverte o generalissimo brasileiro — no solo de uma republica que se diz regida por livres instituições, em um paiz que se proclama catolico, haviam convencer-se de que o mais irremediavel inimigo que o povo paraguayo tem tido e tem é o seu actual dictador, Francisco Solano Lopez."

Segue-se o reconhecimento das baterias de Angustura pela esquadra e a passagem, pelas forças de terra, do Paray e do Sarandy, recalculo sempre o inimigo em sua frente e batendo-lhe os elementos da rectaguarda, até entrarem em contacto, de novo, com o grosso do exercito paraguayo.

Numa synthese clara e precisa, aprecia o autor os acontecimentos narrados, em torno dos quaes borda judiciosas reflexões. Põe, ahí, em relevo as dificuldades encontradas no percurso pelo exercito aliado, obrigado a marchar na zona por onde Lopez retirava, equivalente a largo desfiladeiro, entre o rio Paraguay, de um lado, e a lagôa Ipoá e alguns dos

seus escoadouros, de outro, o que o forçou a gastar 36 dias para deslocar-se de Humaytá até Palmas, isto é, para percorrer uma distância aproximada de duzentos quilometros. E justifica, com a falta de terreno livre, o não se ter lançado "uma exploração ousada de cavalaria, que conseguisse ganhar o flanco e permittisse localizar com a devida antecedencia o grosso adverso e as grandes linhas do seu contorno apparente".

Encerra o capítulo descrevendo os primeiros reconhecimentos da forte posição do Piquisiry, onde Lopez pretendia barrar aos aliados o caminho de Assumpção, e a investida tentada depois contra ella e de que resultou, para o commando em chefe, a convicção da inutilidade dos esforços empregados para atacal-a de frente, por causa dos obstáculos oferecidos pelo terreno alagadiço, atrás do qual se encontrava a sua linha principal de resistência, e da inacessibilidade dos seus flancos, apoiados no rio Paraguai e na lagôa Ipoá.

O capítulo segundo versa sobre a manobra concebida e executada por Caxias para bater Lopez na posição do Piquisiry, contornando-a pelo flanco direito. Consistia em transpor o Paraguai com grande parte de suas forças, fazel-as transitar pelo Chaco até um ponto conveniente a montante de Angustura e, depois, transladando-as para a outra margem, cahir sobre a retaguarda do adversario. Era preciso, para a sua execução, além das duas passagens de rio, a abertura de uma estrada através do Chaco, obra de que Caxias incumbiu o General Argollo, com o seu corpo de exercito.

Descreve o General Tasso Fragoso o arduo trabalho imposto á nossa tropa para levar a cabo essa arrojada empresa, posta em prática na mata selvagem e alagadiça, e estorvada frequentemente pelas surpresas do inimigo. Gastaram-se na abertura do novo caminho, com pouco menos de onze quilometros, 23 dias. Dessa extensão, tres quilometros foram estivados com troncos de palmeira, sendo para isso derribados seis mil pés. Junte-se a esse pesado esforço a construção de algumas pontes sobre riachos e esteiros, e a desobstrução da foz do Villette, para que pudesse ser percorrido por embarcações, e ter-se-ha o que custou ao exercito brasileiro a abertura dessa via.

Narra em seguida a actividade de Caxias na frente da posição paraguaya, contra a qual pratica diversos reconhecimentos, "com a intenção de manter Lopez em sobresalto, de inteirar-se do que elle fazia, de aferral-o ao terreno e de distrahir-lhe a atenção do que se passava na outra margem". Indica as excursões realizadas pelo generalíssimo em busca de um ponto de desembarque apropriado na margem esquerda do rio Paraguai e acima de Angustura, fixado afinal em Santo Antonio, á retaguarda da posição de Lopez. Dá-nos a nova ordem de batalha das tropas aliadas e a transferencia do quartel-general de Caxias para o Chaco. Aprecia a attiude do dictador ao norte do Piquisiry e descreve a travessia do Paraguai

pelo exercito brasileiro e o seu desembarque em Santo Antonio, de onde avança na direcção do sul.

Enfrentado o inimigo, a quem não passou despercebida a manobra audaz dos aliados, seguem-se sucessivos e encarniçados recontros, de que o General Tasso Fragoso nos dá uma descrição vigorosa, cheia de movimento e colorido, estribando-se nos depoimentos de Dionysio Cerqueira, Borman, Centurion e do proprio Caxias, actores nessas jornadas sangrentas em que os nossos bravos soldados se cobriram de glorias.

O primeiro delles foi a passagem de Itororó a viva força, — rude combate de desfiladeiro em que se empenhou quasi todo o exercito, soffrendo perdas avultadas, na disputa da ponte do arroio, defendida tenazmente pelo inimigo. Como Napoleão em Arcople, decidiu da peleja a intervenção corajosa de Caxias, conduzindo pessoalmente suas reservas através da ponte, alvejada pelo fogo cerrado dos paraguayos, e electrizando a tropa com a sua exclamação historica: "Sigam-me os que forem brasileiros".

Proseguindo no avanço para o sul, trava, o exercito brasileiro, seis dias depois, a batalha de Avahy. Marchando primeiro para leste, na direcção da capela de Ipané, em vez de ir no encalço do inimigo, Caxias dirige-se em seguida para oeste, afim de aproximar-se da margem do Paraguai e ahi se abastecer nos navios da esquadra. Por essa fórma illude o commando paraguayo sobre a sua verdadeira intenção e obriga-o a perda de tempo com movimentos inuteis. Refeita a tropa, que partira de Santo Antonio sem bagagens, retoma a marcha em direcção ao sul, rumo a Villeta, em cujo caminho, na margem esquerda do Avahy, se installara sobre uma collina, junto ao arroio, a força commandada pelo General Caballero, já reconstituida, depois do revez de Itororó. O generalissimo idealisa a sua manobra: *atacar o inimigo de frente e envolver-o simultaneamente pelos dois flancos para lhe cortar a retaguarda*, aproveitando, assim, a superioridade numerica de que dispõe e as condições favoraveis do terreno, descampado, onde se encontra o inimigo, com seus dois flancos no ar. "Esperava desse modo — diz o General Tasso Fragoso — executar uma manobra de anniquillamento, de que raros inimigos pudesse es- apar para referir o desastre". E na verdade o conseguiu.

Não vamos acompanhar o autor na sua narrativa emocionante desse brilhante feito d'armas do exercito brasileiro, que ali se bateu valorosamente, destroçando por completo o inimigo, em cinco horas de asperrima luta. Teríamos, para isso, de reproduzir as fortes paginas escriptas por elle. O adversario soffreu duras perdas; 800 prisioneiros, 600 feridos, 3.000 mortos.

Com a victoria de Avahy, estava aberta a estrada que conduzia á retaguarda da posição inimiga do Piquisiry. "Terminada a batalha — diz o General Tasso Fragoso — Caxias encaminhou todas as suas tropas

para Villeta; que estava perto, e junto della acampou, cobrindo-se convenientemente do lado do inimigo". Ahi dá um pequeno descanso ao seu exercito e reaprovisiona-o de viveres e munições. Em frente estava já fundeada a esquadra brasileira, á espera dos companheiros do exercito.

"O problema do reaprovisionamento, observa com acerto o General Tasso Fragoso, era, como sempre, de importancia capital. Nenhuma nova operação se poderia emprehender sem que todas as medidas relativas áquelle serviço estivessem convenientemente tomadas. A primeira resolução de Caxias foi criar em Villeta uma nova base, dotando-a de armazens e depositos em que as tropas se fossem suprir. Os transportes de aprovisionamento tinham sido feitos até aquelle instante pela estrada do Chaco, mas, com a cheia do rio e a innundação subsequente, pode-se dizer que essa estrada se tornara impraticavel; havia pois, mister recorrer ao transporte fluvial e, por conseguinte, ao auxilio da esquadra.

"Para apreciar essas difficuldades com justo criterio, não deve o leitor perder de vista a circumstancia de não dispor o exercito de comboios administrativos com organização regular, compostos de viaturas apropriadas ao theatro de operações, bem como de serem rudimentares e insufficientes os trens das unidades tacticas".

Trata, em continuação, das medidas postas em pratica pelo generallíssimo, com o fim de saber o que se passava na sua frente e qual a situação do flanco direito da posição de Lopez. Preoccupava-o sobretudo verificar se a este chegariam recursos do interior. Com tal intuito lançou Caxias uma exploração de cavallaria no rumo geral de leste, sob a direcção de João Manoel Menna Barreto (1.^a D. C.), apoiada por outra divisão da mesma arma, destinada a barrar o caminho de Lomas, "para que Lopez ficasse impossibilitado de enviar, da sua posição do Piquisiry, elementos contra a retaguarda da 1.^a D. C. Descreve as operaçoes preliminares executadas por Caxias para, *de visu*, julgar do terreno em que se encontrava o inimigo, isto é, á retaguarda da organização defensiva estabelecida por elle ao norte do Piquisiry e cujo flanco oeste se apoiava nas baterias de Angustura e o de leste nas lagoas invadiaveis a que acima nos referimos. A posição paraguaya, defrontada ao norte e ao sul pelos aliados, formam agora um immenso reducto, isolado na planicie — cortina de dupla frentes apoiada nas extermidades em obstaculos serios. "A nordeste dessa posição eleva-se uma cochilha conhecida sob a denominação de Itá-Ibaté e de onde se divisava um grande sector do horizonte na direcção do norte. Foi ahi que Lopez estabeleceu o seu quartel-general".

Baseado no testemunho ocular dos que se bateram na região, descreve o General Tasso Fragoso, pormenorisdadamente, as caracteristicas topographicas da cochilha de Itá-Ibaté, promontorio que se alonga para o norte, apresentando uma especie de degrau, e distante cerca de 5.600 ms. de Angustura. Nesse importante accidente do terreno foi que o di-

ciador concentrou o grosso dos seus meios para resistir ao ataque decisivo do exercito brasileiro. "A manobra de Caxias, lembra o autor, contornando pelo Chaco e vindo depois atacal-o na retaguarda, baldara-lhe o esforço e annullara a posição que elle havia cosntruido ao norte do Piquisiry com tanta habilidade e senso tactico. Agora, embora o quizesse, já não dispunha de tempo para levantar construcção identica na mesma região e com frente para o lado opposto. A linha continua da margem direita do Piquisiry estava convertida em posição aberta, de que os alliados se iriam apossar com extrema facilidade".

Resume, em seguida, o plano de manobra de Caxias para conquistar pela retaguarda a posição de Piquisiry; dá-nos a repartição dos meios e a distribuição das missões, assentadas por elle, os effectivos empregados no ataque e, como das outras vezes, valendo-se do depoimento das testemunhas da acção, offerece-nos uma descripção movimentada e empolgante da batalha de Lomas Valentinas, a que conduziu a elegante manobra de Caxias para vencer o ultimo obstáculo erguido pelo inimigo no caminho de Assumpção.

Trata neste capitulo ainda da acção das forças aliadas contra a frente sul da posição do Piquisiry; da intimação feita a Lopez para que se rendesse dentro do prazo de 12 horas, evitando assim derramamento inutil de mais sangue, e registra a resposta negativa do dictador; do ataque a Itá-Ibaté e da rendição de Angustura.

Aprecia o commando de Caxias e as criticas feitas a elle por haver permitido na fuga de Lopez; narra a marcha do exercito aliado para Assumpção, passando por Villeta, e o restabelecimento das communicações fluviaes com Matto Grosso; explica a decisão de Caxias de ausentar-se do theatro de operações e seu regresso ao Brasil, terminando assim uma das mais brilhantes e arduas phases da guerra.

(Continúa).

MADAME RECAMIER E TALLEYRAND

Em conversa com Talleyrand, Madame Recamier perguntou-lhe a quem salvaria, se estivessem em perigo de naufragio — ella ou Stael. Talleyrand respondeu, sincero:

— "Madame, vous savez nager!"

RECOMPENSA ORIGINAL CONFERIDA AO GRANDE PATRIOTA GENERAL NOGUI

Qual é a recompensa ao mesmo tempo mais justa, mais significativa e mais útil que um paiz pode conferir ao homem ainda vivo que lhe prestou serviços assinalados?

A esta pergunta deve o Japão em 1908 uma resposta, cujo alcance podemos imaginar, segundo narra o *Echo de Paris* de novembro do referido anno.

Ao General Nogui, que tomou Porto-Arthur, depois de um sitio cujas peripecias jamais se esquecerá o mundo, o Japão conferiu uma recompensa nacional, porém da mais imprevista, da mais deliciosa, da mais tocante e da mais profunda significação. nomeou-o mestre escola.

O facto, em sua elegância inopinada, seria quasi incrivel, se não fosse attestado, não pelos jornaes japonezes que acharam a causa tão natural que nada falaram a respeito della, mas por um homem prestigioso, qual era o Sr. Lowdon, ministro de Hollanda em Tokio, que acabava de ser nomeado ministro em Washington, e que o relatou como se vae seguir.

Elle fazia em Tokio as suas visitas de despedida, em vista de sua mudança de posto, e entre as personagens de quem desejava despedir-se estava inscripto o vencedor de Porto-Arthur, general Nogui. Foi pois a casa do general que se achava ausente. Disseram-lhe, porém, que elle não tardaria a chegar, como o fazia quotidianamente, desde que tivesse acabado a aula...

???

... "Acabado a aula?" Interrogação, explicação, mas de momento o Sr. Lowdon não conseguia comprehender o que significava aquelle "acabado a aula". Indicaram-lhe então a escola onde o general cumpria pontualmente a sua missão, e, por um movimento, espontaneo, o visitante partiu para lá, afim de prestar ao valoroso soldado uma homenagem ainda mais prompta, no theatrc cívico onde elle exercia os seus talentos de novo genero...

Não ha duas maneiras de encarar o facto: em sua simplicidade rejuvenecida do antigo, é bellissimo! Um povo que tem tales traços de genio, de fazer educar as suas creanças pelos seus proprios heroes, para lhes comunicar ainda mais directamente e mais intimamente a chamma sagrada da emulação, é decididamente sem igual no mundo. Cincimatus mestre escola é maior do que Cincimatus lavrador.

SEÇÃO DE INFANTARIA

Redactor: FLORIANO BRAYNER

Auxiliares: MANOEL GUEDES

COELHO DOS REIS

A Manobra dos T. C. e T. E, dos Corpos de Tropa e demais sub-unidades

Notas da D. G. E. das Escolas de Armas

*Cap. JURANDY TOSCANO DE BRITTO
Aux. Instructor*

Meus Senhores:

Conforme prescreve o nosso programma, fallaremos hoje acerca de um assumpto de summa relevancia, mas infelizmente ainda muito abandonado, pois em regra a elle se liga pouca importancia.

No entanto lembramos um velho axioma que diz:

"não se combate todos os dias, mas, todos os dias se come".

E' para que se lembre de que é necessario prever diariamente á alimentação a ser fornecida ás tropas.

E' o proprio R. S. C. que diz em seu n.^o 976, pagina 395, tratando de ação do commando no reabastecimento: "uma alimentação defeituosa é causa de indisciplina, porque incita o homem a procurar, por suas proprias mãos, o necessário á sua subsistencia, podendo por outro lado occasionar epidemias graves".

Vemos, pois, que a importancia da "boia" é bem grande.

Um estudo bem feito da execução do reabastecimento, a par de um conhecimento perfeito dos meios que para isso são empreagdos nos conduzirão ao fim almejado.

Em primeiro logar fallaremos da organisação dos trens dos corpos de tropa e unidades.

Lembramos que o R. S. C. denomina *corpos de tropa* os regimentos (pagina 366, n.^o 771).

A organisação pormenorizada consta do vade-mecum.

Vamos lembrar por alto as organisações dos T. C. e T. E. dos corpos e unidades com os quaes trabalhamos habitualmente.

Aos senhores ficará o estudo pormenorizado, de vez que, em uma palestra, não cabem os detalhes.

Vejamos os T. C. e T. E. — A título de exemplo damos os trens detalhados da Infantaria:

As outras armas damos em grosso:

ARTILHARIA

| UNIDADES | T. C. | T. E. | TOTAL |
|-------------------|----------|----------|-----------|
| Bia. Montada 75 | 8 | — | 8 |
| Gr. A. M. | 42 | 31 | 97 |
| R. A. M. | 9 | — | 300 |
| Bia. Dorso 75 Mx. | 33 eg. | — | 33 eg. |
| | 3 eg. | | 102 eg. |
| Gr. A. D. mx. | 45 viat. | 31 viat. | 76 viat. |
| R. A. D. mx. | 9 | — | 204 eg. |
| | | | 161 viat. |
| Bia. Dorso 75 eg. | 33 | — | 33 |
| Gr. A. D. eg. | 218 | 240 | 557 |
| R. A. Do. eg. | 9 viat. | — | 1114 eg. |
| | | | 9 viat. |
| Bia. Cav. 75 | 8 | — | 8 |
| Gr. A. Cav. | 42 | 23 | 81 |
| R. A. Cav. | 9 | — | 252 |
| Bia. 105 c. | 8 | — | 8 |
| Gr. 105 c. | 42 | 31 | 97 |

Cavallaria

| | T. C. | T. E. | TOTAL |
|-----------------|-------|-------|-------|
| Esquadrão | 6 | — | 6 |
| Esquadrão Mtrs. | 20 | — | 20 |
| Esquadrão Extra | 22 | 47 | 69 |
| R. C. | 66 | 47 | 113 |

Engenharia

| | T. C. | T. E. | TOTAL |
|----------------|-------|-------|-------|
| Cia. Sap. Min. | 5 | 3 | 8 |
| Cia. Sap. Ptn. | 5 | 3 | 8 |

Como vemos a massa de viaturas ou cargueiros é muito grande e si attentarmos, como devemos, a estes numeros, concluiremos como é complexo o movimento dos T. C. e T. E.

Não basta dizer simplesmente numa ordem, como aliás é habitual: "T. C. e T. E. com suas unidades".

Isto nada significa si não houver sido bem estudado, No caso contrario é o que se chama na gíria: *tirar o corpo fóra*.

Como vimos nos effectivos os diferentes corpos e sub-unidades têm, em seus T. C. e T. E., as características seguintes:

Na I. — um R. I. possue um trem de 199 viaturas; o T. E. é orgão do regimento, não tendo os btl. elementos proprios do T. E.

Quando se destaca do R. I. duas ou mais Cias., ou efectivos equivalentes, o Cmdo. do R. I. attribue-lhes meios de transporte retirados dos recursos do T. E. (R. S. C. n.º 773).

Os B. C. têm um T. E. de cerca de 15 viaturas.

Na A. — O escalão regimento não possue T. E., sendo este um orgão de grupo.

Cada grupo possue um T. E. de 31 viaturas si A. M., 240 cargueiros si Do., 23 si A. Cav.

O total dos trens está nos quadros do vade mecum.

Do mesmo modo que na I. si se destacam 2 bias. o commando fal-as seguir dos meios necessarios.

Na C.—O R. C. possue um T. E. constituido de 47 viaturas de requisição a 4 animaes para 600 ks. de carga util e dividido em 2 sec. de viveres de campanha de 3 viaturas-viveres e 17 de forragem, cada secção, e 1 sec. de reserva com 2 viaturas viveres e 3 de foragem. Além destas tem o T. E. mais 1 cosinha, 1 forja e 2 viat. de carne secca. O total dos trens do R. C. e de 113 viaturas.

Quando destacada 1 ala segúem-lhe os meios necessarios.

Na E.—Sendo o B. E. uma organisação de paz não possue T. E.,

As Cias. como sabemos são empregadas isoladamente; ellas vivem com seus T. C. e dispõem de 3 viaturas de viveres e forragens constituindo um T. E. de 3 secções de 1 viat. cada uma, sendo uma viat. de viveres de reserva.

As Cias. de sap. min. ou de sap. ptn. têm um T. C. de 8 viaturas.

A Cia. de transm. tem 10 viaturas do T. C.

Vamos agora entrar na parte da manobra dos trens.

Como sabemos os trens comprehendem:

Trens de combate e Trens de estacionamento.

Os Trens são formados por um conjunto de viaturas que transportam as munições, o material e os viveres de que as unidades têm necessidade immediata quer em marcha, quer estacionadas, quer em combate.

Como lembrança diremos que estes trens são reaprovisionados em regra geral pelos comboios divisionarios como veremos depois em detalhe.

Quanto aos tipos de viaturas, diremos que variam conforme seu emprego.

As viaturas dos T. C. devem ser *tipo regulamentar* e existentes nas unidades desde o tempo de paz; seu uso deve ser interdicto em serviço de guarnição. São usados em manobras e exercícios.

Creio ser este um cuidado indispensavel para poder termos viaturas para a guerra.

As viaturas dos T. E. são de *requisição, tipo médio*, tiradas a 4 animaes e para 700 ks. de carga util.

As viaturas de carne dos T. E. são para 500 a 800 kgs.

Os cargueiros devem conduzir 80 ks.

Nas viaturas dos T. E. e T. C. só deve ser conduzida a carga que lhe é normal, sendo absolutamente proibida as infracções.

T. C. — Compete ao cmt. do corpo ou unidade regular o emprego do T. C. determinando-lhe logar e articulação; para isso cada grupo de T. C. tem um commandante responsavel e os escalões em que elle venha a ser repartido tambem devem ter chefes. Assim até mesmo uma viatura de v-f. que vae ao contacto com o T. E. deverá ter um chefe.

Em geral fazem parte dos T. C₁, todas as viaturas que são indispensaveis á unidade dentro das condições impostas pela situação tactica do momento; do T. C₂ as viaturas que não fizerem parte do T. C₁, por exclusão.

Não se pode traçar uma norma para esta repartição de viaturas entre T. C₁ e T. C₂, mas algumas regras prescriptas no R. S. C. orientam suficientemente.

NAS MARCHAS

LONGE DO INIMIGO

Deve-se ter em vista o conforto da tropa, refeições a hora certa, bagagens a mão. Deixemos o desconforto para o combate.

Neste caso os T. C. devem marchar junto ás sub-unidades pois assim o cmt. destas, melhor fiscalisa a sua impedimenta.

Cosinhas-rodantes, "boaia", viaturas de viveres e forragens, bagagem e arquivo, agua, tudo junto. As de munição, não necessarias, poderão, para aliviar a columna, ser grupadas por btl. ou mesmo junto aos T. E. cauda das columnas.

PERTO DO INIMIGO OU PARA O COMBATE

Neste caso, sendo possível o engajamento, de que se necessita mais? — munição e material de combate.

Então as viat. de munição, material de transmissões, de saúde e de ferramenta de sapa constituem o T. C₁.

As viaturas restantes compõem o T. C₂.

Os T. C₁ acompanham de perto as sub-unidades promptos a servil-as.

Os T. C2 podem ser reunidos dentro dos btl., grs. ou regimentos formando agrupamento, tendo seus movimentos regulados pelo comando.

Si durante o movimento tem de se fazer distribuição de boia á tropa, o commando põe as V-cosinhas á disposição das sub-unidades para aquele acto.

COMBATE

Os T. C1 constituídos como acima nos referimos approximam-se o mais possível da linha de combate de modo a facilitar o remuniciamento.

A V-cos. e as V-agua ficam no T. C2 sendo postas á disposição das sub-unidades no momento opportuno.

No caso da Infantaria, especialmente, em geral as V-cos. não poderão ir até a frente sendo a distribuição da boia feito em marmitas thermicas carregadas a dorso de homem.

NOS ESTACIONAMENTOS

Os T. C. são movimentados de acordo com o que já dissemos acima, isto se estacionam longe do inimigo, perto do inimigo, em reserva da linha de combate.

Esta parte não apresenta dificuldades e creio que cada um dos señores tem pratica deste assunto.

Para terminarmos a parte do T. C. fallaremos no que o R. S. C. chama *T. C. da Divisão*.

Constituem os T. C. da Divisão, isto é do *escalão divisão*: o Pq. A. D., o Pq. E., a Cia. Eq. Pontes, e os orgãos do S. S. (G. P. D., C. E. D. Ao e Acg.).

Na D. C. constituem o T. C. os orgãos semelhantes aos da D. I..

O movimento dos T. C. de Div. não nos interessa no momento; aliás o R. S. C. e claro neste ponto.

Depois veremos como devemos nos referir aos T. C. nas ordens.

T. E.

Os T. E. são os orgãos imediatos de reabastecimento dos T. C.

Sua organisação permite um certo jogo alternado que assegura a permanencia do serviço.

Elles asseguram ao mesmo tempo o transporte e o reabastecimento viveres necessarios ao consumo diario da tropa.

São por sua vez reabastecidos nos orgãos dos escalões superiores:

Seja da D. I. — mais commumente.

Seja do Ex. —

Os T. E. podem ser reabastecidos em:

- Centros de distribuição (C. D.)
- Estações ou Portos Distribuidores (E. D., P. D.)
- Armazens ou Depósitos.
- Mediante requisições ou compras locaes.

Os C. D. são organizados pelos Cb. A. D. ou Cb. A. Ex.

As E. D. são órgãos do Exército — sobre vias ferreas.

Os nossos gráficos mostram as diversas formas de reabastecimento dos T. E., conforme as distâncias.

O T. E. é composto de 3 secções:

- *Duas de viveres normaes.*
- *Uma de viveres de reserva.*

Cada secção de viveres normaes tem capacidade para um dia de viveres normaes para o efectivo da unidade a qual o T. E. pertence.

A sec. de reserva conduz 1 dia V-reserva.

As duas secções normaes alternam no serviço de modo que enquanto uma está cheia a outra está vazia e vai se reabastecer:

- a sec. cheia — chama-se: de distribuição
- a sec. vazia — chama-se: de reabastecimento

As expressões *cheia* e *vazia* são a proscrever.

As denominações a employar são: *distribuição* e *reabastecimento*.

A sec. de distribuição sempre que possível segue de perto a tropa. à distância conveniente, de modo a assegurar a distribuição á tarde.

E' bom lembrar que os T. C. sempre que possível se reabastecem directamente seja no Cb. A. D., seja com recursos locaes, seja em órgãos do Exército. Neste caso o T. E. constitue uma reserva sobre rodas.

A sec. de reserva do T. E. marcha e estaciona seja junto ao T. E1 (distribuição), seja junto ao T. E2, tudo conforme ordem. A razão é simples: a sec. de reserva deve estar sempre á mão para o caso de qualquer acidente que dificulte ou impeça o serviço normal das outras secções.

A sec. de reabastecimento forma em geral com as secções das outras unidades um agrupamento sob um comando único que não só facilita o serviço como também permite maior ordem nos reabastecimentos junto aos órgãos respectivos.

A sec. de reabastecimento se recompleta no órgão competente de modo que possa regressar em condições de, no mesmo dia si possível, fazer a distribuição aos T. C.

Adeante veremos os diversos modos de jogar com as secções dos T. E. Em geral os T. E. são reabastecidos pela manhã de modo que marchando em seguida poderão distribuir na tarde do mesmo dia ou no dia seguinte.

Os graphicos que tiramos do Vade mecum muito esclarecem isto.

No periodo defensivo tudo fica facilitado, mas no periodo de movimento a cousa se complica.

Uma cousa sempre permanece:

— nos Dest. importantes e no escalão Divisão os T. E. são sempre grupados sob um commando: *commando dos T. E.*

Estes *grupamento* pôde ser em mais de um grupo.

O commando da Div. ou Dest. determina o estacionamento dos grupamentos e regula seus movimentos.

O *cmt. do grupamento* é o responsável pela execução dos deslocamentos e dos reabastecimentos. Na Div. e Dest. importante o cmt. é um official superior.

Para a *distribuição aos T. C.* a sec. de distribuição do T. E. vai até um ponto denominado de *1.º destino* onde elle passa á disposição do seu cmt. de unidade.

Uma vez *vasia* volta ao estacionamento e á disposição do cmt. dos T. E. para ir ao reabastecimento.

Veremos adeante como se faz no periodo de movimento.

Os quadros que damos em annexo nos fornecem informações sobre:

— Tonelagem de reabastecimento para uma D. I. e para uma D. C.

— Escalonamento dos viveres e forragens na D. I.

— Escalonamento da carne.

— Peso das rações: de viveres, forragens, agua e combustivel.

— Rendimento da matança do gado.

São dados a titulo de informação aliás, interessante.

Acho dever chamar a attenção dos senhores para dois dados de *rações* ás quaes, em geral, se liga pouca importancia:

— A ração de *agua* e a ração de *combustivel*.

Vemos que ellas representam um factor peso notável.

E os que conhecem a nossa fronteira do Sul sabem que nas cochilhas não existem mattas e que no tempo secco a agua é pouca...

Será preciso transportar *lenha* e *agua*.

A reflexão dos senhores deixo isto.

E' indispensavel pensar-se no *florestamento*; aliás creio que na região de S. Gabriel, por nós conhecida, já se cuida do plantio de eucalyptos.

Será modificado o aspecto das campinas gaúchas em bem nosso:

O sul de Matto-Grosso sendo semelhante ao pampa gaúcho sofre da mesma falta.

Vamos agora ver como se poderá fazer o jogo dos T. E. e o que deve o commando dizer em suas ordens.

O movimento do T. E. deve ser regulado de tal modo que todo movimento inutil seja evitado.

A etapa maxima que pôde ser percorrida por uma secção de T. E. é de 30 kms. de ida e volta; isto é, o ponto de reabastecimento (centro ou E. D.) e o ponto de distribuição não devem estar a mais de 30 kms. um do outro.

No caso do esforço maximo o ponto de estacionamento dos T. E deverá ser escolhido de modo que as secções, trabalhando alternadamente, façam no maximo 30 kms. por dia, isto é o estacionamento deve estar no maximo a 15 kms. do ponto de reabastecimento.

Este esforço maximo pôde ser pedido sem que cause usura aos T. E. sob condições de que um sistema de revezamento quer de animaes, quer de pessoal, permitta dar um dia de folga após 3 de serviço.

Como sabemos os T. E. têm viaturas de serivços geraes: bagagem, arquivo, etc., além de sec. da reserva.

Ora, si lançarmos mão dos animaes e das guarnições destas viaturas poderemos fazer uma escala que proporcione a folga referida.

Abaixo do percurso maximo os movimentos: dos T. E. são perfeitamente realisaveis.

Se o percurso é de 15 kms. ida e volta, então a situação é muito favoravel permittindo uma folga de *um dia sim um dia não*.

A titulo de exemplo vamos ver como se faria o serviço num T. E. quando o posto de distribuição e o de reabastecimento estão a 15 kms. um do outro: situação inicial.

Dia D — 6,00 — ambas as secções do T. E. completas estacionadas junto aos T. C.

- Dia D — ás 16,00 — Sec. n.^o 1 — distribuiu — vasia
— Sec. n.^o 2 — continuou cheia
- Dia D — ás 18,00 — Sec. n.^o 1 — vae se reabastecer
— Sec. n.^o 2 — sem alterações.
- Dia D1 — ás 10,00 — Sec. n.^o 1 — reabastece-se no C. D.
— Sec. n.^o 2 — sem alteração.
- Dia D1 — ás 16,00 — Sec. n.^o 1 — chegou cheia
— Sec. n.^o 2 — distribuiu vasia
- Dia D1 — ás 18,00 — Sec. n.^o 1 — sem alteração.
— Sec. n.^o 2 — vae se reabastecer.

e assim por deante.

O graphic exclarece melhor.

Nos graphicos nós vemos tres situações:

(1.^o esforços TE — 15 k.

(2.^o > TE — 30 k.

(3.^o periodo de movimento.

Estes graphicos, como já disse, são do Vademeum.

Assim como dissemos que os T. C. sempre que possível reabastecem-se directamente no Cb. AD. ou E. D., diremos que os T. E. sempre que possível reabastecem-se no orgão do Exercito, constituindo neste caso o Cb. AD. uma reserva sobre rodas.

Desde que o ponto de estacionamento dos TE. e o ponto de reabastecimento estão a mais de 15 kms. a Div. intervém com o Cb. A. D. cujas secções de campanha alternam no serviço de receber viveres e forragens do Exercito e entregal-os aos T. E. em centros de distribuição ao seu alcance.

Não entraremos nesta parte.

E' sabido que os T. E. recebem e distribuem a carne verde aos T. E. e em sua falta a carne secca ou salgada.

Como exclarecimento diremos que a carne pode ser entregue já abatida ou então o gado em pé.

Dispondo a Div. de um T. G. D. com 2 dias de carne (168 rezes), pôde ter um escalão avançado, de 1 dia, junto ao bivaque dos T. E. onde organisa um centro de matança.

No caso de ser entregue o gado em pé são organizados centros de matança por grupamento de T. E. sendo a carne transportada em viaturas proprias dos T. E. directamente ás cozinhas.

Quando as tropas são transportadas em comboios ou via ferreas não se lança mão dos viveres dos T. E.

Distribuem-se os viveres de marcha e viveres de desembarques; deste modo toda tropa que desembarca está com seu T. E. reabastecido, isto é, as 3 secções cheias.

O T. C. deve estar vazio pois o T. E. ainda não distribuiu.

Salvo observação em contrario esta deve ser a situação que os Snrs: devem adoptar nos themes quando nelles aparecerem *tropas que desembarcarem EM...*

(Continua)

UM 1.^º PERÍODO DE INSTRUÇÃO NUMA C. M. B.

Cap. MANUEL JOAQUIM GUEDES

Este trabalho não constitue uma novidade e tem por fim, apenas contribuir com uma pequena parcella para facilitar a ardua tarefa de um commandante de sub-unidade.

Foi executado com bom resultado na C. M. II do 2.^º R. I., muito embora não contasse esta Companhia, uma vez siquer durante todo o transcorrer do periodo com os dois terços dos quadros do seu efectivo, ainda havendo lapsos de tempo, aliás bem longos, em que as Seções foram commandadas por Sargentos e cabos, tendo soldados antigos como monitores. Para o bom resultado alcançado muito contribuiu a attenção especial no preparo cuidadoso dos auxiliares de instrucção e monitores, iniciada immediatamente após o periodo que precedeu a incorporação e continuada durante todo o desenrolar do periodo (art. 81 do R. E. C. I. 1.^a parte). O efectivo em praças da Cia. se manteve sempre accrescido de 15 % do fixado, o que permitiu ao Capitão manter, apezar das baixas, empregados etc. sempre completo o seu effectivo.

Pelo avolumado da materia consignada no programma pormenorizado tem-se a impressão a simples vista, ser um tanto demasiada e impossível a sua execução, entretanto desde que seja applicado o methodo preconisado pelo regulamento, facil se torna verificar, ser francamente possível a obtenção do resultado. Para isso é necessário porém, que todos os ramos da instrucção sejam atacados simultaneamente e dentro de cada ramo abordados varios assumptos e para estes organizados pelas fichas onde se procure obter o maximo de execução por parte dos recrutas e o minimo de palavras por arte dos instructores e monitores. Assim no Armamento e Tiro seja iniciada a instrucção de todas as armas e a preparatoria de tiro, simultaneamente, na ordem unida, desde o 1.^º dia da instrucção preliminar os homens recebam a instrucção sem arma, a instrucção com arma e a instrucção do conductor, no combate sejam atacados desde o primeiro dia. Varias partes da instrucção individual, (incutindo porém sempre no espirito do homem a idéa do trabalho dentro da unidade constituida), que nesta epocha esfá sendo ministrada na maneabilidade por exemplo, conhecimento e estudo do terreno, aproveitamento do terreno, noções de direcção e orientação, transmissões de ordens, informações e signaes etc. Do mesmo modo se procederá quanto a maneabilidade, a organisação do terreno a instrucção geral e a ed. moral.

O emprego deste methodo preconisado aliás pelo regulamento (art. 77 do R. E. C. I. 1.^a parte) permitte que nos diversos ramos da instrucção e nas epochas adiante descriminadas se obtenha os seguintes resultados:

Que na 3.^a semana de instrucção do periodo propriamente dito, já possam as Seções ir ao Campo com o material, sobre cargueiros, marchando regularmente e em condições de executarem uma canção, quando do seu regresso ao quartel. (Epocha que satisfaz plenamente o determinado no art. 92 do R. E. C. I. 1.^a parte, quanto a ida ao campo do F. M. H. e consequentemente da Mt. Leve e Pesada). Que o tiro de Fz. seja iniciado na 4.^a semana de instrucção (Na C. M. II. foi iniciado na 2.^a Semana, por ter a instrucção de tiro começado no periodo preliminar, em virtude de ordem superior) e os tiros de F. M. H. e Metralhadoras leve e pesada na 6.^a semana (Na C. M. II na 4.^a Semana) que na 14.^a Semana os recrutas estejam em sua maioria em T. 10, 11 e 12 de Fz., T. n.^o 7 de F. M. H. (As Cias. de Mtrs. só executam os Ts. n.^o 1, 2 e 7), tiros 5 e 7 de Metralhadoras leve e pesada; já tenham executado alguns lançamentos de granadas de exercicio e em condições de iniciarem os melhores atiradores os exercícios preparatórios para o tiro contra avião. Que na 8.^a Semana a Cia. esteja em condições de desfilar em completa ordem da marcha e executar demonstrações de maneabilidade e combate, tudo perante o Cmt. do Btl., quadros e tropa do mesmo Btl., sendo as Seções dirigidas no momento do exercicio e os assumptos fixados na confirmação semanal do Major, sendo que no combate a situação é entregue aos quadros componentes de todas as Seções da Cia., na ante-vespera do exercicio. (Isto permite ao Major a verificação do adiantamento da sub-unidade nos assumptos já ministrados, sem dar margem a preparações previas).

Que no armamento os homens mais atrasados desmontem e montem a Metralhadora pesada em dois minutos, a leve em sete minutos e o fuzil em 1'15" e todos os homens da Cia. desmontem e montem qualquer arma com os olhos vendados; que enchem os carregadores com a machina e com a mão em 1' e que todos executem essa operação com os olhos vendados.

Que na organização do terreno, construam o espaldão para metralhadoras em trinta minutos, terra fraca.

Que a Cia. entre na 10.^a Semana em fórmula, indo buscar os animaes nas baías em completo ordem de marcha (faltando apenas municiar) sem o T. C. (A Cia. não o possui, pois não será difícil obter este tempo, desde que se faça um treinamento diario) em 15 minutos e que o carregamento inclusive o encilhar fosse executado em 80 segundos e o descarregamento inclusive o desencilhar fosse terminado aos 70 segundos — ; que na 8.^a Semana a Cia. possa executar uma marcha de 18 kms., equipamento com meia carga, que na Instrucção geral e Ed. Moral estejam os homens no fim do periodo em condições de executarem a prova exigida e constante

da letra e do art. 112 do R. E. C. I. 1.^a parte — Finalmente resta-me a Educação Physica, que necessita uma attenção especial para que no periodo fixado (17.^a semana) possam após o exame, passar da categoria de normaes para selecionados, o maior numero de homens possivel, resultado este, que define o modo porque foi conduzida na Cia. esta instrucção, pois o exigido como provas do exame de recrutas (letra a do art. 112 do R. E. C. I. 1.^a parte) é facilmente alcançado.

Ao terminar o periodo os resultados já ennunciados são, alguns mantidos, porém executados com maior precisão, outros enfim ultrapassados, todavia ambos permittindo que os recrutas sejam após os exames considerados mobilisaveis, isto é aptos a agir no ambito da Secção, em qualquer situação em Campanha (art. 88 do R. E. C. I. 1.^a parte).

N. B. — Estes resultados foram obtidos pela Cia. sob o controle do Sr. Major Edgar de Oliveira então cmt. do Btl.

(Continúa)

A Russia Armada

Desde 1926 que uma proclamação do Soviet Militar obriga todos os estabelecimentos do ensino superior da U. R. S. S. a organizar cadeiras de disciplina militar. Cada escola está ligada a uma determinada arma. Assim é que os institutos de architectura e as escolas forasteiras estão ligadas á engenharia; as de mechanica, á artilharia; o ensino medico e veterinario, á directoria dos serviços de saúde, etc. No interior desses estabelecimentos foram installados escriptorios militares e laboratorios. Os cursos de instrucção militar são obrigatorios. As faltas são punidas com todo o rigor da disciplina dos soldados. Si o alumno não é aprovado num unico exame militar que seja, fica impossibilitado de passar para o curso seguinte. Os cegos, os claudicantes e os coreundas, homens e mulheres, de 18 a 40 annos, são isentos do ensino militar obrigatorio. O exito nessa materia é uma condição necessaria para a permanencia nas escolas superiores.

As ferias de verão, de dois mezes, são convertidas, em todos os cursos, em 45 dias no campo de manobras. Durante o periodo que passa num campo, torna-se o estudante um verdadeiro guarda vermelho com todas as consequencias que derivam dessa condição.

No inverno, as decisões concernentes aos estudos militares são tomadas por chefe de ensino militar dos cursos.

WEILENMAN

observações ba

até 2000^m

1500
1450

1400

1350

- 28 mm.

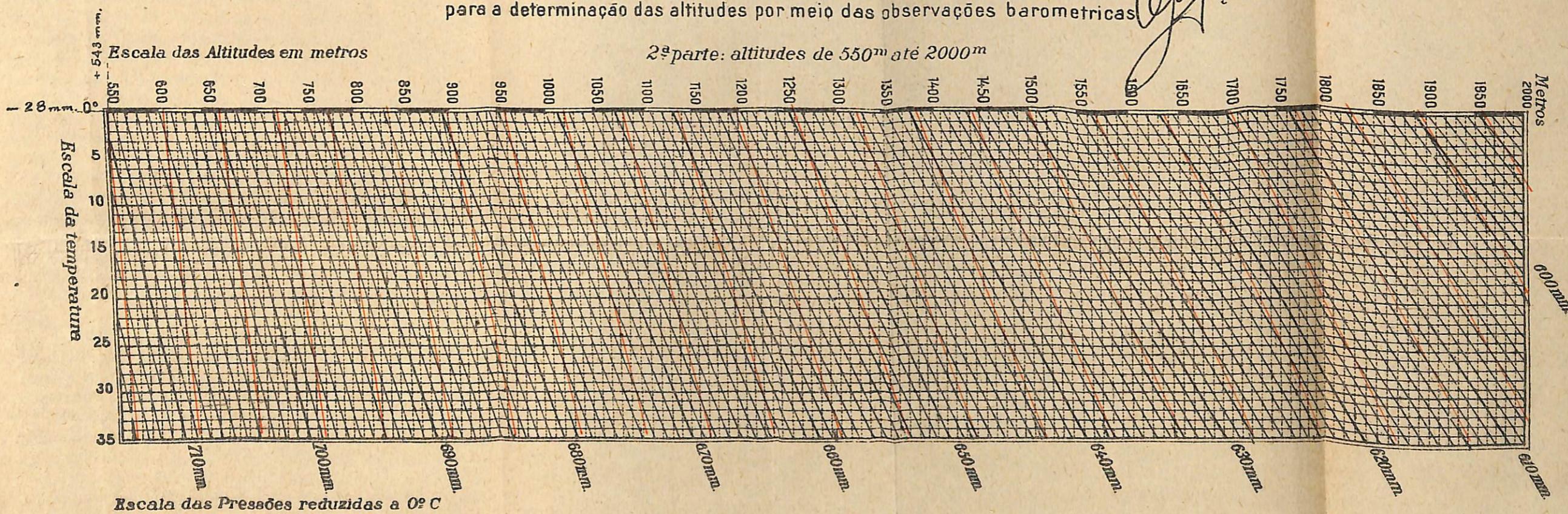
Escala da temperatura



PROCESSO GRAPHICO DO PROF. A. WEILENmann

para a determinação das altitudes por meio das observações barometricas

*Olympe
J. Weilenmann
cap*



A substituição e o transporte dos canos sobresalentes de F. M. H.

Cap. SOUZA AGUIAR

As situações mais variadas que se podem apresentar na guerra resumem-se sempre, para o soldado, na missão e na ação do seu G. C. Em qualquer circunstância e enquanto houver no G. C. um soldado ou graduado, cabe a um destes o dever de temer o fuzil-metralhador e polo em ação. O G. C. possue a capacidade completa da infantaria para o fogo e o movimento, sendo que uma das propriedades essenciais é o facto de que, bem municiado, elle conserva uma potencia de fogo que independe de seu efectivo, sendo, por estes e outros motivos, a unidade elementar de tiro, etc.

Por outro lado, o *fuzil-metralhador* constitue a arma essencial do G. C. e a sua razão de ser. Pelas expressões abaixo, podemos avaliar a importancia do elemento fogo no campo de batalha.

O ataque é o fogo que progride.

A defesa é o fogo que detém.

O fogo é por conseguinte o factor preponderante do combate.

Levando em consideração o que foi dito acima que são verdades contidas nos regulamentos e por nós sentidas durante a Revolução Paulista de 1932, fomos obrigados a tratar com maior carinho dos F. M. H. de nossa Cia.

Assim sendo, tivemos a atenção voltada para os 9 canos sobresalentes que são distribuidos as Cias. de Fuzileiros e que no entretanto não podiam ser substituídos em campanha em virtude da falta de meios e ainda que os referidos canos eram conduzidos envolvidos em estopa e acondicionados em cunhetes vazios, tornando-se uma verdadeira inutilidade para os Capitães, em vista da impossibilidade de serem utilizados. Procuramos pois, realizar praticamente a nossa observação e

apresentamos á Directoria do Material Bellico, *um cofre para guardar, conservar e transportar os canos sobresalentes, e ainda um tira-canos para F. M. H.*; collocamos assim o material em optimas condições de emprego e imediatamente ao alcance de quem os tenha de utilizar. Tivemos em vista proporcionar aos commandantes de companhias um processo rapido que lhes permitta substituir os canos dos seus F. M. H. dentro do ambito de suas Cias. e ainda, se as necessidades do momento a tanto os obrigar, a substituição poderá ser feita dentro da propria trincheira, pois que o apparelho completo, pesa apenas 21 kilos e é totalmente desmontavel permittindo assim um facil transporte.

Na construcção do referido material procuramos attender as condições de serviço, isto é, satisfazer o mais possivel as questões de simplicidade, maneabilidade e segurança.

CARACTERISTICAS DO TIRA-CANOS:

Fixador da caixa da culatra

» do cano

Mandril

| | |
|-----------|-------------|
| Alavancas | simples |
| | com chaveta |
| | em chave |
| | em bisel |

Peso total do apparelho: 21 kilos

Peso total do cofre, com o tira-canos e os 9 canos: 59 kilos.

CARACTERISTICAS DO COFRE

comprimento 0,85

largura 0,14

altura 0,58

peso vasio 21 k.500

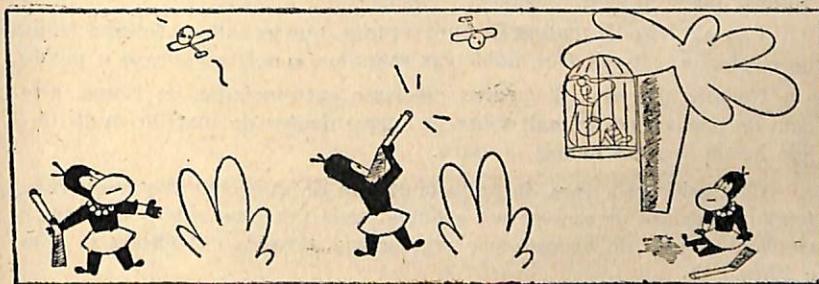
Confeccionado em pinho revestido de folha de ferro com capacidade para 9 canos, um tira-canos e algum material de limpeza. Possue 4 pés-roldanas, uma barra giratoria que duplica a base no sentido transversal, dando assim perfeita estabilidade ao cofre. Nos lados existem alças destinadas ao transporte. Os canos dispõem-se verticalmente, separados uns dos outros e completamente imobilizados, sendo a sua conservação perfeita, mesmo ao relento, graças ao revestimento externo do cofre e ao processo de fechamento da tampa.

O revestimento interno deverá permitir um acondicionamento confortável ao material.

Todo o material acima descripto, após as experiências realizadas em presença das autoridades competentes foi encaminhado ao Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, onde se encontra em fabricação.

Aproveitamos a oportunidade e pedimos venia ao Exmo. Snr. Gal. Ministro da Guerra para offertarmos ao Exercito esta modesta contribuição do nosso esforço em prol do seu desenvolvimento material.

OS PERIGOS DA 5.^a ARMA



O Marajah que passa...

Pelas ruas de Jaipur o desfile solenne de elephantes cobertos de brocado, ouro e pedrarias parece uma pagina viva das "Mil e uma noites". E' o Marajah que se dirige com seus convidados, de honra e seu sequito numeroso á caçada ao tigre.

Na vida faustosa dos principes hindús esse sport, verdadeiramente regio, constitue uma distracção favorita. Os preparativos para tão pomposo acontecimento são de grande importancia e começam com bastante antecedencia.

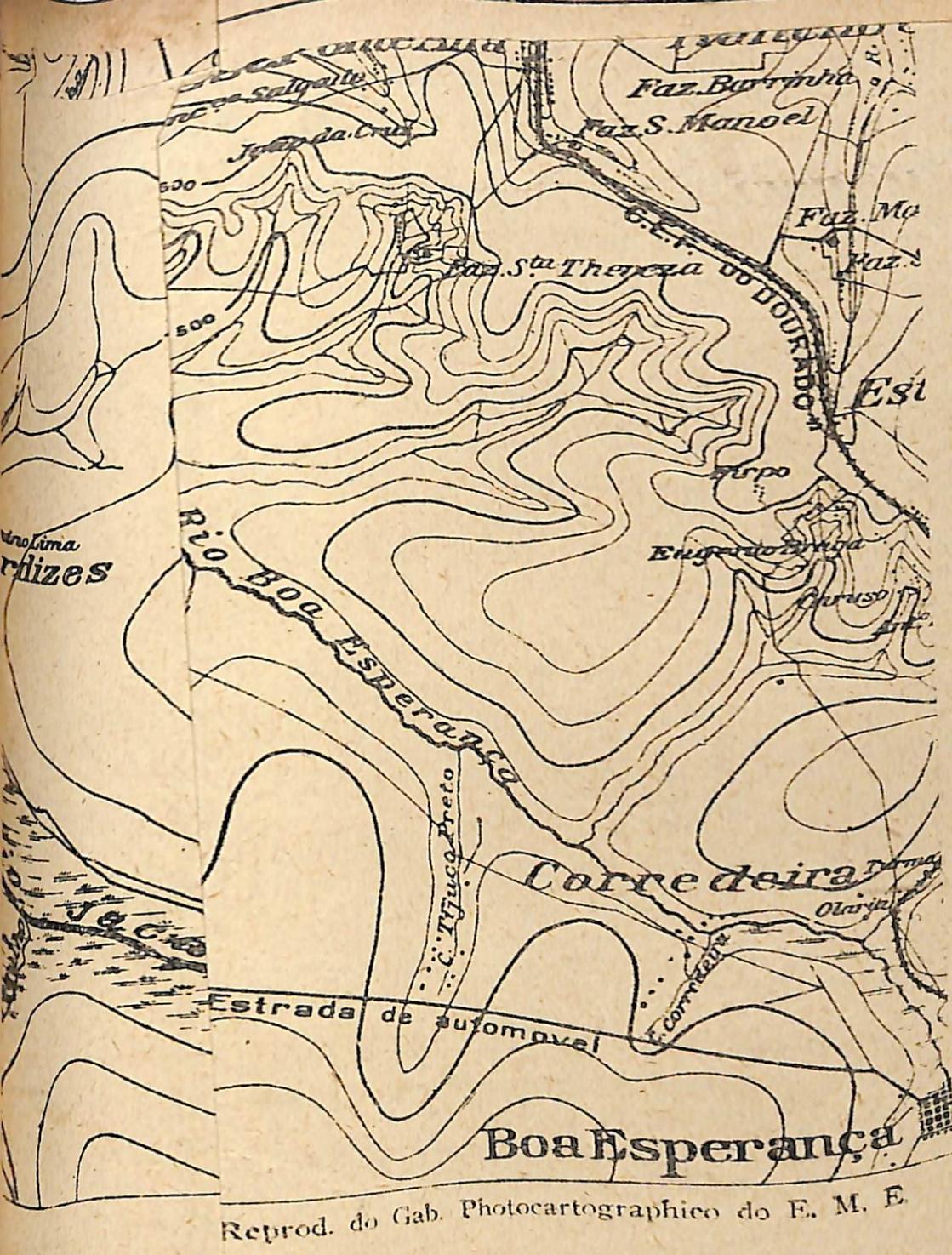
Enganam-se os que dizem que os tratamentos de belleza, pinturas e vaidade são apanagos do sexo feminino; os elephantes do Marajah são submettidos na vespera da caçada a um completo ritual de "beauty parlor". Conduzidos pelos guias, vão banhar-se demoradamente no rio, depois do que deixam-se secar ao sol, seguindo-se então o embellezamento. As unhas são aparadas e esmaltadas; as do elephante do Marajah são douradas enquanto que as do Marajah terá as suas prateadas. Uma pomada escura applicada sobre as crelhas, a testa e a tromba torna-se aptas para receber a pintura que obedece a desenhos sagrados em vermelho, azul e branco e arabescos dourados ou prateados. Depois, desse tratamento preliminar, os elephantes, em parque fechado, repousam até o amanhecer; ás primeiras horas do dia começa então a toilette dos pachydermes.

De joelhos, elles recebem sobre o immenso dorso um maravilhoso manto em velludo vermelho, verde ou amarelo, ricamente bordado de ouro, que chega quasi até o chão; cordas de prata terminadas de grandes borlas sistem-n'o como uma cortina de palco. Sobre essa coberta, um pequeno tapete de seda cobre as almofadas sobre as quaes será collocado o "howdah" de metal precioso que serve de abrigo ao maradjah ou aos grandes dignatarios.

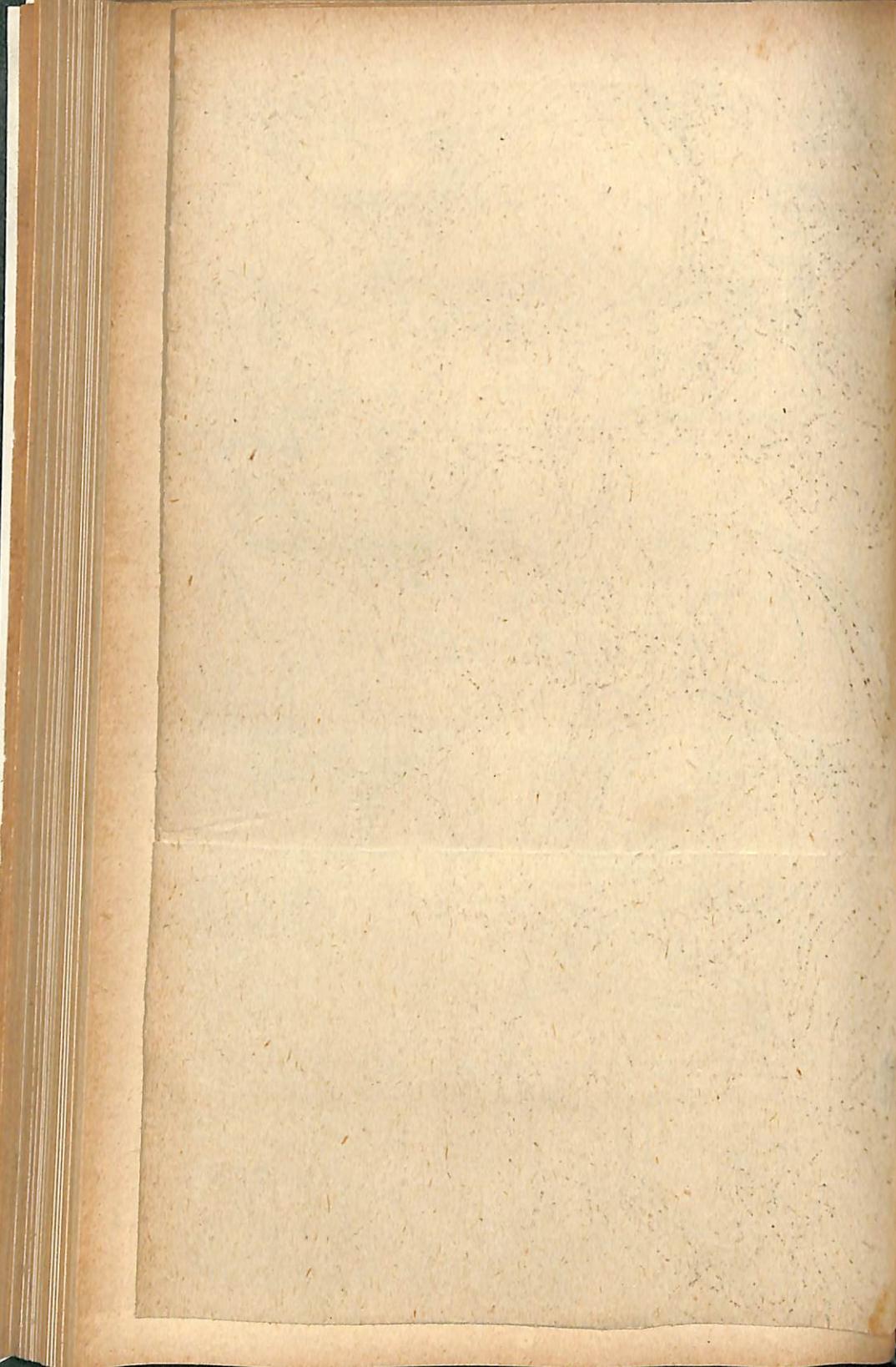
Um véo feito de malhas de ouro e prata, que se coloca sobre a fronte do elephante, ostenta tres emblemas sagrados, o sol, a cobra e o pavão.

Collares diversos, de pedras preciosas entremeiadas de flores, pendem do pescoço do animal; sobre os longos dentes de marfim muito polido luzem grandes anneis de ouro.

Conduzido pela vara de prata cinzelada do guia, em vestes de gala, tendo a cadencia de seus passos acompanhada por uma sineta de ouro, o elephante, cheio de majestade e imponencia, rivalisa em elegancia com o Maradjah.



Reprod. do Gab. Photocartographico do E. M. E.



SECÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: F. D. FERREIRA PORTUGAL
Auxiliar: DANTAS PIMENTEL

EXERCICIOS DE TACTICA DE CAVALLARIA

Cap F. D. FERREIRA PORTUGAL

A Descoberta de Segurança

(continuação do n.º 254)

2 — A MARCHA DO DESTACAMENTO DE DESCOBERTA NA ZONA DE INSEGURANÇA

Em Faz. da Barra o Cap. Cmt. do Dest. de Descoberta n.º 3 deverá regular a sua progressão até a região de Gavião Peixoto. (cerca de 30km.).

O Dest. vae deixar a zona de segurança, proporcionada pelos elementos da D. C., estabelecidos na linha do Jacaré Pepira, e penetrar no "desconhecido".

A sua marcha terá, agora, um outro carácter.

Não será possível regulal-a em função do dispositivo ou da attitude a tomar na região de destino — Gavião Peixoto — porque, antes de tudo, não ha a certeza de lá chegar.

Mau grado as hypotheses feitas sobre as possibilidades do inimigo, não é impossivel que o Dest. tenha de lutar contra a sua intervenção ao Sul daquella região.

Nessas condições, elle deverá marchar em guarda, prompto para agir de acordo com os imprevistos que surgirem e sempre nas melhores condições para cumprir a missão que lhe foi imposta e cujas bases são estas:

- transpor o Jacaré Pepira ás 5,30 de 2
- alcançar Gavião Peixoto antes de 10,30.
- evitar as resistencias secundarias
- deante de forças importantes, tomar um contacto offensivo (para obter as informações necessarias ao engajamento ulterior das Vgs. da Divisão).

REGULAÇÃO DO MOVIMENTO

Embora se trate de um elemento de pequeno effectivo, que sempre estará sob a acção de commando directa do seu chefe, as operações a emprehender jamais deverão ser reguladas de improviso, a êsimo, sob o pretexto de que o seu cmt. estará em condições, a qualquer momento, de alterar-lhe a orientação imprimida, deante de uma situação nova. Em nenhum escalão de commando pôde ser desprezada a obra de previsão do chefe.

— Quaes são as questões que devem ser reguladas em uma ordem de movimento nas proximidades do inimigo?

— Podemos reunil-as n'um pequeno quadro:

| | | | |
|--|--|---|--|
| <i>Marcha de um Dest. de Descoberta perto do inimigo</i> | <i>Grosso</i> | { lanços eixo de marcha dispositivo, velocidade condições de tempo | { composição missão eixo, zona de acção condições de tempo informações a ensinar velocidade fim de missão. |
| | <i>Informação (segurança do chefe)</i> | { Reconhecimentos Patrulhas | |
| | <i>Medidas de Segurança</i> | { Destacamentos de Segurança Medidas tomadas no interior do dispositivo | |
| | <i>Protecção da tropa</i> | } Vg.—Patrs. de flanco e de Rg. } Articulação do dispositivo (formações) | |
| <i>Marcha de um Dest. de Descoberta perto do inimigo</i> | <i>Defesa contra a Aviação</i> | { contra a observação contra a agressão | { vigilância dispositivo { dispositivo intervenção pelo fogo |
| | | | |

A. — Operações do Grosso

a) *Lanços*

Toda vez que se encara um problema de marcha, a primeira questão a determinar é a região de destino (de acordo com a classica formula

"para onde ir?"). Não sendo possível regular o movimento até Gavião Peixoto, de uma só vez, divide-se a estapa total em percursos intermediários que podem ser realizados, em segurança, de acordo com as informações que sucessivamente forem obtidas.

Esses percursos intermediários são os lanços que o Dest. deverá executar. No fim de cada lança o Cmt. do Dest. recolhe as informações pedidas aos seus reconhecimentos e, em função delas, prepara o lançamento ou a operação de busca de informação que se impuser.

Cada lança, portanto, constitue, para o grosso, uma operação particular "que deve ser tratada objectivamente".

De começo, os lanços devem ser de grande amplitude para não retardarem muito a progressão. Entretanto, a medida que o Dest. se aproximar do inimigo, a situação imporá lanços mais curtos.

— No nosso caso, qual será o objectivo do 1.º lança?

A região de Forquilha, onde serão recebidas as primeiras informações dos reconhecimentos.

b) *Eixo de marcha*

Sabendo "para onde ir" — região de Forquilha — é necessário determinar "por onde ir" — isto é, o eixo de marcha. Há duas estradas entre Faz. da Barra e Estiva que materializam dois eixos de marcha. O cmt. do Dest. escolhe uma delas — a do N., p. ex.

c) *Dispositivo, Velocidade*

"Como ir?" — O dispositivo de marcha será uma só columna (coluna de estrada por 2 ou por 3) enquanto o ambiente for favorável.

Todavia, o Dest. terá de tomar, instantaneamente, uma formação aberta se as circunstâncias o exigirem (intervenção da aviação contrária, necessidade de atravessar as partes do terreno sobre as quais é mais fácil a observação inimiga — cristas, espaços livres entre duas cobertas, etc.).

A velocidade de marcha para o primeiro lança não deve ir além de 7km/H. para permitir aos reconhecimentos, que vão sair pouco antes do destacamento, ganharem distância.

De qualquer sorte, é necessário lembrar que o Dest. deve realizar a etapa Faz. da Barra — Gavião Peixoto ($30km$) em menos de 5 h. (de 5,30 às 10 h p. ex.) o que corresponde a uma média horária de uns 6km,5 aproximadamente. Levando em conta as paradas no final de cada lança e os imprevistos do fim da etapa (proximidade do inimigo), esta média só será obtida com uma velocidade de deslocamento de 7 a 8 km.

d) *Condições de tempo*

“Quando ir?” — E’ uma questão já regulada pela ordem da D. C. O Dest. deve transpôr o Jacaré Pepira ás 5,30 de 2. Para isso, basta sahir de Faz. da Barra 5’ antes (500 ms.).

B — Medidas de segurança

As medidas de segurança comprehendem:

“— *segurança do chefe* que garante, ao commando, a sua liberdade de acção;

— *Protecção das tropas* que tem em vista collocal-as ao abrigo das surpresas terrestres e dos perigos do ar.

Este duplo papel da segurança se applica:

- a *todo o chefe*, qualquer que seja o seu escalão de comando;
- a *toda a tropa*, qualquer que seja o seu effectivo”.

— Quaes serão as medidas de segurança a tomar, tendo em vista realizar, com o grosso, a operação prevista (marcha até Gavião Peixoto) e particularmente o 1.º lanço (até Estiva)?

Vejamos.

a) *Informação (segurança do chefe)*

As informações necessarias serão fornecidas pelos reconhecimentos e pelas patrulhas.

No caso, haverá necessidade de enviar dois reconhecimentos: um por Forquilha para Gavião Peixoto e outro por Perdizes para passagem de Dr. Gastão de Faria.

A acção do Rec. n.º 1 será regulada da seguinte forma:

Composição — Para a missão propriamente de reconhecimento bastariam alguns cavalleiros. Entretanto, como a missão do Rec. n.º 1 terminará em Gavião Peixoto e ha todo o interesse em manter a ponte sobre o Jacaré Guassú até a chegada do Dest., é preciso que se lhe attribúa algum elemento de força (mais 1 G. C., p. ex.). Isso não lhe tira a característica que o regulamento dá aos reconhecimentos. Basta lembrar esta prescripção: “Por vezes, o reconhecimento é constituído de autos metralhadoras, acompanhados, si for o caso, por uma fracção de dragões transportados” (Reg. Cor. 3.ª parte n.º 74). Ora, desde que não se dispõe

de A. M. C. e de dragões trnasportados, tal reforço será obtido com ele mentos a cavallo.

Missão — a missão será de reconhecer as passagens 6 km. N. de Forquilha (no rio Boa Esperança) e 1km. S. de Gavião Peixoto (no Jacaré Guassú) assim como manter esta ultima até a chegada do Dest.

Eixo — O eixo de progressão do Destacamento.

Hora de partida — Os reconhecimentos, em principio, não operam a noite. Todavia, valendo-se das informações fornecidas pelos elementos de Faz. da Barra que têm percorrido as imediações N. das passagens do Jacaré-Pepira, é possível fazel-os partir antes do amanhecer e attingir Estiva ás 5,30 (quando o grosso inicia o movimento). Para isso, basta partir ás 4 h. (9 km. a 6 km./H.).

Informações — O Cmt. do Dest. quer ser informado, mesmo negativamente, da passagem do Boa Esperança e de Gavião Peixoto. Como o Rec. n.º 1 attingira a primeira dessas passagens ás 7 h. approximadamente (11 km. a 8 km./H.) poderá informar ao Dest., ás 7,30, quando este estiver attingindo Forquilha (estafeta percorrendo 12 km./H.).

A 2.^a informação (de Gavião Peixoto) o Dest. aguardará na passagem do São Lourenço onde deverá chegar ás 8,40.

Velocidade — Não é possivel fixar uma velocidade aos Reconhecimentos. Entretanto, enquanto não se chega aos primeiros contactos é admissivel contar-se com uma velocidade media horaria de uns 8 km. Para os estafetas (conforme as condições da cavallaria e a região em que se opera) pôde-se prescrever uma velocidade determinada. No caso seria 12 km./H.

Fim de missão — Já fizemos referencias ao fim da missão do Dest. n.º 1: manterá a passagem Sul de Gavião Peixoto até a chegada do Grosso do Dest. (durante 1 h. mais ou menos).

Não discutiremos a ordem ao Rec. n.º 2 que carece de importancia.

b) *Protecção da tropa*

1 — DESTACAMENTOS DE SERURANÇA

Vanguarda

Missão — Esclarecer a columna na direcção de marcha;
— reconhecer o terreno;
— proteger os elementos do grosso contra as surpresas terrestres;
— preparar a entrada em ação do grosso, no caso do Dest. ter de atacar para a conquista das informações.

Distancia do grosso — De acordo com o terreno, em condições de proteger o grosso contra todos os fogos das armas automaticas (2.000 a 3.000 m.).

Composição — um pelotão.

Patrulhas de flanco

Missão — Proteger a columnna contra as surprezas terrestres, evitando que ella cahia sob o fogo das armas automaticas do inimigo.

Distancia do eixo de marcha — uns 2.000 a 3.000 m.

Duração da missão — No nosso caso, elles terão de agir como as flanco-guardas fixas, isto é, terão de cobrir a columnna contra as ameaças vindas das direcções (estradas) que incidem no eixo de marcha (estrada de automovel Bôa Esperança — Forquilha, estrada Bôa Esperança — bifurcação 4 km. N. de Forquilha, etc.). Para cumprir a sua missão de protecção, elles devem estabelecer-se nas immediações das referidas estradas, a uns 2.000 ou 3.000 m. do eixo de marcha da columnna e, ahí, permanecer até que esta haja escoado. Deverão estar em posição com alguma antecedencia, para o que marcharão como escalão de reconhecimento da Vg. Só deixarão o seu posto quando a columnna houver desaparecido. (Ver croquis n.º 2) A duração da observação será de uns 20 ou 30'.

Effectivos — Estas patrulhas são constituidas com o menor efectivo possível (3 a 4 homens), pois o seu raio de acção é muito restrito e é necessário economizar os meios empregados na segurança.

Retaguarda — Será constituída por uma patrulha de rg.

2 — SEGURANÇA CONTRA É AVIAÇÃO

E' de duas ordens:

- contra a investigação aerea
- contra a aggressão aerea

— A segurança contra a investigação aerea é obtida pela obediência ás prescrições regulamentares que regulam a questão:

- observação do ar em permanencia;
- utilização das partes da estrada que menos denunciem o movimento;
- immobilidade em caso de aparecimento de um avião;
- emprego de signaes de alerta regulamentares ou convencionados (clarim, apito, etc.).

Contra a aggressão — Tomada instantanea das formações dispersas que o regulamento prescreve para os casos de surpresa.

Reacção pelo fogo com todos os meios do Dest. (Mtr. F. M., Mosquetões).

A ORDEM PARA E MOVIMENTO

A ordem para o movimento é dada verbalmente aos cmts. de pelotões, da sec. de mtrs. e dos reconhecimentos n.ºs 1 e 2.

Seria dada em Faz. da Barra logo após a chegada do Dest. isto é, ás 0h. Poderia ter esta fórmula:

I — Situação

a) Inimigo:

Forças de cavallaria inimiga, (talvez uma D. C.) vindas do N., attingiram, na tarde de hoje 1.º, a região de taquaritinga.

Seus elementos avançados podem attingir, na primeira parte da jornada de amanhã, 2, a linha do rio Jacaré-Guassú.

b) Tropas amigas.

A 1.ª D. C. vae estabelecer-se em cobertura, a 3, na linha rio Jacaré Guassú-Rib. das Cruzes, devendo attingir amanhã, em meio da jornada a região de Bôa Esperança.

II — MISSÃO DO DEST. n.º 3

- a) Informar si as forças inimigas transpuzeram o rio São Lourenço;
- b) No caso afirmativo: por que eixos progridem seus grossos;
- c) Qual a natureza, importancia e situação dessas forças;
- d) Na jornada de 2 e noite 2/3 deverá manter a posse da passagem do Jacaré-Guassú ao Sul de Gavião Peixoto e fazer vigiar a de N. de Dr. Gastão de Faria.

III — CONDIÇÕES RELATIVAS AO CUMPRIMENTO DA MISSÃO ZONA DE ACÇÃO — a W. da linha (exclusiva)

Barraca — Est. Pedra Branca — Parte da estrada de Ferro (4 km. S.E. de Gavião Peixoto) — crista entre Cor. do Netto e cor. do Bebedouro — Rib. Itaguerê (desde Cor. dos Porcos até a sua confluencia com o cor. que nasce em Est. Uparoba) — Est. Cambuhy Cor. Tamanduá.

Conducta em presença de inimigo

- a) Em caso de encontro ao Sul do rio Jacaré-Guassú o Dest. deverá empenhar-se afim de alcançar a passagem de Gavião Peixoto, ou pelo menos preparar a entrada em acção da Vg. da D. C.
- b) Em caso de encontro ao N. do rio, antes da Divisão haver tomado o seu dispositivo de cobertura (10 h de 3) o Dest. esforçar-se-ha por retardar a sua progressão na direcção de Gavião Peixoto.
- c) Depois dessa hora o Dest. tomará o contacto sómente com o propósito de assinalar ao Cmt. da Divisão a situação do inimigo ao Sul do São Lourenço, como prescreve a missão.

Linhos successivas a attingir:

- a) Jornada de 2: rio Jacaré Guassú
- b) > > 3: rio São Lourenço

Informações: mesmo negativas deverão ser enviadas de Gavião Peixoto e do rio São Lourenço. Um C. A. I. funcionará em Bôa Esperança desde 12 h. de 2.

Duração provável da missão: até o fim da jornada de 4.

Ligaçāo com a Desc. Aerea: a pedido do Dest.

IV — EXECUÇÃO DO MOVIMENTO.

E' minha intenção preceder os elementos inimigos na linha do Jacaré-Guassú. Para isso, o movimento será regulado de fórmula a ser attin-gida a passagem S. de Gavião Peixoto até ás 10 h. (dez) horas de 2.

- a) *1.º lanço:* Entroucamento 1 km. S. de Forquilha
- b) *Itinerario:* Faz. da Barra—Faz. Bôa Vista—Estiva—Forquilha
- c) *Ordem de marcha:* 2.º, 3.º, 4.º, Pelotões, Seç. Mtr. e Posto Radio.
- d) *Velocidade:* 7 km./H.
- e) *Hora de Partida:* de Faz. da Barra ás 5,25.

V — DISPOSIÇÕES RELATIVAS Á SEGURANÇA

A — Reconhecimentos — (quadro)

B — Vanguarda

— 2.º Pelotão

— Partida de Faz. da Barra ás 5,15.

C — *Patrulhas de flanco* (para o 1.^o lanço)

— Fornecidos pelo 3.^o Pelotão.

— Lançadas nas direcções de Barraca (N. E. Faz. da Barra) Barracas (N. E. de Estiva) estrada de automovel Forquilha — Bôa Esperança.

— Effectivo maximo das patrulhas 4 homens.

— Marcharão desde Faz. da Barra com a Vg.

D — *Rg.* — 1 esq. do 4.^o Pelotão.

E — *Segurança contra a Aviação*

a) *Vigilancia do ar.*

— A cargo da Sec. Mtrs.

— Signaes de alarme, fim de alarme, etc. regulamentares (clarim).

b) *Intervenção pelo fogo:* mediante ordem do Cmt. do Dest.

VI — Os T. C. permanecerão em Faz. da Barra até a passagem do Regimento.

NOTA — “Nenhum official, graduado ou cavalleiro que faz parte de um Destacamento de Descoberta deve conduzir consigo ordens ou papeis cuja captura forneçam indicações uteis ao inimigo”. Por essa razão, a presente ordem, além de ser verbal, contem todas as indicações recebidas pelo capitão para que os seus subordinados immediatos não fiquem na impossibilidade de continuar a operação na falta do Cmt. do Dest.

(Continúa).

A' venda na DEFESA NACIONAL

O PRINCIPIANTE DE RÁDIO

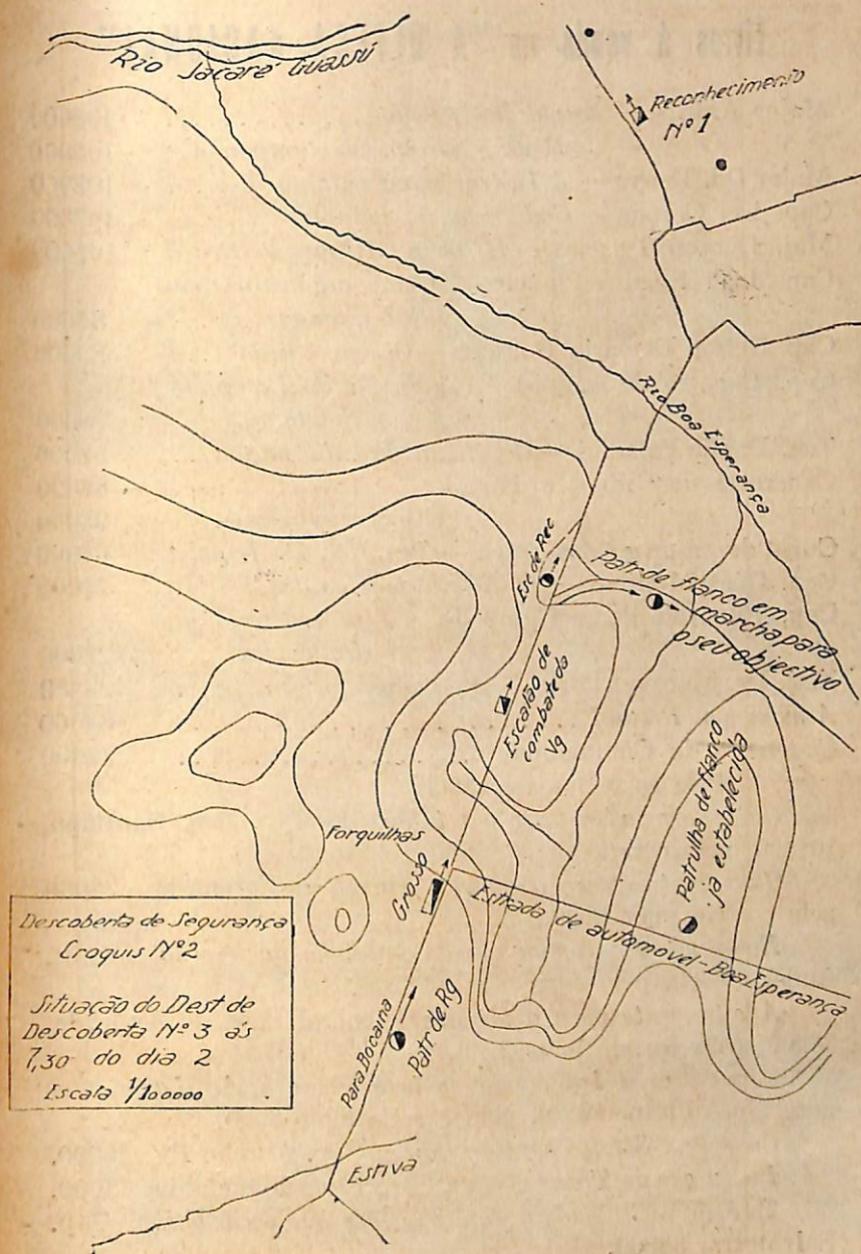
Adoptado pelo E. M. Ex.

Cap. LIMA FIGUEIRÊDO

Preço : 3\$000

Reconhecimentos

| N.º | Composição | Missão | Eixo | H. | Informações | V. | Fim de Missão |
|-----|---------------------------------------|--|---|----|--|----------------|---|
| 1 | 1.º Pelotão (m- nos 1 G. C.) | —Reconhecer se estão livres as pas- sagens 6km. N. de Forquilha (do rio Bôa Esperança) e 1km. S. de Ga- viao Peixoto (do Jacaré Guassú). —Manter esta ultima até a chegada do Dest. | Estiva—For- quilha—Ga- viao Peixoto | 4 | Mesmo negati- vas das passa- gens do rio S. Lourenço e do Jacaré Guassú. | De dia 8 km/H | Será ultrapas- sado na passa- gem do Jacaré Guassú. |
| 1 | 1 Sgt. e 1 G. C. 2 do 1.º Pelotão. | —Reconhecer se está livre a passa- gem 1km. N. de Or. Gastão de Fa- ria. | Estiva—Per- dizes—Dr. Gastão de Fa- ria. | 4 | As informações obtidas até cor- rego dos Anús devem ser en- viadas p.º o ei- xo de marcha do Dest.—As demais directa- mente á D. C. por Faz. da Barra. | A noite 5 km/H | Instalar-se-ha em posto na re- gião da passa- gem 1 km. N. de Dr. Gastão de Faria até 5,30 de 3 quan- do se recolherá, por Gavião Peixoto, ao Dest. |



Livros á venda na “A DEFESA NACIONAL”

| | |
|---|---------|
| Major Araripe — <i>Escola do Pelotão</i> | 10\$000 |
| » » — <i>Combate e Serviço em Campanha</i> .. | 10\$000 |
| Major Od. Denys — <i>A Instrução na Infantaria</i> | 10\$000 |
| Cap. Del Corona — <i>Caderneta do Infante</i> | 10\$000 |
| Maj. Danton Teixeira — <i>História Militar do Brasil</i> | 10\$000 |
| Cap. João Ribeiro Pinheiro — <i>Como organizar uma Sub-Unidade</i> | 8\$000 |
| Cap. Nelson Demaria Boiteux — <i>Ordem Unida</i> | 8\$000 |
| Cap. Delmiro de Andrade — <i>A Secção do Comando no Batalhão</i> | 8\$000 |
| Ten. Danilo Paladini — <i>O Oficial de Informações</i> ... | 8\$000 |
| Caderneta de Ordens e Partes..... | 8\$000 |
| (Blocos avulsos)..... | 2\$000 |
| Curso de emprego das armas — <i>Ten. Cel. P. Langlet</i> | 6\$000 |
| Gen. Góes Monteiro — <i>O Elogio de Caxias</i> | 2\$000 |
| Cap. Eduardo Peres Campello — <i>Tiro indirecto de metralhadora</i> | 2\$000 |
| Maj. Dr. Marques Porto — <i>Attestado de origem</i> | 2\$000 |
| <i>Armamento Portátil</i> | 8\$000 |
| Caderneta do Commandante..... | 1\$000 |
| Pelo correio mais 1\$000. | |

Guia para a instrução militar, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.

Guia prático para o recruta, Alexandre Fernandes, 2\$000 pelo correio mais \$500.

Notas sobre o comando do batalhão no terreno — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.

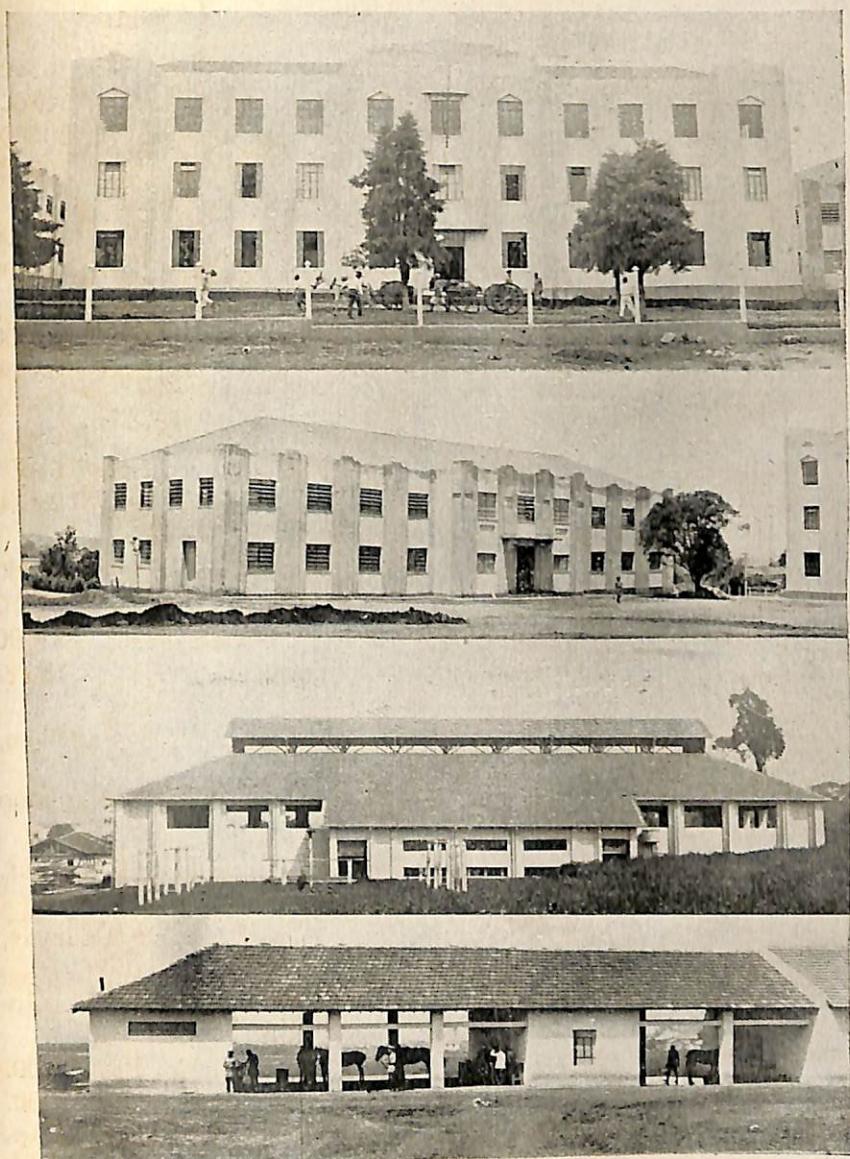
O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.

Combate e Serviço em Campanha, Cap. Aurelio Py, 5\$000.

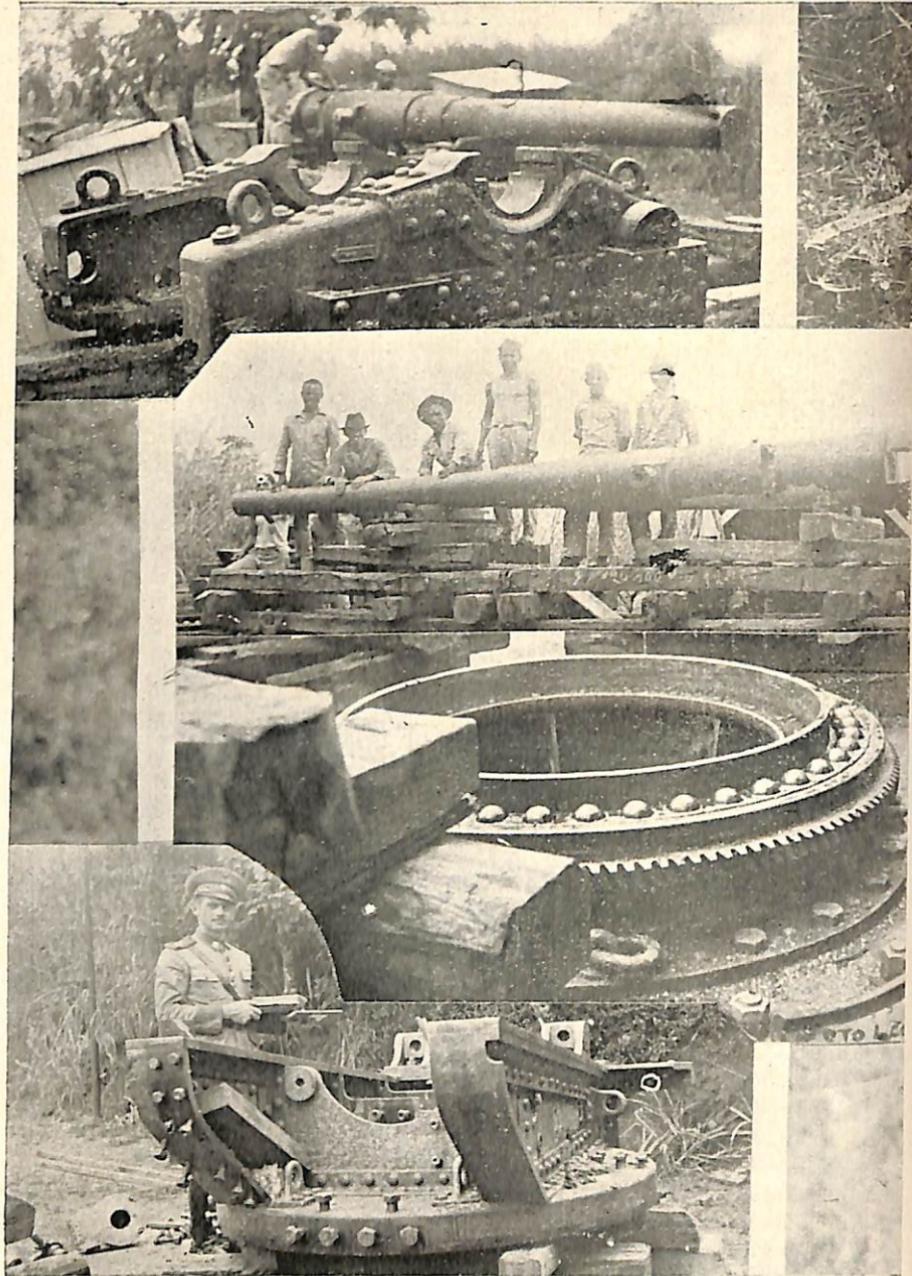
Instituição de Transmissões, Cap. Lima Figueiredo, 6\$000.

Tiro de metralhadora contra aviões que voem baixo, Cap. Salvaterra, 3\$500.

QUARTEL DO IV — 2.^o R. C. D.
SÃO PAULO



Successivamente: pavilhão do commando, alojamento, picadeiro e serviço veterinario, construídos durante o commando do cap. Renato B. Brígido.



Desmonte do material de Artilharia do Grupo Escola de Artilharia de Costa
pela turma reparadora do Arsenal de Guerra.

SEÇÃO DE ARTILHARIA DA COSTA

Redactor: J. BINA MACHADO

Auxiliares: ARY MONTEIRO DA SILVEIRA

JOAQUIM GOMES

MANOEL ASSUMPÇÃO

ORIGENES LIMA

LÉO BORGES FORTES

A Inspectoría de Defesa de Costa

Major BINA MACHADO

S/Director de Estudos do C. I. A. C.

Em que pese o conhecimento, bem generalizado entre nós, da importância que realmente tem o problema da defesa da costa, bem raras vezes foi elle tratado com a attenção que merece, confundindo-se comodamente o nosso vastíssimo litoral, as nossas fronteiras fluviaes, com o porto do Rio de Janeiro, a capital do paiz.

Tempos houve em que as cousas referentes á costa eram tratadas sériamente. Não irei ao tempo colonial, em que os portuguezes, mestres incontestes na arte militar, levantavam, como se fossem marcos caracterizadores da fronteira, mais de uma centena de fortalezas, fortes e fortins, e de que "Principe da Beira", "Tabatinga", "Cueuhy", no extremo Norte; as innumerias fortificações do litoral, desde Oyapock até S. Maria, Santa Thereza e S. Pedro, ao Sul; Coimbra, Santa Tecla, Caçapava, etc. no interior e as muitas outras fortificações fluviaes do Amazonas, Paraná e Paraguay, são o testemunho secular de como cuidavam os portuguezes da conservação do vasto e preciosissimo legado que delles nos veio ás mãos.

E, como eram mestres, em realidade, os portuguezes! Não ha um erro de escolha de posição de um forte! Que noções correctas tinham de flanqueamento e de todos os fogos, de defesa immediata e principalmente, que mestres em fortificação, quanto á sua construcção!

Sem ir até esse tempo, podemos lembrar os estudos feitos pelas ilustradas commissões de artilharia de costa que já tivemos em plena republica e de que a Inspectoría de Defesa de Costa têm parte da copiosa documentação, estando o principal nos archivos da Directoria de Engenharia, a que estavam affectas as obras.

Depois dos periodos efficientes em que se construiram Lage, Imbuhy, São Luiz, Vigia, Copacabana e se modificaram Santa Cruz, S. João, dotadas do melhor material existente no mundo, na occasião, nunca mais sahimos do terreno dos projectos e dos estudos.

Brilharam na Artilharia de Costa vários officiaes de valor incontestavel, alguns tendo mesmo frequentado os melhores centros norte-americanos e allemaes, de que nos deixaram relatorios e informaçoes utilissimas.

Mas, de um certo tempo para cá (e já é um bem longo periodo) vivemos no esquecimento da defesa de costa.

Os ultimos commandos da nossa Artilharia de Costa, aferrados á real impossibilidade de despregar as duas entidades — Inspectoria e Distrito do Rio, só podiam limitar suas actividades ao commando deste ultimo, pois a exiguidade de um quadro technico de Artilharia e Fortificação de costa e de officiaes de Estado Maior, ainda insufficiente em numero, não lhes permittia crear e desempenhar os trabalhos atinentes á defesa de todo o litoral, senão com os estudos esparsos e sempre inaproveitados...

Ao passo que as armas combatentes recebiam os ensinamentos da Missão Militar Franceza e se reorganizava, de "fond en comble" o Exercito, em sua estructura e organização, a costa permanecia esquecida.

Com o advento da Missão Militar Americana abriu-se nova era para a Artilharia de Costa, de que o funcionamento do Centro de Instrução de Artilharia de Costa é uma realidade cheia das maiores esperanças futuras.

Pois bem.

Na intenção de collaborar no surto de progredimento que vêm tendo, de ha um anno a esta parte, os problemas referentes á costa, ocorreu-me sugerir uma organização para a nossa Inspectoria de Defesa de Costa, que o seu actual dirigente cogita, como estou informado, de reorganizar, para o que já sociilitou providencias ás autoridades competentes.

Essas suggestões nasceram de uma palestra sobre costa com o ex-Chefe do Estado Maior do Distrito de Artilharia de Costa, Ten. Cel. José Agostinho dos Santos e o Cap. Carlos Sayão Dantas, instructor do C. I. A. C.

Incumbiram-me, ambos, de coordenal-as e publical-as, mas refletem uma perfeita communhão de idéas, e só foi possivel organizal-as á luz dos ensinamentos já recebidos da Missão.

No entanto, sem se fundarem numa consulta aos seus illustres membros, nem na admiravel organização americana de defesa de costa, elles são apresentadas justamente assim, para que sobre esta base, simples, suggestão, possam ser provocadas discussões, fornecidos ensinamentos, corrigidas imperfeições e impropriedades, e da collaboração de todos, que esse é o nosso intuito, possa surgir a organização que deve ter a nossa Inspectoria de Defesa de Costa, e isso sem maior tardança. Peço permisão para offerecer este estudo ao Sr. General José Pessoa, o actual Inspector da Defesa de Costa.

PROVIDENCIA.

— Separar a Inspectoria de Defesa de Costa do Distrito de Artilharia de Costa.

DISTRICTO DE ARTILHARIA DE COSTA

O commando deste poderia ser dado a um Coronel

Teríamos 4 grupos a 3 Bias., constituindo o Grupamento da Defesa do Rio de Janeiro com:

Commandante
Estado Maior
e 2 S/Grupamentos

A organização detalhada deste Grupamento será tratada posteriormente.

INSPECTORIA DE DEFESA DE COSTA

A I. D. C., encarregada de todos os estudos referentes á defesa do litoral e das fronteiras fluviaes do Brasil, sua organização e inspecção permanente, poderia ter a seguinte organização:

General Inspector
Estado Maior
e Orgãos de serviços

ESTADO MAIOR

O Estado Maior da Inspectoria não fugiria ás normas já estabelecidas para todo o Exercito.

Compor-se-ia de

1 Chefe — Coronel de Artilharia (E. M.)
1 Adjunto — Capitão de Artilharia (E.M.)
e 3 secções, cuja composição e atribuições vêm a seguir.

1.^a Secção { Chefe — 1 Major de Artilharia (E. M.)
 Adjunto — 1 Capitão de Artilharia (E. M.)
 Pessoal auxiliar e de scripta

E' a Secção encarregada do estudo dos effectivos de paz e de guerra, ou a bem dizer, da organização da Defesa de Costa. Cumple lembrar que

a "Defesa de Costa" não cogita apenas da artilharia de costa e muito menos da defesa fixa de costa. E' o conjunto de todas as armas, Infanteria, Cavallaria, Engenharia, Artilharia de Costa fixa e móvel, Artilharia Anti-Aérea, Aviação, empregadas na defesa do litoral.

Se o quadro actual da nossa defesa de costa limita-se apenas a algumas baterias fixas de costa, não devemos esquecer que chegaremos um dia, é forçoso chegar, a ter que ampliar os recursos em pessoal e material, aos quais serão entregues, exclusivamente, funções tão importantes.

Pois é sobre a organização geral das grandes unidades da defesa de costa; às questões de organização particular das unidades de cada arma; ao estudo do armamento, quadros de efectivos, trabalhos de mobilização, etc., que deverá a 1.^a Secção exercer a sua actividade.

Quando se cogitar da ampliação dos recursos em tropa e material para a defesa de costa, a 1.^a Secção terá 1 oficial adjunto de cada arma, podendo o seu chefe, *official de Estado Maior, pertencer a qualquer arma.*

| | |
|------------------------|--|
| 2. ^a Secção | Chefe — 1 Capitão de Artilharia (E. M.) |
| | Adjunto — 1 1. ^o Ten. de Artilharia (C. I. A. C.) |
| | Pessoal auxiliar |
| | Desenhistas, etc. |

E', em tempo de paz, uma Secção de estudos técnicos, no que tem de analoga com a 2.^a Secção do Estado Maior de Exército ou Divisão, quanto à colheita de informações.

Compete-lhe a organização de um arquivo especial sobre:

Dados referentes às organizações navaes estrangeiras,

Dados referentes às organizações aéreas estrangeiras,

Tabellamento de dados referentes aos trabalhos topográficos para as fortificações, orientação e telemetria, de um modo amplo, com a divulgação de trabalhos sobre tais assuntos.

| | |
|------------------------|---|
| 3. ^a Secção | Chefe — 1 Major de Artilharia (E. M.) |
| | Adjuntos - 2 Capitães (E. M. e C. I. A. C.) |
| | Pessoal auxiliar |

E' a Secção de Instrução e Operações. A ella competirá, estudar organizar e propor, além dos assuntos normais de uma 3.^a Secção, mais os seguintes, por exemplo:

— os manuais ou regulamentos para toda a Artilharia de Costa e Artilharia Anti-Aérea;

- uma doutrina para a defesa de costa, sua organização e emprego;
- planos de defesa geraes e parciaes;
- fiscalização ou superintendencia de toda a instrução dos corpos da defesa de costa;
- regulamentação da parte tactica e technica do problema do "Fire-control" para todas as unidades de costa e anti-aereas do paiz;
- superintendencia das escolas de artilharia de costa.

Não é necessário repetir aqui, com detalhes, tudo quanto mais deve competir a uma 3.^a Secção.

* * *

Dois serviços teria ainda a Inspectoria da Defesa de Costa: o do Material Bellico e o de Engenharia e Communicações.

São dois órgãos importantíssimos e que seriamente encarados e devidamente organizados, poderiam prestar inestimáveis serviços á nossa futura organização de costa.

SERVIÇO DE MATERIAL BELLICO. — Poderia ter a seguinte composição:

| | | | |
|----------|---|--|-------------------------|
| S. M. B. | { | Chefe | — 1 Major de Artilharia |
| | | 1. ^a Secção — Expediente | |
| | | 2. ^a Secção — Armamento e Munição | |
| | | 3. ^a Secção — Direcção de tiro. | |

A 1.^a Secção é a encarregada do expediente do Material Bellico.

Devendo este Serviço ser uma delegação da Directoria do Material Bellico, todos os serviços burocraticos a cargo do S. M. B. do D. A. C. passariam ao da Inspectoria, pois que as unidades do resto do paiz também se ligariam a ella, nesse particular.

A 2.^a Secção do Material Bellico é a Secção de *Armamento e Munição*.

| | | | |
|------------|---|--|--|
| Composição | { | 1 ou 2 Engenheiros Artilheiros (Caps.) | |
| | | 1 ou 2 Engenheiros chimicos () | |
| | | 1 ou 2 Artilheiros de costa (Caps. ou 1. ^o Tens.) | |

Teria a seu cargo as questões referentes a:

- estudo de novos materiaes de artilharia
- estudo dos problemas referentes á melhoria, reparo e conservação do actual material de artilharia das fortificações

- projectis; novos traçados, novos typos. Construcção de novos ou modificaçāo dos projectis actuaes
- tabellamento de dados referentes aos materiaes e muniçāo
- polvoras e explosivos
- defesa e emprego de gazes; material correspondente.

A 2.^a Secção do Material Bellico é a *Secção de Direcção de Tiro*.

Composição { 1 official technico (electricidade) e
 { 2 artilheiros (C. I. A. C.)

Trabalha em intima ligação com a 3.^a Secção do E. M. da Inspectoria. Tem a seu cargo todo o estudo do problema de Direcção de Tiro; suas soluções geraes; sua solução para os commandos de artilharia de costa e unidades (Grupamentos, Grupos e Bias.) no Brasil; caso particular de cada uma; projectos e fiscalização da construcção de toda a apparelha-gem de direcção de tiro.

SERVIÇO DE ENGENHARIA E COMMUNICAÇÕES.

Composição { Chefe — 1 Ten.-Cel. de Engenharia
 { 1.^a Secção — Expediente
 { 2.^a Secção — Obras
 { 3.^a Secção — Estudos e Projectos
 { 4.^a Secção — Communicações.

A 1.^a Secção, como a do Material Bellico, é encarregada do expediente. E uma bôa solução é a de ser sómente ella que faz o expediente no Serviço.

A 2.^a Secção é a de *Obras*.

E' a Secção executora dos trabalhos de engenharia, resolvidos pela Directoria de Engenharia e que se refiram ás fortificações, quarteis e demais serventias das unidades de costa.

Sua composição é variavel e seus officiaes technicamente dependem do Chefe do Serviço de Engenharia e Communicações, delegado da D. E.

Ella é toda composta de officiaes engenheiros constructores.

A 3.^a Secção é a Secção de *Estudos e Projectos*.

Sua composição poderá ser a seguinte:

2 Caps. Engenheiros Technicos (Curso de Fortificação)

1 Cap. Artilheiro (C. I. A. C.)

E' uma Secção de vultoso trabalho e grande responsabilidade. Competem-lhe todos os estudos e trabalhos referentes aos projectos de novas fortificações e á correcção das existentes.

De seus trabalhos depende a 2.^a Secção do Serviço de Engenharia e Communicações, que é a Secção de Execução.

A 4.^a Secção, *Communicações*, abrange o estudo, a organização e a execução de todos os trabalhos referentes ás comunicações de toda a natureza:

- radio-electricas
- telephonicas
- signalização optica ou não.

Todos os trabalhos novos e de conservação estão a seu cargo.

Além disso, o Quartel General da Inspectoria de Defesa de Costa tem o pessoal indispensável ao seu funcionamento, como pessoal de Intendencia, Serviço de Ordens, Escreventes, etc., em numero necessário aos diferentes serviços.

Tal é o resumo, e já um pouco extenso, do que poderá ser feito pela reorganização da Inspectoria de Defesa de Costa.

Todos os pontos estudados podem ser plenamente justificados. Se não fôr possível organizar desde logo um conjunto tão complexo, como parece, pode-se começar pelo embryo da futura Inspectoria e dar-lhe, gradativamente, o mais amplo e indispensável desenvolvimento.

A idéa aqui lançada, sem originalidade nem pretensões, deseja ser apenas mais uma pedra no alicerce que se esboça após de uma nova era da Artilharia de Costa Brasileira.

Pela Costa...

UM DILEMMA E UMA SUGESTÃO

Já se acham, trabalhando em nossos fortes, uma turma de officiaes e outra de sargentos, com o curso do C. I. A. C. Já outras duas se preparam, e agora foi iniciado o curso de officiaes superiores. Estamos portanto sendo dotados de verdadeiros especialistas, ou melhor, *quadros*

especializados, na organização e condução de direcções de fogo. Uma Bateria de Costa é comparável á um "relogio despertador", em pleno funcionamento, e prompto a dar singal de alarme á "hora marcada". Apenas desconhecemos a "hora" e o "despertar" é para "combate". Esta figura nos traz á consideração de que novos rumos terão de ser tomados, em relação a organização da instrucção da tropa e tambem quanto ao seu recrutamento. Em verdade, estamos num dilemá: Se por um lado a caserna deve ser uma escola de cidadãos apta a preparar a nação armada, por outro lado a Artilharia de Costa exige pessoal especializado em funcções restrictas, "porém bem desempenhadas".

Outrosim, actualmente de nada nos adianta, preparar reserva de Artilharia de Costa, pois não ha onde empregal-a, e a mobilização obrigará seu emprego como tropa de infantaria, o que já nos tem acontecido.

E' indiscutivel que os methodos de instrucção e o manejo do material têm que ser mudados. E' a Missão Militar Americana que nol-o indica, e nos tem apontado, os modernos methodos de instrucção de Artilharia de Costa.

Por que então, não completar a obra, e dar á Artilharia de Costa um recrutamento conveniente, e uma tropa especializada, tal como acontece á Marinha?

Por que não experimental-o no Grupo Escola Provisorio?...

Os especialistas de Artilharia de Costa devem permanecer 5 annos nos corpos no minimo.

HISTORIETA

A presente historieta passou-se por occasião de um exame de recrutas e bem caracterisa as qualidades da nossa gente.

Instrucção Geral, Moral e Civica — Autoridades e assistencia dentro do alojamento. Bateria em fórmula, em linha — O insructor interroga ao mobilisavel do Estado do Rio.

"Seu" Trindade, qual é a melhor unidade do Distrito de Artilharia de Costa?

— E' o Forte do Imbuhy — sim sinhô.

— E se não fosse, "seu" Trindade?

— Eu dizia mesmo que era, seu Tenente...

O Trindade não podia dar maior prova de amor á sua unidade...

SEÇÃO DE ARTILHARIA

Redactor: I. J.^o VERISSIMO
Auxiliar: PEDRO GERALDO

Determinando Pontos...

Pelo 1.^o Ten. H. M. Rabello de Mello

O corrente anno de instrucção (34-35) foi na 5.^a Região Militar dos mais calmos no sector da boataria, mas, indubitavelmente, foi dos mais agitados, dos mais revolucionarios, no sector do trabalho e da instrucção.

A' nossa guarnição de Curytiba coube, tambem, a missão de conjugar a officialidade em um nucleo de sã camaradagem, o "CIRCULO MILITAR DE CURYTIBA", instituição fadada ao progresso, ao desenvolvimento, ao cumprimento grandioso de suas finalidades.

No sector da Educação Physica, então, foi simplesmente empolgante o coroamento da respectiva instrucção — o Campeonato de Athletismo Regional, constituiu uma semana de jubilo e de demonstração da excelencia da instrucção ministrada em todos os corpos da Região.

A nossa finalidade, porém, é abordar os exames de bateria, o encerramento do 2.^o periodo de instrucção no 5.^o G. A. D.^o, que se revelaram de real interesse, não só porque demonstraram a aptidão das Bias. para a guerra, o estado de "training" de suas guarnições e de seus quadros, mas tambem pelos ensinamentos varios que proporcionaram no campo da technica.

Prender-me-hei, preferencialmente, aos exames da 1.^a Bia.

A missão dada ao Cmt. da Bia., comportava a intervenção dos officiaes orientador e das transmissões do Grupo — interessante disposição, pela oportunidade de fazer trabalhar o conjunto de especialistas do Grupo no exame das Bias., permitindo ao Cmdo. uma visão mais segura sobre o estado de treinamento de seus officiaes para o periodo de Grupo a se iniciar.

Foi supposta a não existencia de carta, da região em que se desenvolveu a acção, em torno da qual girava a missão distribuida ao Cmt. da Bia., tendo sido atribuída ao official Orientador a incumbencia de levantar pontos importantes, avante, que interessassem ao caso.

No proximo numero continuaremos os trabalhos *Unidades Angulares e Possibilidade de tiro.*

Não é nenhuma novidade o que conterão estas linhas sobre o trabalho do official Orientador, no caso citado, mas julgando ser util a sua divulgação para os "novos", é que nos abalançamos a escrevel-as.

Recebendo uma missão da natureza da acima descripta, compete ao official Orientador verificar a sua exequibilidade e, assim, deverá começar por reconhecer o terreno e proceder a uma escolha de base, tendo em vista a situação dos pontos a determinar.

E' sabido que uma intersecção avante só apresenta condições de precisão, quando as visadas se interceptam formando angulos maiores de 30.^o e menores de 60.^o; mas, em compensação, sabemos que um erro de 40 ms. na determinação de um ponto a 8 kms., é algo assim como posuirmos uma carta de 1/50.000.

Em consequencia, perguntamos, será util ou não, a determinação de dois pontos avante, com o material commun nos corpos de tropa, sempre que um seja possível, numa região em que não disponhamos de carta?

Achamos que sim.

Em que deve consistir o reconhecimento preliminar do terreno pelo official Orientador, para uma intersecção avante?

Julgamos este reconhecimento a parte essencial do trabalho, uma vez que d'elle dependerá quasi integralmente o exito da operação topographica, pois que consiste em verificar as possibilidades de uma base satisfazendo razoavelmente as condições necessarias á determinação.

O official Orientador tem tres caminhos a seguir (sendo a escolha determinada pelo tempo de que dispõe e pela natureza do terreno), consistindo elles em:

1.^o — escolher uma base unica relativamente grande (600 a 800 ms.) e que seria o "ideal", mas como todo "ideal", difficil de ser alcançado;

2.^o — escolher uma base pequena (de 150 a 250 ms.), procedendo posteriormente a uma "sahida de base", tendente a conseguir uma base calculada relativamente grande.

Ambas as soluções apresentam um inconveniente de certa gravidade e que se cifra na falta absoluta de controle dos resultados obtidos.

Finalmente, temos uma terceira solução que nada mais é que o processo das "bases lateraes" — ou seja, escolher duas bases que se interceptem num ponto em que seja possível estacionar, de onde sejam vistos os pontos a determinar e satisfazendo, ainda mais, a condição de serem vistos entre si os tres pontos de estação (afim de ser possível o aproveitamento da base calculada AC).

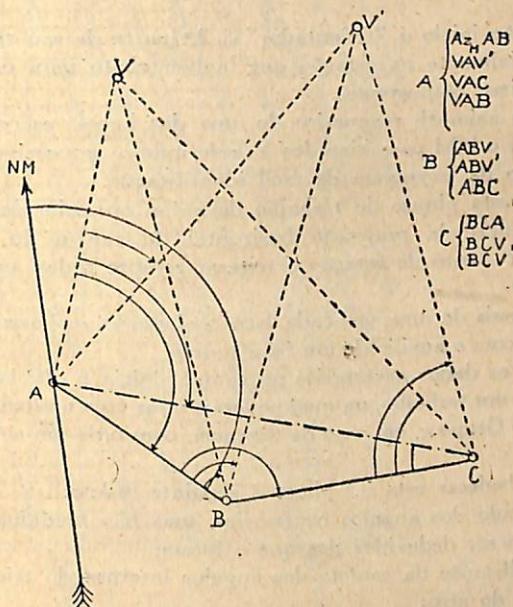
Do exposto concluimos que é o reconhecimento a parte mais ardua do trabalho do "orientador", como tambem a mais eriçada de dificuldades e, a maior parte das vezes, a mais demorada.

Uma vez concluido o reconhecimento do terreno ou, se possivel, durante o seu proprio desenvolvimento, procede o operador á signalização das extremidades das bases escolhidas, com balisas communs ou pelo meio que julgar melhor satisfazer ás condições de bôa visibilidade, sem despertar, entretanto, a attenção do inimigo para a sua presença.

Estabelecerá então um previo plano dos trabalhos a executar e que deverá ser rigorosamente seguido.

Torna-se necessario este plano de trabalho, afim de evitar hesitações prejudiciaes no decorrer das operaçoes, retardando o termino dos trabalhos e podendo conduzir a graves faltas.

Entendemos que a melhor maneira de estabelecer um d'esses planos de trabalho é organizar um ligeiro esboço da situação dos pontos (Fig.), no qual se acharão as bases representadas por linhas cheias; as visadas



aos pontos a determinar, por linhas pontuadas e os angulos a medir, cuidadosamente indicados por arcos de circulo e tendo ao lado em columna os pontos de estação com chaves abrangendo todos os angulos que d'elle deverão ser medidos. A base calculada será indicada por uma linha mixta.

Organizará então o operador a sua caderneta de campo que poderá ser do tipo abaixo:

| Pontos de estação | Pontos visados | Az. medido | Angulos medidos | Distancias medidas e reduzidas | Silhuetas dos pontos visados | Esboço planimetrico |
|-------------------|----------------|------------|-----------------|--------------------------------|------------------------------|---------------------|
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |

(a) Ten. X
Off. Orientador

Dará então inicio o "Orientador" á 2.^a parte de seu trabalho, estacionando inicialmente na estação que houver eleito para origem de seu sistema de eixos orthogonaes.

Medirá o azimuth magnetico de uma das bases, escrupulosamente, afim de tomar o NM para eixo dos Y, referindo-o, se possível, no terreno por um ponto da paysagem de facil identificação.

Durante esta phrase do trabalho deverá o operador zelar pela perfeita coincidencia da projecção horizontal do centro do instrumento (G. B.) com o ponto de estação e reiterar sempre todas as medidas de angulos feitas.

Medirá mais de uma vez cada base, reduzindo ao horizonte na propria trenada, com o auxilio de um fio a prumo.

Colhidos os dados necessarios no campo, inicia o official Orientador a 3.^a phase do seu trabalho, na qual poderá contar com o auxilio do official observador do Grupo e, em caso de urgencia, com o de um subalterno das Bias.

Poderá obedecer esta 3.^a phase á seguinte ordem:

1.^o — calculo dos angulos necessarios, mas não medidos no terreno e que poderão ser deduzidos dos que o foram;

2.^o — verificação da somma dos angulos internos do triangulo ABC e distribuição do erro;

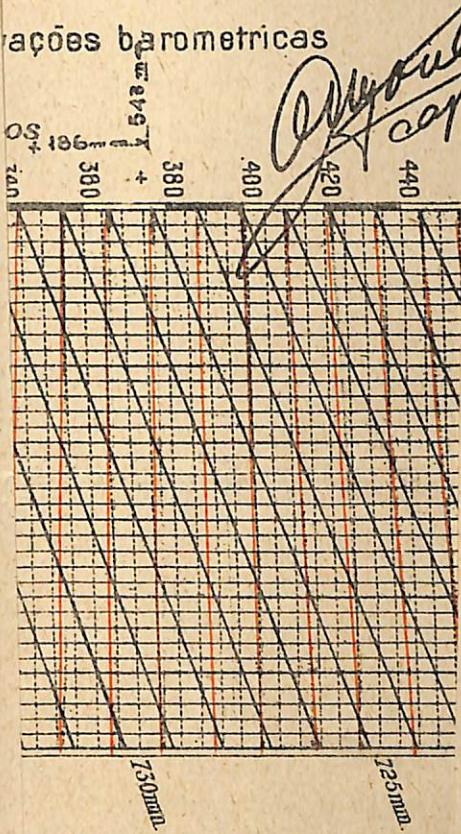
3.^o — conversão para o sistema sexagesimal ou centesimal de todos os angulos;

4.^o — calculo das coordenadas de B e C em relação ao sistema de eixos coordenados adoptado;

5.^o — calculo das distancias AV, AV', BV, BV', CV e CV', resolvendo os triangulos AVB, AVC, BVC, etc.;

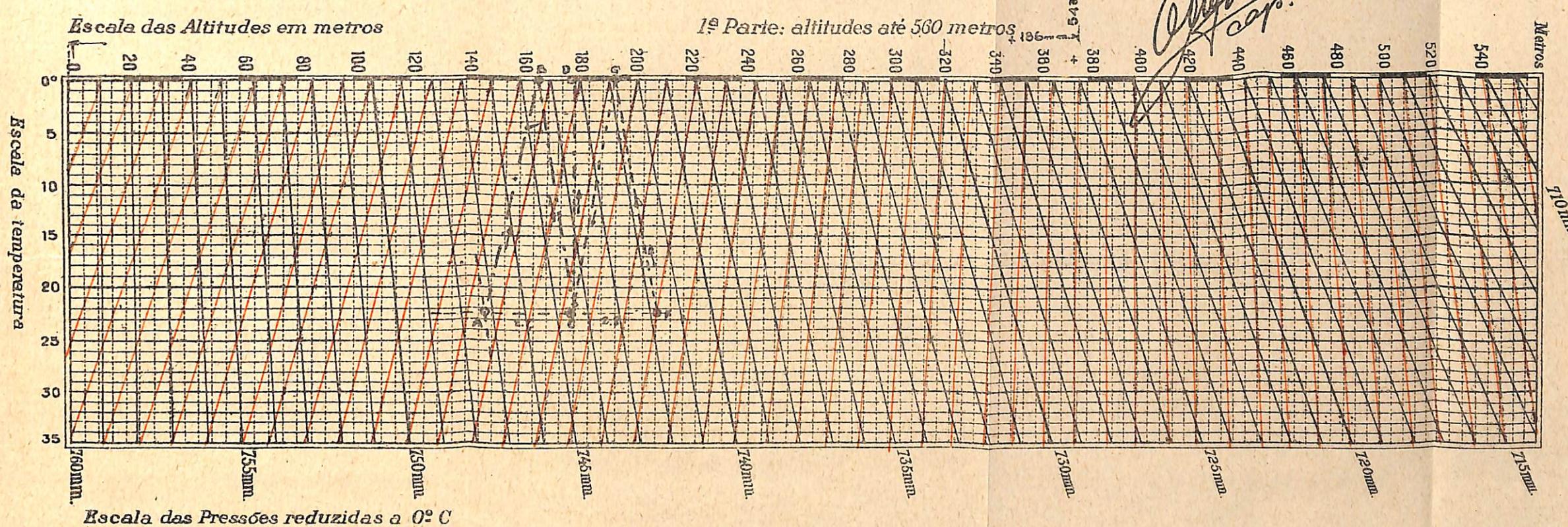
LENMANN

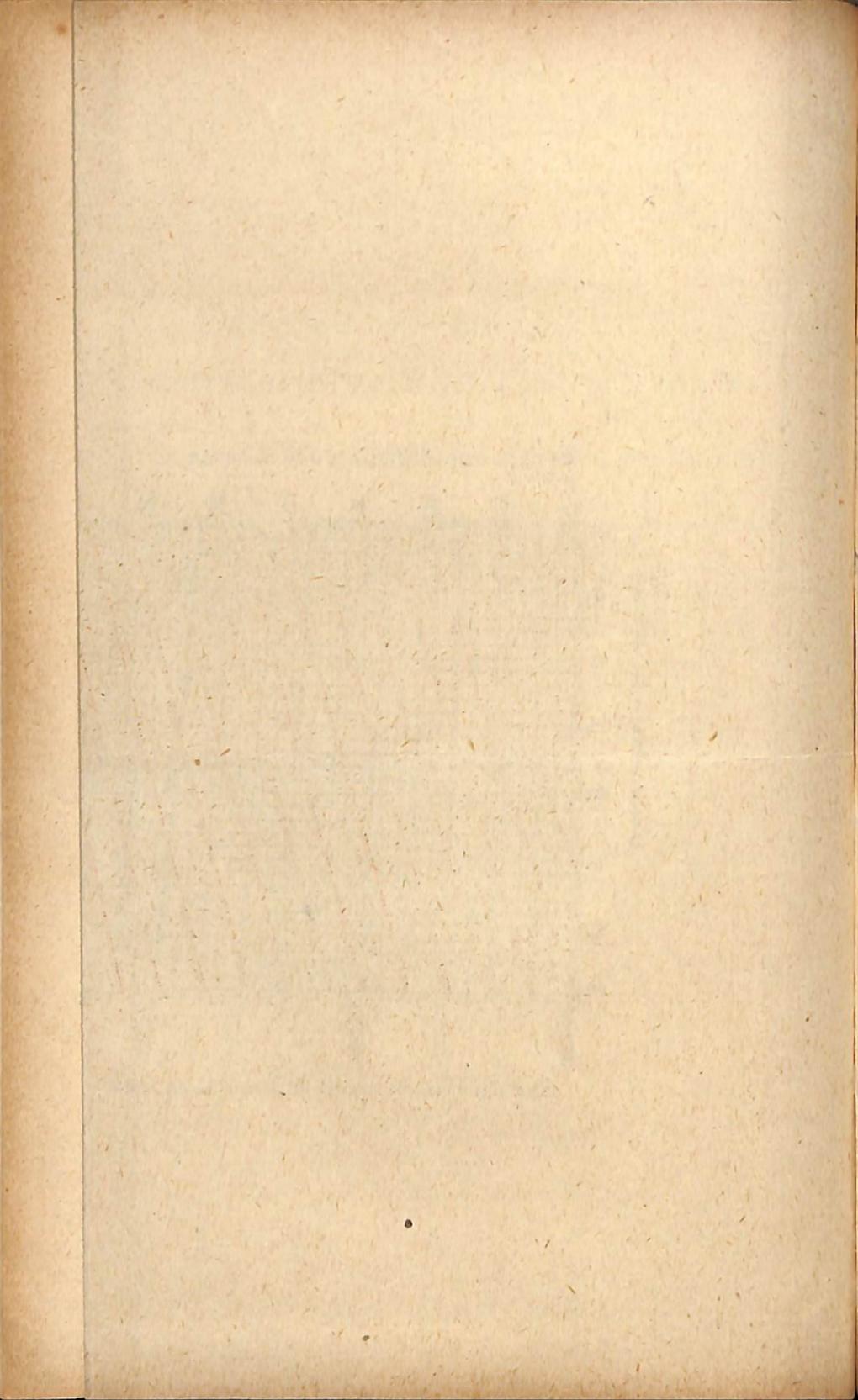
ações barometricas



PROCESSO GRAPHICO DO PROF. A. WEILENmann

para a determinação das altitudes por meio das observações barométricas





6.º — calculo das coordenadas dos pontos V e V'.

Impõe-se aqui a adopção de um formulario e tomamos a liberdade de aconselhar o modelo n.º 1.

Para o calculo das coordenadas de B e C, em relação ao sistema de eixos coordenados adoptado, poderemos utilizar o modelo n.º 2, mais simples.

Antes de mais nada, devemos esclarecer que empregamos a designação "angulo de direcção" por julgal-a mais adequada e mais expressiva que lançamento ou outra semelhante.

Obtidas as coordenadas de todos os pontos, o "Orientador" organizará com elles uma relação para seu arquivo e transportal-os-ha para a sua prancheta, voltando ao terreno, afim de proceder á determinação graphica de pontos importantes e proximos, como sejam peças directrizes, referencias de posição, observatorios, etc., fornecendo então ao Cmt. da Bia. os elementos que lhe forem necessarios.

Foi sómente isto o que fez o Orientador nos exames da 1.ª Bia.

Terminando, vejamos rapidamente qual o pessoal, material e tempo necessarios para um trabalho d'essa natureza, em um terreno desprovido de carta.

Material: — 1 G. B., 1 duplo decametro, 1 fio a prumo, 3 balisas, 3 piquetes, 1 prancheta, 1 tabella de conversão de angulos do sistema millesimal para os systemas sexagesimal ou centesimal, uma tabella de logarithmos a 5 decimaes dos numeros e das linhas trigonometricas de minuto em minuto (sen, cos e tg).

Pessoal: — 1 ou 2 officiaes como auxiliares, 1 sargento como ajudante e 2 a 3 praças.

Tempo: — sem a parte graphica — 6 horas, para 2 ou 3 pontos; com os trabalhos graficos, mais 1 hora; accrescer 1 hora para cada ponto a mais a determinar.

Já havíamos escripto estas linhas, quando no tiro de Grupo, executado no mez de Março do corrente anno, tivemos occasião de applicar o que acima dissemos. Foi extremamente interessante esse tiro real de Grupo, por se haver realizado em um terreno integralmente "virgem" de tiros de Artilharia e sufficientemente "complicado".

Os primeiros tiros dados o foram sob nossa exclusiva responsabilidade, nossa e dos Ten. Affonso von Trompowsky e do Asp. a off. Fernando Padron, pois havia casas de colonos na região dos objectivos. Fomos felizes, não tivemos oportunidade de "pagar" nenhuma casa...

Grande unidade..... Local.....
Unidade..... Data.....

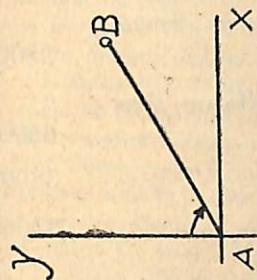
MODELO N.^o 1

Calculo dos Lados do triangulo $A B V$ e coordenados rectangulares

| | $AV = AB \frac{\sin \beta}{\sin (\alpha + \beta)}$ | $BV = AB \frac{\sin \alpha}{\sin (\alpha + \beta)}$ | | | | | | | | | |
|----------------------------------|--|--|---------------------|----------------------------------|------------------------|-------|----------------|----|-------|----------------|----|
| Estações | Angulos | Calculo do comprimento dos lados | | | | | | | | | |
| A | (α) | $\log AV = \log D =$ $\log \sin \beta =$ $\log AB =$ $\log \sin (\alpha + \beta) =$ $\log \sin \alpha =$ $\log BV = \log D' =$ | | | | | | | | | |
| B | (β) | | | | | | | | | | |
| Pontos de coordenadas conhecidas | Pontos de coordenadas desconhecidas | <table border="1"> <thead> <tr> <th>Angulos de direcção</th><th>Calculo das coordenadas parciais</th><th>Medias das coordenadas</th></tr> </thead> <tbody> <tr> <td>.....</td><td>$y = D \sin x$</td><td>X'</td></tr> <tr> <td>.....</td><td>$y = D \cos z$</td><td>Y'</td></tr> </tbody> </table> | Angulos de direcção | Calculo das coordenadas parciais | Medias das coordenadas | | $y = D \sin x$ | X' | | $y = D \cos z$ | Y' |
| Angulos de direcção | Calculo das coordenadas parciais | Medias das coordenadas | | | | | | | | | |
| | $y = D \sin x$ | X' | | | | | | | | | |
| | $y = D \cos z$ | Y' | | | | | | | | | |
| $A = (\text{discriminação})$ | | $\log \sin z =$ $\log D =$ $\log x =$ $x =$ $X =$ $X' =$ | | | | | | | | | |
| $X =$ $Y =$ | $V = (\text{discriminação})$ | $\log \cos z =$ $\log D =$ $\log Y =$ $y =$ $Y =$ $y' =$ | | | | | | | | | |
| $B = (\text{discriminação})$ | $X =$ $Y =$ | $\log \sin z' =$ $\log D =$ $\log x =$ $x =$ $X =$ $X' =$ | | | | | | | | | |
| $X =$ $y =$ | | $\log \cos z' =$ $\log D =$ $\log y =$ $y =$ $Y =$ $Y' =$ | | | | | | | | | |

(Assignatura).....
Orientador

MODELO N.º 2

| | | |
|--|--|---|
|  Dados: A $\left\{ \begin{array}{l} x_1 = \\ y_1 = \end{array} \right.$ | $x_1 =$ $y_1 =$ Incognitas = A $\left\{ \begin{array}{l} x_2 = \\ y_2 = \end{array} \right.$ (Unidade) (Local e data) | D Angulo de Direcção (AB) |
| $\log. D \operatorname{sen} (AB)$ | $D \operatorname{sen} (AB)$ $=$ $\frac{\log. \operatorname{sen} (AB)}{\log. D}$ $=$ $\log. \cos (AB)$ $=$ $\log. D \cos (AB)$ | $x_2 =$ $y_1 =$ (AB) D $D \operatorname{cos} (AB)$ $=$ |
| $\log. D \operatorname{sen} (AB)$ | $D \operatorname{sen} (AB)$ $=$ $\frac{\log. \operatorname{sen} (AB)}{\log. D}$ $=$ $\log. \cos (AB)$ $=$ $\log. D \cos (AB)$ | $x_2 =$ $y_1 =$ (AB) D $D \operatorname{cos} (AB)$ $=$ |
| $\log. D \cos (AB)$ | $D \cos (AB)$ $=$ $\frac{\log. \cos (AB)}{\log. D}$ $=$ $\log. \operatorname{sen} (AB)$ $=$ $\log. D \operatorname{sen} (AB)$ | $x_2 =$ $y_1 =$ (AB) D $D \operatorname{sen} (AB)$ $=$ |

Artilheiro amigo. Confira a lista abaixo para ver se sua bibliotheca está completa.

| | |
|--|---------|
| <i>Mémoires, Marechal Joffre.....</i> | 87\$400 |
| <i>Noções de topographia de campanha, General Paes de Andrade.....</i> | 7\$000 |
| <i>Noções de desenho topographic, Ten. Cel. Paulino de Souza.....</i> | 8\$000 |
| <i>Noções de topologia, Ten. Cel. Paulino de Souza.....</i> | 5\$000 |
| <i>Questions d'Artillerie antiaérienne, Cmt. P. Nauthier</i> | 7\$100 |
| <i>Manuel du Gradé de l'Artillerie.....</i> | 16\$800 |
| <i>Balistica externa, Cap. Morgado da Hora.....</i> | 14\$000 |
| <i>A Técnica do Tiro de Costa Cap. Ary Silveira....</i> | 30\$000 |
| <i>Notas sobre o emprego da artilharia, Major I. J. Veríssimo.....</i> | 10\$000 |
| <i>Defesa de costa e o tiro costeiro, 1.º Ten. Gomes da Silva.....</i> | 8\$000 |
| <i>O tiro da artilharia de costa, (tradução).....</i> | 4\$000 |
| <i>Ligações e Transmissões, Cap. Josette.....</i> | 6\$000 |
| <i>Signalização a braços e óptica, Cap. Lima Figueiredo</i> | \$600 |
| <i>O principiante de rádio, Cap. Lima Figueiredo....</i> | 3\$000 |
| <i>Transposição dos cursos d'água para todas as armas, Cap. Lima Figueiredo.....</i> | 3\$000 |
| <i>Notas à margem dos exercícios táticos, Major Travassos.....</i> | 6\$000 |
| <i>Telemetros, Ten. Cel. Dermeval.....</i> | 3\$000 |
| <i>Orientação em campanha, Ten. Cel. Dermeval....</i> | 3\$000 |

Para o porte cobramos de \$500 a 1\$000 por volume.

SEÇÃO DE ENGENHARIA

Redactor: LIMA FIGUEIRÉDO
Auxiliar: BETTAMIO GUIMARÃES

COMPLEMENTO AO PROCESSO GRAPHICO DO PROF. A. WEILENmann

Cap. OCTAVIO DA COSTA MONTEIRO

O processo graphicco do Prof. A. Weilenmann permitte determinar as altitudes de pontos geographicos por meio das observações barometricas. (Ver Annuario do Observatorio Nacional do Rio de Janeiro paginas 437 a 439).

Estas pressões barometricas estão ahi reduzidas a 0° C. As pressões lidas são á temperatura do ar ambiente necessitando, pois de uma redução a 0° C. Entretanto, esta redução a 0° C. só deve ser feita nos barometros de columna mercurial. (Barometro de Fortin). Os aneroides são normalmente compensados. "Compensated".

Existem tabellas que dão esta redução a fazer na pressão lida a temperatura de t° C. para pressão á 0° C. (Ver pg. 145 do livro Estradas de Rodagem de João Luderitz); onde se evidencia a redução em milímetros da mesma pressão B para a variação de grão em grão de temperatura, desde 0° até 35°.

Entrando graphicamente no "Graphicco do Prof. A. Weilenmann com as reduções dadas na tabella citada, obter-se-á varias linhas (linhas vermelhas) que convergem approximadamente para o mesmo ponto: (centro feixe).

Este ponto foi determinado graphicamente para os dois graphiccos do Annuario e está situado no 1.º a 186 mm. de abcissa e 543 mm. de ordenada da origem das altitudes e temperaturas; e no 2.º a menos 28 mm. de abcissa e 543 mm. de ordenada da origem das altitudes (550 ms.) e 0° da origem das temperaturas.

Estes dois centros permitem construir um feixe de rectas (pois a variação é constante, pg. 137 do livro Luderitz), que passam pela origem das pressões a temperatura 0° C. (onde a redução é nulla).

Como proceder para redução graphicca de uma pressão a t° C. á pressão a 0° C. e consequentemente a determinação da altitude do lugar?

1.º — Exemplo: Sejam dadas a pressão 747,3 mm. e a temperatura de 22°,5 C. de um lugar acima do nível do mar.

Estes dois elementos dados pressão e temperatura determinam (ver o 1.º graphicco do Annuario) o ponto A, em seguida percorrendo uma

linha (traço e ponto) approximadamente parallelas da linnha vermelha correspondente até a linha horizontal das temperaturas 0° C. no ponto B: dahi, por outra linha (traço e ponto) approximadamente parallelas a linha das pressões constantes para a mesma temperatura chega-se ao ponto C da mesma temperatura primitiva dada; depois, segundo uma linha vertical até a linha horizontal das temepraturas 0° C., tem-se a altitude do ponto, no caso é de 180 ms. acima do nível do mar.

O comprimento AC, na escala correspondente, seria a reducção da pressão que se faria entrando na tabella, o qual seria de 2,7 mm.

2.º — Caso em que o ponto está abaixo do nível do mar.

Para entrar no graphicó é preciso fazer a seguinte transformação.

Toma-se 2×760 mm. — x , sendo x a pressão do logar abaixo do nível do mar.

Percorre-se então o graphicó, partindo em sentido contrario: Procura-se no graphicó de Weilenmann o ponto de pressão e temperatura dadas, percorrendo-se a linha preta das pressões até a linha horizontal de 0° C., onde a reducção é nulla descendo-se pela linha vermelha até a temperatura dada onde pela linha vertical nos dará a altitude do ponto.

Exemplo: Seja o mesmo ponto abaixo do nível do mar, de pressão 778,3 mm. e temperatura 22°,5 C.

Pela transformação: $2 \times 760 - 778,3 = 741,7$ mm.

Entrando no graphicó e seguindo os pontos F-G-C-D, pelo mesmo methodo que se fez anteriormente acharemos a altitude do ponto 180ms., abaixo o nível do mar. CF = 2,8 mm. seria a reducção dada pela tabella.

Estas alturas poderão ser calculadas e verificadas pela tabella do livro Luderitz, acima citado.

E assim para outros pontos de pressão e temperatura diversas.

PREVIDENCIA JAPONEZA

Um pouco antes da guerra russo-japoneza, um official francez, que se encontrava nos arredores de Tokio, atravessava, certa manhã, uma aldeia japoneza. Fazia um frio rigoroso, e as pessoas da aldeia, quasi despidas, entregayam-se a exercícios militares. "Por que, perguntou o official francez a um official japonez, expondes a saúde e talvez a existencia desses aldeões submettendo-os a semelhantes exercícios com tal temperatura?"

Respondeu o official japonez: "Se temos que nos bater com os russos, é preciso que preparemos os nossos homens para resistirem ás geadas e aos gelos da Mandchuria, e nós os acostumamos ao frio como os acostumamos ao canhão".

SEÇÃO DE TRANSMISSÕES

Redactor: BENJAMIN GALHARDO

As transmissões na manobra em retirada

Traduzido da "Revue de Infanterie"
pelo Cap. JOSÉ CARLOS PINTO FILHO

No seu numero de 1.º de fevereiro de 1935, a Revista de Infantaria publicou um artigo do tenente coronel Desré sobre a "Infantaria na manobra em retirada".

O autor deixou, intencionalmente, para a Revista o cuidado de tratar as questões de transmissões que se apresentam no decorrer de tais operações. A exposição que se segue completa, neste ponto e de acordo com o autor, o artigo do tenente coronel Desré para cuja leitura mandamos o leitor (1).

* * *

Si existe uma operação cujo bom exito depende, antes de tudo, das disposições previamente tomadas, essa é a que o nosso Regulamento chama de "Manobra em retirada". No decorrer desta manobra, o Commando não pode, sem riscos, introduzir modificações na sua concepção inicial e a iniciativa dos subordinados é, também, cerceada pelo mecanismo imposto.

Em semelhantes operações, as transmissões não escapam a esta contingência, sua organização deve então, revestir a forma dum mecanismo adaptado á manobra e regulado em seus menores detalhes.

Partindo desta idéa directora é que nós abordamos o estudo das transmissões na manobra em retirada.

I — As transmissões no escalão divisão

O dispositivo das transmissões, duma determinada unidade, é condicionado não sómente pela manobra encarada, mas ainda pelo dispositivo das transmissões previsto pela unidade superior.

(1) Esse artigo será brevemente publicado pela "Defesa Nacional".

E é por isso que, antes de expor a organização das transmissões no quadro dum regimento de infantaria, manobrando em retirada, parece necessário tratar primeiro que tudo da questão das transmissões no escalão da divisão.

DISPOSIÇÕES TOMADAS PELO GENERAL DE DIVISÃO

O tenente coronel Desré nos mostrou que, numa manobra em retirada, a decisão do general de divisão consistia em:

- 1.º Fazer ocupar imediatamente uma posição de retaguarda, para ahi mandando as reservas imediatas disponíveis;
- 2.º — Iniciar a ocupação da posição intermediária, si ainda sobram elementos reservados disponíveis;
- 3.º — Proceder ao desaferramento dos batalhões engajados;
- 4.º — Finalmente, ficar em condições de combater na posição intermediária.

No caso concreto estudado, a ordem de retirada é dada no dia 15 de abril á tarde. A divisão deve estar prompta para combater na posição intermediária a partir de 17 de abril pela manhã. Na noite de 15 para 16 de abril, o 3.º regimento de infantaria (em reserva) ocupará uma posição de retaguarda até 16 de abril á noite. Em seguida este regimento marchará, na noite de 16 para 17, para a posição intermediária atribuída para a divisão.

Nestas condições, o preparo das transmissões no escalão da divisão deverá — levada em conta a manobra prevista pelo commando — assegurar as ligações necessárias:

- para a ocupação da posição inicial, até que os 1.º e 2.º regimentos de infantaria tenham sido retirados, seja até 16 de abril, ás 18 horas;
- para a ocupação pelo 3.º regimento de infantaria da posição de retaguarda, durante a jornada de 16 de abril e uma parte da noite de 16 para 17;
- para a ocupação da posição intermediária, na qual a divisão deve estar desdobrada a partir da manhã de 17;
- entre a posição inicial e a posição de retaguarda, até a conclusão do recuo dos elementos deixados em contacto seja até a manhã de 17;
- entre a posição de retaguarda e a posição intermediária, na jornada de 16 e uma parte da noite de 16 para 17;

Além disso, convirá acrescentar as ligações entre os elementos de desaferramento e:

- dum lado, os regimentos de infantaria que as fornecem (seja 1.º e 2.º regimentos de infantaria), a partir de 16 de abril ás 19 horas até á meia noite, hora na qual estes regimentos de infantaria transpõem a posição de retaguarda;

— por outro lado, o 3.^º regimento de infantaria ocupando a posição de retaguarda até 17 ás 4 horas 30, hora do desaferramento.

Todas essas ligações não apresentam a mesma importância e, ao Commando, é que compete fixar, entre elas, qual a que deverá receber o esforço principal das transmissões.

Na situação considerada, é evidente que o esforço principal deve ser levado sem demora em benefício da posição intermediária, na qual a divisão deve poder combater, desde a manhã de 17, com todos os seus meios, de modo a ganhar o tempo fixado pela missão.

O Commando é, então, obrigado, para realizar este esforço, a reduzir ao estritamente indispensável as ligações a estabelecer nas outras posições.

Quais são, a este respeito, as suas necessidades?

1.^º OCCUPAÇÃO DA POSIÇÃO INICIAL

Antes que lhe chegue a ordem de retirada, o general de divisão já empregou, possivelmente, para a defesa desta posição, a maioria dos seus meios de transmissões. As rôdes radiotelegraphicas estão em posição, assim como a rôde geral telephonica. Como o general de divisão não pode contar com um reforço, é retirando previamente alguns de seus meios de transmissões, já desdobrados, que elle poderá constituir novas disponibilidades.

No entanto, convém observar que, para reagir contra os fortes reconhecimentos, apoiados pelo canhão, lançados pelo inimigo na jornada de 15, a radiotelegraphia terá possivelmente entrado em acção (pelo menos, as rôdes interiores dos regimentos de 1.^º escalão). Com os meios de escuta e de radiogoniometria de que dispõem os nossos adversários eventuais, pode-se temer que alguns postos já tenham sido identificados ou mesmo referidos.

Deste modo, no decorrer dos deslocamentos a efectuar, convém não introduzir nenhuma modificação na physionomia habitual da frente, sob pena de despertar no inimigo, duvidas e incitar-o a proceder, sem demora, a verificações intempestivas.

E' preciso então, manter, no seu rythmo habitual, a actividade dos postos radiotelegraphicos que já entraram em acção. Dónde a necessidade de manter, na posição inicial, até o momento do desaferramento, alguns postos das rôdes radiotelegraphicas organizados na divisão (em particular, os dos batalhões de infantaria de 1.^º escalão).

Quanto aos outros postos radiotelegraphicos, a repartir na posição intermediária, basta que possam funcionar desde 17 de abril pela manhã. Como a sua instalação exige apenas alguns minutos, não será necessário

envial-os com muita antecedencia para esta posição. Poderão abandonar a posição inicial ao mesmo tempo que o general de divisão.

Mas, para a rête telephonica a realizar na posição intermediaria, as coisas passam-se differentemente. O estabelecimento de uma tal rête exige meios e tempo. Sem esperar o momento de sua partida, o general de divisão então, terá interesse de enviar logo para a posição intermediaria a maior parte dos seus meios telephonicos. Ser-lhe-á preciso com este fim começar primeiramente por reduzir ao estritamente indispensavel, as suas ligações telephonicas na posição inicial. No caso considerado, admitiremos que terá de manter, apenas, nesta posição, uma unica seção de construcção (sapadores telegraphistas) e que disporá, a partir de 15 de abril á tarde, de tres secções de construcção para as suas ligações futuras.

Nota — Uma outra questão, toda especial, pode se apresentar.

Os nossos regulamentos preconisam o emprego, em alguns casos, de processos destinados a enganar o inimigo sobre a nossa situação e as nossas intenções. O confronto destes processos constitue o "disfarce offensivo". A radiotelegraphia presta-se muito especialmente para este novo genero de disfarce. Basta, por exemplo, augmentar o numero dos postos emissores para representar a entrada em linha de novas unidades e mesmo a localização de P. C. ficticios...

O telephone, si bem que em grau menor, pode prestar-se igualmente ás operaçoes da mesma natureza.

Sem duvida alguma, no caso considerado, o disfarce offensivo, que sae do quadro desta exposição, poderia dar excellentes resultados.

2.º OCCUPAÇÃO DA POSIÇÃO DE RETAGUARDA

Vimos que o 2.º regimento de infantaria, abandonando desde o dia 15 á noite a posição inicial, deve estar em condições de combater na posição de retaguarda, a partir do dia 16 de abril pela manhã até ás 19 horas.

A extensão da frente desta posição (8 kilometros approximadamente), o pouco tempo e os meios de que dispõe o regimento permitem apenas, poder estabelecer pelo telephone as relações do coronel com os seus commandantes de batalhão.

E só no caso em que a rête préexistente (1) se presta é que o coronel poderá estabelecer algumas ligações telephonicas suplementares (entre P. C. e observatorios, por exemplo).

Por outro lado, julgamos que a divisão não poderá vir em auxilio do coronel commandante do 3.º regimento de infantaria, para o estabeleci-

(1) Principalmente a rête civil.

mento das suas ligações telephonicas: vimos, com efeito, que o esforço principal das transmissões, no escalão divisão, deve ser levado á posição intermediaria. Toda dispersão de esforços em proveito de outras relações seria, pois, prejudicial ao desempenho da missão.

Na posição de retaguarda, as ligações telephonicas, principalmente as do Commando (entre P. C., R. I. e P. C. batalhão), serão vantajosamente dobradas pela radiotelegraphia (rêde interior do regimento).

Nota — No caso em que as fracções de artilharia fossem postas á disposição do coronel commandante do 3.^º regimento, haveria interesse, em virtude da precariedade das transmissões, em colocar estas fracções o mais proximo possível dos commandantes de batalhão de 1.^º escalão (maiores facilidades para a realização da ligação infantaria-artilharia).

3.^º OCCUPAÇÃO DA POSIÇÃO INTERMEDIARIA

E' na manhã de 17 de abril, o mais tardar, isto é, duas noites e um dia após a ordem de retirada, que o dispositivo de transmissões na posição intermediaria deve estar realizado.

Certamente, não se pode, em tão curto prazo, exigir para o dispositivo telephonico um desenvolvimento analogo ao que recommenda o Regulamento, na ocupação duma posição defensiva. Será preciso contentar-se em estabelecer sómente as ligações telephonicas particularmente importantes (ligações de commando e ligações de observação).

E, do mesmo modo que para a posição de retaguarda, só si existisse, na posição intermediaria, instalações telephonicas estabelecidas previamente que o commandante das transmissões da divisão poderia realizar uma rôde completa.

Si bem que o estudo da rôde telephonica necessaria, para a ocupação da posição intermediaria, saia do quadro desta exposição, pode-se, todavia, admittir que o seu equipamento exigiria inicialmente cerca de 20 kilometros de rôdes (das quaes 4/5 em supportes naturaes e 1/5 de linhas baixas).

Ora, uma secção de construcção necessita de uma hora para estabelecer 1 kilometro de lençol de cabo de campanha com 4 circuitos em supportes naturaes. Este tempo é triplicado para estabelecer 1 kilometro deste lençol em linhas baixas.

Seja, para as tres secções de construcção encarregadas do equipamento inicial da posição intermediaria:

16 kilometros em supportes naturaes necessitando cinco a seis horas;

4 kilometros de linhas baixas necessitando cerca de 4 horas.

No total, cerca de dez horas de trabalho para estas tres secções.

Por outro lado, para se contar, desde o dia 17 de abril pela manhã, com um funcionamento verificado da rête telephonica (e em virtude das difficultades que encontram os sapadores telegraphistas para trabalhar á noite), será prudente exigir que esta rête esteja prompta a partir de 16 de abril, ás 19 horas.

Será então, a 16 de abril, ás 9 horas, o mais tardar, que as secções de construcção deverão chegar na posição intermediaria. Além disso, os reconhecimentos e a localização dos meios (trabalhadores e material) exigirão quatro a cinco horas de prazos suplementares.

Esta constatação leva o general de divisão a pôr em marcha as tres secções de construcção sem perda de tempo, isto é, desde o dia 15 de abril á noite, ou melhor fazel-as transportar, si possível, em automoveis.

4.º LIGAÇÕES ENTRE A POSIÇÃO INICIAL E A POSIÇÃO DE RETAGUARDA

A nosso ver, taes ligações são indispensaveis.

Com efeito, não se poderá temer que o inimigo lance, na noite de 15 para 16, reconhecimentos de engenhos blindados e rapidos que, após terem forçado facilmente a fraca crosta dos nossos elementos ligeiros viessem cair de improviso sobre as columnas dos regimentos em retirada? Semelhante eventualidade que, no estado actual das coisas, não parece ser uma utopia, nos aconselha a realizar um systema apropriado de defesa.

Sem entrar nos detalhes de organização, parece necessário collocar peças anti-carros nos caminhos de accesso (em particular, nas encruzilhadas entre a posição inicial e a posição de retaguarda) e prescrever que na cauda das diversas columnas, outras peças anti-carros, collocadas em vehiculos, deverão conservar-se promptas para intervir sem demora.

Estas peças estarão, evidentemente, em condições tanto melhores de desempenhar a sua missão quanto tenham podido ser prevenidas em tempo da irrupção de engenhos inimigos.

Com este fim, será preciso estabelecer ligações rápidas e simples entre escalões ligeiros e peças anti-carros.

Em primeiro lugar serão utilizados artifícios de signalização (por exemplo: um fogo vermelho lançado pelos elementos ligeiros significando "o inimigo ataca com engenhos blindados"). Mas, com tempo nublado, semelhante processo arriscando tornar-se inefficaz, será prudente combinar-se que após a passagem das columnas, todo vehiculo que não dispuser dum signal de reconhecimento (1) ficará sujeito aos tiros destas peças.

(1) — Por exemplo: sinal de reconhecimento luminoso: um fogo verde no frente,

Além disso, haveria interesse em prever outras ligações pela radio-telegraphia (ou radiotelephonia). Taes disposições, necessitando de postos receptores em vehiculos, ultrapassam o quadro desta exposição.

Como quer que seja, competirá ao general de divisão regular a organização das ligações, entre elementos leigos e peças anti-carros, para toda a zona situada entre a posição inicial e a posição de retaguarda. (Em particular, designação do artifício e do signal luminoso de reconhecimento a empregar...).

Damos mais adiante, no estudo do caso concreto, no escalão regimento de infantaria, um exemplo destas disposições.

5.º LIGAÇÕES ENTRE A POSIÇÃO DE RETAGUARDA E A POSIÇÃO INTERMEDIARIA

No caso que nos occupa, estas ligações são analogas ás que, na defensiva, devem existir entre a posição de postos avançados e a posição principal.

Ellas devem ser asseguradas principalmente pela radiotelegraphia, por artifícios (eventualmente pelo telephone, si a rête já existente pode ser facilmente adaptada) e por agentes de transmissões rápidos.

II — As transmissões no escalão regimento

E agora estudemos, no quadro geral acima esboçado, as disposições a tomar por um dos coronéis, commandante de um regimento de infantaria de primeiro escalão.

DISPOSIÇÕES TOMADAS PELO CORONEL DO 1.º R. I.

O tenente coronel Desré expoz, no seu artigo, as disposições de ordem tactica:

a — Constituição de um escalão de retrahimento, encarregado de cobrir a reunião dos grossos dos batalhões engajados, até que estes últimos estejam fóra do alcance do inimigo: seja, no caso duma retirada executada durante a noite, quando elles se encontram a 2 ou 3 kilómetros da frente, no seu itinerario de recuo;

b — Fazer recuar os grossos dos batalhões engajados, sob a protecção da cortina constituída pelos elementos leigos, e reunil-os atraz do escalão de retrahimento. Leval-os, em seguida, para as zonas escolhidas atraz da posição de retaguarda, de onde serão dirigidos para a posição intermediaria.

O coronel commandante do 1.º regimento de infantaria terá então de tomar, para a organização das suas ligações, algumas medidas apropriadas:

1.^o — LIGAÇÕES NECESSARIAS PARA O EXERCICIO DO COMMANDO DO CORONEL

a — Postos de commando (1):

P. C. do coronel: na estrada Mesnil-Saint-Firmin a Mesnil-Saint-Georges, proximo do entroncamento que se dirige para Broyes;

P. C. dos commandantes de batalhão:

— P. C. iniciaes: 1.^o batalhão, na estrada acima citada na altura de Sérévillers; 2.^o batalhão, a 1 kilometro sudoeste do campanario de Broyes; 3.^o batalhão, proximo do P. C. do coronel;

— P. C. apôs o retraimento (na zona de reunião de seus batalhões): 1.^o batalhão, saída leste de Sérévillers; 2.^o batalhão, cota 139 (1 kilometro oeste do campanario de Broyes); 3.^o batalhão, sem modificaçao.

b — Ligações

— entre o coronel e os P. C. iniciaes dos batalhões: as existentes para a defesa da posição inicial (telephone, optica radiotelegraphia, corredores, artificios, etc.);

— entre o coronel e os P. C. dos batalhões na sua zona de reunião: ligações a assegurar principalmente por agentes de transmissões rápidos. (Deve-se observar que as ligações pela radiotelegraphia e pelos artificios, são proibidas: não apresentariam quasi vantagens; mas, pelo contrario, arriscariam revelar ao inimigo mudanças na localização dos P. C. e despertar tambem a sua atenção).

2.^o — LIGAÇÕES ENTRE OS ELEMENTOS DE DESAFERRAMENTO E AS PEÇAS ANTI-CARROS

Além das peças em viaturas, collocadas na cauda da columna do regimento, e promptas para atirar sobre qualquer vehículo suspeito, é muito indicado collocar peças em pontos fixos (pontos de passagem obrigatoria: encruzilhada 1 kilometro sudoeste de Sérévillers, entrada oeste de Plainville...).

Observemos, de passagem, que nestes pontos, de acordo com as disposições tomadas pelo coronel commandante do 1.^o regimento de infantaria, já estão estabelecidos elementos do escalão de retrahimento, cuja partida está prevista desde que os grossos dos batalhões engajados se puzerem em marcha pelo seu itinerario de recuo.

Para estas peças fixas, uma tal partida nos pareceria prematura. E' de toda utilidade conservá-las nas suas posições até que estes batalhões

(1) Transportar-se para a carta de 1/50,000 annexa ao artigo do tenente coronel Desré,

atinja pelo menos a posição de retaguarda. Assim, a retirada destes batalhões será protegida tão bem quanto possível, contra incursões profundas de engenhos blindados inimigos.

Segundo o horário previsto, os grossos dos batalhões só atingirão a posição de retaguarda cerca de meia noite. Até esta hora, parece útil poder alertar as peças anti-carros e pol-as em guarda no momento desejado. Uma tal missão exige meios de transmissões rápidos e incumbe naturalmente aos elementos de desaferramento. No quadro do 1.º regimento de infantaria tais ligações poderiam ser concebidas como se segue:

a — Entre os elementos de desaferramento e as peças fixas situadas a pouca distância: mediante artifícios (um fogo vermelho significando, por exemplo: ataque com engenhos blindados);

b — Entre os elementos de desaferramento e as peças collocadas em viaturas, na cauda das columnas: igualmente mediante artifícios. Neste caso, em virtude da distância, postos intermediários para artifício deverão ser escalonados nas direcções de retirada. (Para evitar a dispersão do pessoal necessário no serviço dos postos intermediários, seria vantajoso poder substituir os artifícios pela radiotelegraphia).

3.º LIGAÇÕES ENTRE AS COLUMNAS E A POSIÇÃO DE RETAGUARDA

Ha interesse em pôr o commandante da posição de retaguarda (no caso, o coronel commandante do 3.º regimento de infantaria) em ligação com os coronéis commandantes dos 1.º e 2.º regimentos de infantaria e os elementos de desaferramento:

a — Com os primeiros, apenas para o informar sobre a entrada destas unidades na posição de retaguarda. Sem insistir sobre os signaes de reconhecimento, tais ligações serão grandemente facilitadas prescrevendo-se aos commandantes de batalhão dos 1.º e 2.º regimentos de infantaria de passar por intermedio dos commandantes de batalhão do 3.º regimento de infantaria, que já estão ligados ao seu coronel.

Convém observar que ainda não é o momento de utilizar a radiotelegraphia, porque o movimento de retirada não está terminado;

b — Com os elementos de desaferramento, para ser informado não sómente sobre a situação dos ditos elementos, mas ainda sobre a attiude do inimigo.

Ora, sabemos que o general de divisão, para não modificar a physionomia do sector, determinou deixar na posição inicial postos radiotelegraphicos, em particular os dos batalhões de 1.º escalão. E' então muito indicado utilizar os postos E. R. 17 dos batalhões de 1.º escalão, para estabelecer as ligações radiotelegraphicicas entre os elementos de desaferramento e a posição de retaguarda. Estes postos E. R. 17 serão afectados, com este fim, aos commandantes dos elementos de desaferramento.

Para manter a integralidade das rôdes, bastará desde então constituir, com o comprimento de onda de cada um dos 1.^º e 2.^º regimento de infantaria, duas rôdes comprehendendo cada uma os postos dos elementos de desaferramento de seu respectivo regimento e um posto no P. C. do 3.^º regimento de infantaria.

Caberá ao general de divisão fornecer ao 3.^º regimento de infantaria os postos necessários para lhe permitir entrar nestas duas rôdes. No caso, bastará fornecer-lhe em tempo (isto é, desde a sua partida da posição inicial) os segundos postos E. R. 17 dos 1.^º e 2.^º regimentos de infantaria.

Esta maneira de proceder permitirá igualmente ao general de divisão (estabelecido no seu P. C. na posição intermediária; estar informado pelo commandante do 3.^º regimento de infantaria sobre a marcha em retirada dos elementos retirados da posição inicial.

* * *

Taes são as disposições geraes que poderiam ser preconizadas para as transmissões numa manobra em retirada.

Talvez, possam parecer um pouco schematicas, Mas, a nosso ver, não pode ser de outro modo, em razão da necessidade de adaptal-as para uma manobra principalmente baseada num mechanismo que quasi não se presta a variantes.

Ass.: Tenente Coronel T.

CHOQUE...

A resistencia do corpo humano, para um cm.² de contacto na palma da mão e na sola do pé, é de cerca de 150 a 200 mil ohms; portanto, para 110 volts de tensão, a intensidade da corrente será de:

$$\frac{110}{150.000} = 0,0008 \text{ A}$$

Cincoenta milliampéres através do corpo, bastam para produzir perturbações capazes de determinar a morte; assim se explicam muitos dos accidentes fatais ocorridos com a corrente de 110 volts do sector de luz.

Precauções: Isolar-se do solo; tocar de cada vez um só dos conductores.

SEÇÃO DE EDUCACAO PHYSICA

Redactores : ORLANDO SILVA
I. ROLLIM

Unidade de doutrina (¹)

Cap. ILIDIO ROMULO COLONIA

SESSÃO DE DESPORTOS INDIVIDUAES

“De uma duração em relação com o cyclo e o valor physico dos individuos (30 a 45 minutos), a sessão de desportos individuaes inicia-se, como todas as sessões de trabalho physico, por uma sessão preparatoria e termina por uma volta á calma.

A sessão preparatoria será *completa* sómente quando os alumnos não houverem realizado ainda nenhum trabalho physico no dia. Em caso contrario, será feita apenas uma sessão *preparatoria reduzida*, composta de flexionamentos interessando particularmente as articulações e as massas musculares postas em jogo pela especie estudada. As sessões de desportos individuaes deverão ser executadas á tarde de preferencia entre 15 e 17 horas, excepção feite para os casos em que sua finalidade seja a de preparar para uma competição a realizar-se pela manhã caso este em que, salvo impossibilidade, a hora mais favoravel de treinamento será a fixada para a competição”.

E' este o texto do Regulamento — 1.^a Parte:

Devemos fixar idéas sobre os seguintes pontos.

1.^o — A sessão será completa (normal) no caso de não ter havido ainda trabalho physico; comprehende-se facilmente isto pela propria ração de ser da sessão preparatoria, tanto mais que os desportos individuaes são exercícios artificiales de que a difficultade se torna progressiva e praticamente illimitada, pondo em jogo principalmente qualidades physicas superiores (velocidade, força ou fundo), as quaes um treinamento especial rigoroso permitte desenvolver aos limites extremos.

2.^o — A sessão preparatoria será *reduzida* no caso de já ter havido trabalho physico no dia. Reduzida, como? Reduzida aos flegionamentos

(1) Continuação do n.^o 255.

que interessam particularmente as articulações e massas musculares postas em jogo pela especie estudada. Por que? porque pelo ou pelos trabalhos physicos anteriores o organismo já ficou como que aquecido e preparado, de um modo geral, para o esforço; porque tambem será augmentar inutilmente a fadiga, executando uma sessão preparatoria completa em tales condições. A reducção será feita apenas, quanto ás especies de flexionamentos e não quanto ao rythmo e numero de repetições.

Estas repetições variarão apenas com o estado de treinamento.

3.º — Há contradição *apparente* entre a 1.^a e 3.^a Partes do Regulamento no que concerne ás expressões — sessão preparatoria *completa* e — sessão preparatoria *reduzida*, ou, por outros termos: a 3.^a Parte não se refere a estas duas expressões, dizendo simplesmente: — “A sessão preparatoria comprehende *principalmente* flexionamentos interessando as articulações e as massas musculares postas em jogo pela especiälidade estudada”.

A contradição é apenas apparente, porque: a) palavra — *principalmente*, esclarece a situação com o não excluir a possibilidade da existencia de outros flexionamentos e, portanto, da sessão preparatoria completa; b) devendo a sessão de desportos individuaes realizar-se, de preferencia, á tarde, já os homens na tropa terão certamente executado até esta parte do dia trabalhos physicos, como sejam — exercícios de combate, serviço em campanha, educação physica, etc.; ora, a 3.^a Parte do Regulamento foi feita para a tropa; não precisava, pois, tratar de sessão completa (salvo a excepção prevista de competição pela manhã), sendo a sessão *reduzida* o seu tipo usual de sessão preparatoria.

4.º — Tanto a 1.^a como a 2.^a Parte do Regulamento deixam de se referir ao accrescimo de alguns exercícios educativos na sessão preparatoria (quer na completa, quer na reduzida), cousa, entretanto, muito útil, de acordo com o espirito do texto — “Flexionamentos interessando as articulações e as massas musculares movimentadas pela especie em estudo”. Tanto é verdade ser este o espirito do Regulamento que se vê na 2.^a Parte (parte organizada especialmente para os desportos), tratando-se do treinamento para corridas de velocidade; “As sessões de treinamento devem começar (para evitar rupturas musculares) por uma sessão preparatoria completa e por alguns exercícios educativos preparatorios de corrida. Ainda na 2.^a Parte, tratando de generalidades sobre desportos de ataque e defesa. le-se a pagina 95 — “Cada sessão começará portanto por uma sessão preparatoria rápida (nota do autor do artigo — deve significar sessão preparatoria reduzida), seguida de exercícios educativos referentes aos golpes a estudar”.

Como exemplo comprobatorio cito uma sessão preparatoria á uma

sessão de estudo de corrida de barreira, que se ve no "Curso de Pedagogia" da Escola de Joinville-le-Pont:

1 Flexionamento combinado, braços e pernas;

1 > > tronco e pernas;

2 Exercícios educativos preparatórios de passagem da barreira: lançamento da perna á frente, elevação lateral da perna flexionada. (Estes exercícios desempenhando aqui um papel de flexionamento preparatório).

1 Flexionamento da caixa torácica.

E' evidente, pois, que o espirito do Regulamento mande introduzir alguns educativos na sessão preparatória, quer na completa, quer na reduzida, porém é preciso frisar bem que estes educativos só farão parte integrante da sessão preparatória, quando se tratar de uma sessão completa, devendo entrar no conjunto de sessão de desportos individuais, si esta fôr apenas uma sessão de estudo. Isto é claro que me dispenso de justificar.

5.º — Ha algumas restrições criadas para casos especiais:

a) Sessão de natação — (1.ª Parte do Regulamento) — Sessão preparatória — "Deve ser executada á borda d'água, para activar as grandes funcções e flexionar os membros antes da imersão. Ela é curta (nota do autor do artigo — deve significar reduzida), para evitar a transpiração e comprehende flexionamentos de braços, pernas, tronco e caixa thoracica. O estudo a secco dos nados pôde ser vantajosamente empregado como sessão preparatória". Tão claro está o texto que se comprehendem imediatamente letra e espirito.

b) Sessão de remo — (2.ª Parte do Regulamento) — "Cada sessão de treinamento propriamente dito é precedida de uma sessão preparatória de 10 minutos, comprehendendo movimentos de flexão e extensão dos membros e do tronco, bem como exercícios respiratórios".

Vê-se que a sessão preparatória é bastante longa (10 minutos) correspondendo, si se tratasse de uma sessão de trabalho normal a 50 minutos de duração para tal trabalho (2/10). Além disto a sessão preparatória é reduzida no numero dos elementos, cingindo-se apenas aos flexionamentos de braços, pernas, tronco e exercícios respiratórios (nota do autor do artigo — melhor seria, a meu ver, fazer flexionamentos da caixa thoracica, pois, são movimentos muito mais amplos e, por isto, preparam melhor para a resistência á suffocação), o que redunda em aumentar a repetição dos movimentos de cada elemento, afim de preencher os 10 minutos requeridos. Explica-se a sobrecarga dos flexionamentos de braços, pernas e tronco, com exclusão dos demais flexionamentos e dos educativos, pela necessidade de deixar as articulações e os músculos interessados

bem exercitados para um esforço que será grande e mantido, não sendo feitos os educativos pela dificuldade de executá-los sem uma apparelhagem especial.

c) Esgrima — (2.^a Parte do Regulamento) — “A sessão é precedida por uma sessão preparatoria: corrida muito curta, saltos successivos, flexionamentos dos braços e das pernas, exercícios preparatorios”. Comprehende-se que a sessão preparatoria de esgrima seja composta dos elementos acima enumerados dada a natureza toda especial deste desporto, requerendo bôa coordenação motriz, velocidade das respostas motrizes ás excitações sensitivo-sensoriais, espirito de decisão, precisão dos movimentos, grande potencia e resistencia dos músculos das pernas.

d) Levantamento de pesos e haltéres — (2.^a Parte do Regulamento) — “A sessão preparatoria deverá ser tão completa quanto possível, de modo a interessar toda a musculatura”. Essa sessão preparatoria deve ser, sempre que possível (esta clausula de possibilidade penso deve prender-se ás condições climaticas ou condições especiaes que surgirem no occorrer do treinamento), completa porque este desporto requer vigor muscular geral, repartição equilibrada de força e solicita energicamente o coração, a circulação e toda a musculatura. Além disto, apesar de ser um desporto de força, requer qualidades de dextresa e flexibilidade, devendo ainda serem evitadas as causas de rupturas musculares.

SESSÕES DE DESPORTOS COLLECTIVOS

Sobre esta parte da actividade physica o Regulamento, em suas 1.^a e 3.^a partes, pouca cousa diz e no tocante á sessão preparatoria nada diz. A 2.^a parte é que nos dá alguma indicação clara quando trata de sessão preparatoria antes de competições de basket-ball, foot-ball e rugby.

Assim, fica o instructor menos avisado em seria dificuldade para se orientar e organizar as suas sessões preparatorias. Certamente o Regulamento assim procede, por haver tratado do assumpto para as sessões de jogos e desportos individuaes, deixando, portanto, ao instructor a tarefa de fazer a adaptação necessaria. E' o que vamos tentar realizar.

Os desportos collectivos são semelhantes nas qualidades que requer e nas que desenvolvem aos grandes jogos e em jogos desportivos, porém todas em carácter mais serio e intenso. Elles differem dos desportos individuaes neste sentido — para serem praticados com correção e óptimo resultado requerem qualidades physicas e moraes mais variadas e que a dificuldade a vencer é menos de ordem material que de ordem moral, pois reside principalmente na vontade que a equipe adversaria tem de ser vitoriosa. A energia susceptivel de ser dispendida numa sessão de desportos collectivos é considerável.

Podemos, assim, estender a sessão preparatoria dos desportos collectivos o que já foi dito:

- a) para a sessão de jogos, no tocante á pequena sessão preparatoria;
- b) para a sessão de desportos individuaes, no tocante á introducção de educativos, valendo a restrição de só empregar os educativos nas sessões completas e não nas sessões de estudo.

Resumindo: quer tenha havido, ou não, trabalho physico anterior — a sessão preparatoria constará de: evoluções, flexionamentos de braços, pernas, tronco e caixa thoraxica, seguidos, quando se tratar de sessão completa, de educativos da especie que for praticada.

Ha, entretanto, algumas restrições, conforme estabelece a 2.^a Parte do Regulamento. Dizem respeito á sessão preparatoria antes de uma competição. A restrição ahi recae principalmente no facto de ser a sessão preparatoria viva, isto é, ser rapida e intensamente conduzida, o que se explica pela necessidade de ficar a equipe com o organismo rapidamente aquecido e preparado para a competição. Esta rapidez pode ser conseguida com a acceleracao do rythmo.

a) Basket-ball — Fazer executar uma sessão preparatoria, seguida, para todos, de alguns lances á cesta.

b) Foot-ball e Rugby — Fazer executar uma sessão preparatoria bastante viva, de modo a permitir á equipe estar em acção desde o inicio da competição.

Exercícios componentes:

Flexionamentos de braços, pernas e tronco;

Corridas rápidas de 20 a 30 metros; respirar amplamente;

Manejo rápido da bola.

c) O water-polo, apesar de ser um desporto collectivo, deve, pela natureza do meio em que é praticado, participar dos caracteristicos da sessão preparatoria de natação.

Recapitulando, apresentaremos no proximo numero um quadro que resumirá tudo que expuzemos.

“Em um exercito bem organizado, os chefes verificam a execução das minucias, mas não as prescrevem e menos ainda não as realizam. Podem durante as inspecções, para mostrar que nada lhes escapa, contar os botões dos soldados; mas não lhes cabe cosel-os”.

Gen. CLÉMENT-GRANDCOURT

“Querendo” desacreditar a guerra, como dizia Victor Hugo, mata-se a victoria”.

A escola primaria e a caserna no Japão

Quando o conscripto japonez entra na caserna, e empacota o **kimono**, a cinta e as sandalias, para envergar o uniforme do soldado, já não é absolutamente um profano, um camponio ignorante e grosseiro. Os gestos complicados que lhe vão ensinar, já elle os esboçou outr'ora na escola primaria, sob as ordens de um mestre que se assemelhava sofrivelmente aos seus chefes actuaes. Mas, acima de tudo, elle ouviu milhares de vezes as instruções patrióticas e moraes que lhe vão estribillhar diariamente aos ouvidos. A sua alma de soldado está mais de metade feita.

E' assim que a escola primaria é o vestibulo da caserna, o estagio preparatorio onde se ensinam, com os primeiros exercicios militares, as virtudes moraes que fazem tão interessante e tão temivel ao mesmo tempo essa maravilhosa maquinazinha que é o soldado japonez. Pelo seu lado tanto quanto os professores, os officiaes-instructores não perderão de vista esta parte essencial de seu papel: formar almas sobre um padrao unico de obediencia cega, de abnegação absoluta. Depois do que, o ensino da theoria não é mais tão arduo; pois, em cerebros suggestionados, em almas de neophytes fanaticos, as lições se gravam com força, ao passo que uma transgressão disciplinar reveste, aos seus olhos, o caracter de falta religiosa.

Para nós occidentaes, individualistas desenfreados, que temos horror da menor abdicação de nossa personalidade, o lado typico da vida de regimento no Japão, é esse. Uma caserna não é uma prisão ou um collegio; é quasi um templo, um mosteiro onde o labor quotidiano, impregnado de espirito religioso, reveste os aspectos de uma iniciação. Os officiaes instructores são com relação aos soldados directores de alma, predicantes de moral ao menos tanto quanto professores.

Essa tendencia é tão exacta que a theoria da infantaria, por exemplo, theoria que deve servir de modelo a das outras armas, não tem outra originalidade senão a de entremeiar os ensinamentos technicos com tiradas que se diriam extrahidas de um cathecismo de moral shintoista ou confucianista.

(BALET – *Le Japon Militaire*)

A' venda na A DEFESA NACIONAL

REGULAMENTO DE EDUCAÇÃO PHYSICA

Preço: 8\$000 (Não cobramos o porte)

SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

Redactor: A. F. CORREIA LIMA

Noções de Sociología

*Curso professado na Escola Militar
pelo Cap. S. SOMBRA*

Advertencia

Principiamos, hoje, a publicação do resumo das lições de Sociología que ministrámos aos cadetes do 1.º Anno da Escola Militar de acordo com o Regulamento que vem de ser alterado.

Tomamos essa iniciativa por dois motivos principaes.

Ha quem julgue dever ser extinto o ensino daquella disciplina. Infelizmente, isso vem em auxilio do soturno trabalho realizado pelas forças desagregadoras cujo interesse é que os jovens oficiaes saiam da Escola absolutamente despreparados para resistir á seducção de suas doutrinas dissolventes.

Esse nocivo trabalho é de uma evidencia meridiana; um suicidio, não querer exxergal-o.

Não é difficult olhar a realidade e prever as consequencias.

Seria ridículo suppor que na situação actual do Mundo um jovem official, isto é, um moço dotado de certa cultura, com a curiosidade intelectual do espirito liberto dos camones escolares e com o traço inapagavel da secular tradição política dos exercitos ibero-americanos, atraíssesse os dias ameaçadores que vivemos, com a mais candida e displicente indifferença, surdo a todos os clamores, mudo a todas as interpelações.

Este boneco ninguem o conhece no Exercito Brasileiro.

O que se vê, por toda parte, é a preocupação, o interesse, a angustia:

Alguns tomando partido, outros conservando-se afastados da competição, mas todos inquietos, lendo e meditando sobre a gravissima situação. Nenhum delles ignora que a sorte da Patria é a sorte do proprio Exercito, que este é o primeiro a ser modificado com as alterações na organização político-social daquella.

Como o Exercito prepara e orienta o jovem official para aquella inevitável e decisiva tomada de contacto?

Dá-lhe uma base de cultura sociologica indispensavel ao exame sereno e á comprehensão dos valores sociaes ou entrega-o, sem a menor formação, á literatura de todas as cores que abarrota as livrarias?

Pretende, por acaso, o Exercito que o official espere chegar—quando chega — á Escola de Estado-Maior, onde então seria ministrado o ensino de Sociologia, para ler e decidir sobre os problemas sociaes? Qual é o homem que aguarda chegar á idade madura para estudar questões que lhe atordoam a todo o momento, envolvendo risco da propria vida e da existencia da instituição a que elle pertence? Quando nasceu este *homem-phenomeno* cujo estudo os laboratorios de psychologia experimental ainda não disputaram?

Pretende o Exercito reduzir a preparação sociologica do cadete a aulas de Educação Moral e Civica?

Neste caso, seria mais commodo nada fazer. Em primeiro logar, porque aquelle ensino não offerece base doutrinaria para que o alumno venha a julgar tal regime melhor do que outro e, então, impulsionado pelas virtudes civicas plantadas em sua consciencia, elle poderá com a maior facilidade, despreparado sociologicamente como está e illudido pelas apparencias, bater-se por uma fórmula social falsa e destruidora de grandes valores sociaes. E' um erro crasso, revelando intelligencia mediorissima e consciencia de baixo vôo, o acreditar, por exemplo, que todo comunista é um sujeito de maus bofes, typo perverso que deseja só a desgraça alheia, sem nenhum ideal, etc. Na verdade, muitos delles estão possuidos de um grande ideal humano, de um generoso espirito de felicidade collectiva. Seus erros são de ordem doutrinaria e, não, de ordem sentimental. As virtudes moraes que têm são postas ao serviço da theoria falsa que reputam certa.

O objectivo deverá ser, pois, preparar as intelligencias, afastal-as do erro perigoso. Isso não se consegue, porém, com aulas de educação moral e civica:

Em segundo logar, essa educação é e deverá ser practica sobretudo. Comprehende-se que a um pobre recruta, analphabeto ou quasi, sejam dadas umas tantas noções theoricas: nomes, datas, definições. A um cadete, seria ridiculo.

A educação moral e civica numa escola militar é uma ação permanente. Ella está no Boletim, nos commentarios a propósito de professores e instructores, nas commemorações, no exemplo diario, no clima de fé e entusiasmo que deverá existir sempre estimulado.

Prelecções theoricas só teriam um efecto: ridicularisar cousas sagradas:

Se a ellas acrescentassemos noções sociaes, confessariamos a sua necessidade ao mesmo tempo que as reduziríamos á condição de ineffi-

cacia como força de convicção. Despertariamos a curiosidade do cadete e o largariamos apôs. Mil vezes melhor, nada dizer.

Ahi está exposto o primeiro motivo da publicação das lições de Sociologia: demonstrar sua necessidade, combater os que perversamente querem extinguil-as e esclarecer os de boa fé seduzidos pelos primeiros.

Passemos agora ao segundo motivo.

Difícil, falho e perigoso é o estudo dos problemas sociaes sem uma base de conhecimentos sociologicos preliminares.

Um medico não se mete a operar sem conhecer bem a anatomia do corpo humano e a technica operatoria.

Ora, os estudos sociologicos não existiam no Exercito. Aos camaradas que agora, pessoalmente, desejam fazel-os, apresentam-se numerosas dificuldades. O maior obstaculo é a propria falta de livros. Nossa literatura sociologica é pauperrima: meia duzia de obras e quasi todas reflectindo preconceitos e sectarismos iniciaes.

Os livros estrangeiros são caríssimos e exigem um conhecimento prévio para boa escolha.

Com as notas cuja publicação começamos, pretendemos, não ensinar os camaradas, mas ajudal-os numa iniciação á Sociologia.

Além do que vae aqui escripto, attendemos com prazer a todas as consultas que nos forem dirigidas sobre indicações bibliographicas e outras, dentro das nossas possibilidades.

Os camaradas tambem poderão verificar o espirito de absoluta isenção ideologica e de puro caracter científico das lições que tivemos oportunidade de ministrar aos nossos cadetes.

Interrompido o Curso de Noções de Sociologia pela extincão recentemente imposta a esta parte da 4.^a Aula do 1.^o Anno da Escola Militar, ficaremos satisfeitos se as nossas lições tiverem servido para uma sadia orientação dos cadetes aos quaes lecionavamos e, agora, puderem contribuir, por pouco que seja, para o estudo dos nossos camaradas.

N. da R. — Por falta absoluta de espaço não iniciamos hoje a publicação das aulas de Sociologia.

A venda na "A Defesa Nacional"

| | |
|--|---------|
| <i>Mémoires, Marechal Joffre</i> | 87\$400 |
| <i>Canae e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn</i> | 7\$000 |
| <i>Historia militar do Brasil, Danton Teixeira</i> | 10\$000 |
| <i>A batalha de Saint Quentin-Guise- Ten. Cel. Lenglet</i> | 6\$000 |

PELO CORREIO MAIS 1\$000

Cooperativas

Pelo 1.º Ten. JOSÉ SALLES

I

Nascidas das organizações operárias na velha Inglaterra, idealizadas com o fito de proporcionar aos seus membros os meios de conseguirem determinadas utilidades por preços mais ao alcance de suas bolsas modestas, suprimindo os lucros dos intermediários, as sociedades cooperativas se desenvolveram de tal modo em todos os países do mundo civilizado, em vista dos immensos e satisfactorios resultados obtidos, que existem, presentemente, desse genero de sociedades para todos os fins incluidos entre aquelles que não contrariam os principios da moral e dos bons costumes. Marcham, como sempre, na vanguarda dos países cujo numero dessas organizações economicas é grande, os Estados Unidos da America, onde existem cooperativas para tudo, inclusive construções de casas e fins outros benficiantes e sociaes, como nol-o mostram as estatísticas que temos em mão.

Suas origens vêm dos primeiros annos do seculo passado, quando os operarios ingleses de determinadas profissões se uniram formando pequenas sociedades de auxílios mutuos, fim que posteriormente se foi ampliando, desdobrando-se em dois ramos, um cuja organização typica é a das *Trade Unions*, peculiar áquelle paiz, que, além de continuar abonando auxílios e socorros individuaes aos seus componentes, tomam parte activa nas pendencias e conflictos entre patrões e operarios e intervêm da mesma fórmula em todas as questões referentes ao trabalho; outro, que tem como primeiro exemplo a "The Equitable Pionners of Rochdale", iniciativa que passou á Historia, é o das cooperativas propriamente ditas que se desenvolveram de fórmula a conquistar os países da velha Europa, alastrando-se pelos Estados Unidos e encontrando favoravel ambiente nas terras sul-americanas, existindo grande numero delas na Argentina e no Brasil, especialmente em S. Paulo onde prosperam prestando assignalados serviços á nossa economia.

Essas fórmas de *associações economico-privadas*, que outra cousa não são as *sociedades cooperativas*, representam notável maneira do homem em manifestar o seu espirito de solidariedade que é um dos seus caracteristicos de ser racional. Affirmam alguns autores, com certa parcella de razão, que ellas, no fundo, são a união pessoal entre individuos de posição humilde para conseguir alguma vantagem economica, empregando-se ahí o termo *pessoal* para que se comprehenda não ser uma *associação de capitais* e a phrase "de posição humilde" querendo dizer indi-

viduos fracos economicamente fallando, sem a força e a capacidade individuaes necessarias para tal fim; nas *vantagens economicas* comprehende-se a reunião de muitas forças pequenas formando uma grande, segundo o enunciado de conhecido proverbio, tendo por fim principal a suppressão de um intermediario, consoante o que já acima dissemos, que trabalha em proveito proprio, como é quasi geralmente aceito pelos economistas, com ligeiras variantes.

Essa é uma definição que, com as explicações addicionadas, podemos aceitar e sómente acompanhada dessas explicações porque é, por si, incompleta como definição, podendo dar causa a interpretações outras capazes de lhe deturparem o sentido; assim, melhor definiu-as, a nosso vêr, *Vermersch*, em sua obra "Manuel Social": — "Sociedades cooperativas são associações populares formando emprezas de carácter lucrativo com o fim de repartir entre seus membros o beneficio resultante da suppressão de um intermediario".

Dividem-n'as geralmente os tratadistas em: 1.º — Sociedades de *consumo pessoal* que operam sobre artigos de consumo corrente e diario, adquirindo-os, armazenando-os e vendendo-os á vista aos socios ou ao publico, sendo os lucros divididos em trez partes; destas a primeira destina-se ao *fundo de reserva*, a segunda para *dividendo aos accionistas* e a terceira a ser repartida entre os compradores, proporcionalmente ás acquisitions respectivas. 2.º — Ditas de *consumo industrial*, formadas nos meios operarios, pequenos industriaes, visando effectivar auxilio mutuo no exercicio das profissões respectivas. 3.º — As *sociedades de crédito* cujo principal objecto é proporcionar os primeiros recursos pecunarios aos pequenos artífices e operarios que desejarem se estabelecer por conta propria afim de desenvolverem sua actividade no ramo de suas profissões. 4.º — As *sociedades de producção* em que determinado numero de pessoas de uma mesma profissão se reunem com suas pequenas economias e se installam para explorala em commun, dividindo os lucros entre si; esta modalidade é a unica que supprime o patrão, pois a direcção e execução dos trabalhos respectivos fica nas mãos dos proprios associados e se regem pelas disposições dos *estatutos* ou documento equivalente, devidamente approvadas.

Esse genero de sociedade é particularmente preconizado pela Escola Solidarista, tambem denominada *harmonico-cooperativista*, relativamente nova mas que se tem desenvolvido de modo extraordinario, marcando assim mais um passo agigantado para o regimen totalitario que vai caracterizar a *Nova Humanidade* que vem nascendo com as gerações deste seculo de synthese, começo de uma éra nova nos dominios da Historia, como nol-o demonstram todas essas inquietações por que vem passando o mundo inteiro, desde os paizes de avançadas civilisações até os mais barbaros, estado de cousas que vem deixando como que suspensos numa

terrivel duvida os homens de responsabilidade de todos os povos, empenhados na procura de soluções para os novos e complexos problemas que se lhes apresentam.

As agitações profundas que, desde ha algum tempo, se vêm observando no seio das massas marca, sem duvida, o encerramento de um ciclo e o consequente inicio de um outro, na vida da humanidade desde éras remotas até á época actual, exigindo soluções novas, ineditas mesmo, para esses problemas, as quaes não poderão, certamente, ser encontradas dentro do ambito já estreito e limitado das diversas Escolas presentemente conhecidas ou em voga, porém velhas como a especie humana organizada, sejam calcadas nas theorias individualistas, socialistas ou mesmo solidaristas, pois é notorio que estas não as têm sabido ou podido encontrar. Ha qualquer causa que para tanto está faltando; todos o sentem, ninguem conseguiu attinar ainda com qual seja. Sem pretengões a querer pregar o ecletismo nesse caso, impossivel, sem cabimento em doutrinas antagonicas em quasi todos os seus pontos, de todas podem ser, entretanto, tirados subsídios, mesmo de seus pontos negativos, sabendo-se que a negação é uma forma de affirmar, para se estabelecer o regimen proprio do cyclo que começa. E' a sahida natural, é o que ha de surgir da confusão reinante nos dias actuaes, da inquietação que avassala os povos numa época em que se queima trigo e café, afim de valorizal-os, quando ha muita creança chorando de fome por todos os recantos do globo, sem um pedaço de pão para comer, em que se sacrificam qvelhas e se inutiliza algodão quando ha muitos pobrezinhos tiritando de frio por falta de agasalho. Vivemos numa phase de transição !

De uma ou de outra forma, sendo uma fonte parcial como as demais, o Solidarismo, que toma como base de organização a solidariedade humana dentro dos principios da caridade christã, partes apenas do regimen vindouro a ser transformado em realidade para as duas proximas gerações, trouxe-nos as cooperativas cujos beneficos resultados têm permitido minorar um pouco as difficuldades por que vem passando a geração presente, especie de palliativo para alguns dos males que esta vem soffrendo como natural contingencia dos tempos em que vive. Já regularmente introduzidas e exploradas entre as diversas classes, só não lograram ser nem sequer lembradas pela nossa classe militar cujos componentes bem poderiam fruir egualmente os seus reaes beneficios, na situação difficult que atravessa, como todas as outras classes sociaes, provendo-se em condições mais favoraveis de quaesquer das utilidades objecto do respectivo consumo, cuja escala é consideravel porque está na sua razão directa.

Encerramos aqui essas reflexões. No proximo artigo faremos ligeiro comentario das *leis brasileiras* que regem as *sociedades cooperativas*, afim de melhor dal-as a conhecer quanto á sua applicação practica.

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

Redactor: JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

"N'oublions jamais q'être officier c'es',
avant tout, être instructeur et educateur"

Marechal PÉTAIN

AS UNIVERSIDADES E O EXERCITO

Pelo Cap.
JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

Estamos num momento de alvorada para a educação nacional, pois, se pretende crear nada menos de tres universidades: — em Minas Geraes, em S. Paulo e uma cidade universitaria federal, para que se organizou uma grande comissão e se mandou vir um grande architecto italiano.

Não me consta, todavia, que nestes centros de formação de "élites" nacionaes, nestes nucleos de futuros chefes e estadistas, tenha havido qualquer infiltração da "politica externa do Exercito". No entanto, nenhuma oportunidade melhor para conseguir um nucleo de propaganda e irradiação cultural e civica, atravez da creaçao duma Academia Militar da Reserva.

Esta Academia englobaria um curso livre de conferencias para professores — um museu — uma bibliotheca, além de controlar toda a educação physica universitaria.

Indiscutivelmente, ás diferentes "questões militares", desde o Imperio vêm separando o Exercito da grande massa da opinião publica civil. A maioria considera o Exercito como um mundo especial, alheio aos anceios e as tradições da nação. Precisamos familiarizar a mocidade intellectual com os nossos problemas, com a nossa vida, com os conhecimentos technicos da arte militar, afim de fazel-a sentir a "mythica" dos nossos heroes, a conveniencia do manejo das armas, da organizaçao do Exercito, insignias, attributos e linguagem militar.

Manejados por um simples graduado, nos Tiros de Guerra e E. I. M., esses rapazes de intelligencia privilegiada,

educação e cultura superiores, não podem comprehendêr a entroncagem e os fundamentos da nação armada com esse nucleo essencial que se chama **Exercito activo**.

Mais tarde, no parlamento, na cathedra, ou como estadista, o antigo estudante guardará sómente como lembrança do Exercito, o mal estar duns gritos de ordem unida, duma farda mal vestida e duns tiros numa longiqua Villa-Militar.

São esses homens, no entanto, que vão dirigir a nação, são a esses homens que, na sua adolescencia o Exercito, tem que educar para que se associe mais tarde, de coração, á sua grande obra civica. A *Academia Militar da Reserva*, estabeleceria os laços que devem unir justamente á juventude ao Exercito activo — depositario da Patria.

Para áquelles que têm a superstição da idade madura, que ignoram o que a psychologia moderna chama de “idade mental” e que poderão sorrir da minha opinião, transcrevo as palavras do illustre Cel. francez E'mile Mayer, no seu livro “ESSAIS DE PEDAGOGIE MILITARE”: “Não é demais dizer que acho retrogado e perigoso que todos os jovens do paiz não marchem de mãos dadas e que certa categoria delles se desinteressem do problema de pedagogia militar, que solucionada por outra forma tornaria menos pesada para a nação a preparação da defeza nacional”.

Sem querer citar, propositadamente, as Escolas Militares da reserva, de fundação particular, nos Estados Unidos, vou a fundo na historia do mundo, em seu grave momento, e cito apenas, como exemplo facil, as obras do professor Banse: “Wehrwissenschaft” e “Raun und volk im Welt-kriege”, que estabeleceu as bases das universidades militari-zadas, fonte, dynamo do Exercito Allemão moderno.

E parece basta...

A venda na “A Defesa Nacional”

| | |
|--|----------------|
| <i>Mémoires, Marechal Joffre.....</i> | <i>87\$400</i> |
| <i>Canas e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn</i> | <i>7\$000</i> |
| <i>Historia militar do Brasil, Danton Teixeira.....</i> | <i>10\$000</i> |
| <i>A batalha de Saint Quentin-Guise- Ten. Cel. Lenglet</i> | <i>6\$000</i> |

PELO CORREIO MAIS 1\$000

SEÇÃO DE INTENDÊNCIA

Redactor: JOSÉ SALLÉS
Auxiliar: BELMONTE VAZ

Fusão dos quadros de officiaes de Intendencia

1.º Ten. ARTHUR ALVIM CAMARA

Com a extinção do Corpo de Indententes, determinada pelo artigo 16 do decreto 14.385, de 1-X-1920 (Bol. Ex. 339), surgiram dois quadros: um de direcção e verificação — *Quadro de Indententes de Guerra*; outro de gestão e execução — *Quadro de Officiaes de Administração*.

A seguir veio o *Quadro de Officiaes Contadores*, criado pelo decreto 15.232, de 31-XII-1921 (Bol. Ex. 429, de 1922):

Corria normal a existência desse pessoal especializado nos detalhes administrativos e de contabilidade do Exército, quando se viu alterada pela Lei de Organização dos Quadros e Effectivos.

A nova lei, consubstanciada no decreto 24.287, de 24 de Maio de 1934 (Bol. Ex. 32), reorganizou os Serviços de Intendência e de Fundos, estabelecendo um quadro único para a direcção — *Indententes de Guerra* — e um outro para a execução — *Officiaes de Administração do Exército* (art. 67, letra a).

No Quadro de Officiaes de Administração do Exército foram incluídos, desde logo, os officiaes pertencentes aos quadros de Contadores se de Administração, implicitamente extintos (art. 67, § 4.º).

Para regularizar a inclusão de officiaes de quadros diferentes num quadro commun, não escaparam regras que melhor definissem a situação desses officiaes.

Por isso, foi ordenado que os *officiaes subalternos* teriam:

a) um numero relativo á sua antiguidade absoluta no novo quadro (art. 67, § 4.º, letra a);

b) outro numero referente á sua situação no quadro de origem-Contador ou Administração (art. 67, § 4.º, letra a);

c) o direito de acesso assegurado nos respectivos quadros extintos (art. 67, § 4.º, letra a).

Entendem-se por “*Officiaes subalternos*” os 1.ºs e 2.ºs tenentes (art. 6.º do decreto 24.068, de 29-III-1934 — Bol. Ex. 33).

A lei dando-lhes numero no novo quadro, precisou a ordem de collocação de cada um, que é considerada, *para todos os efeitos*, a ordem de precedencia e hierarchia (art. 5.º do decreto 20.579, de 29-X-1931 — Bol. Ex. 75; aviso 741, de 4-XI-1931 — Bol. Ex. 76).

A expressão “*para todos os efeitos*”, empregada na lei, é ampla, geral, absoluta:

Assim, a promoção, o acesso aos postos successivos, é o efecto principal da precedencia e hierarchia, determinada pela ordem de collocação dos officiaes de qualquer quadro.

Ao numero referente ao quadro de origem tambem se applica o mesmo raciocinio: a ordem de collocação determina a ordem de precedencia e esta, a de promoção.

Para evitar duvidas, foi o decreto 24.278 mais além, assegurando, de modo expresso, aos *officiaes subalternos* e aos funcioanrios dos quadros extintos, o direito de acesso dentro dos mesmos quadros (art. 67, § 4.º, letra a); art. 67, § 6.º.

Se, por um lado, os *officiaes subalternos* ficarem com dois numeros e o direito de acesso assegurado nos seus quadros de origem, por outro, os capitães foram transferidos para o novo quadro, *sem nenhuma restrição*. Transferencia summaria.

Ahi, porque elles tivessem sido excluidos, definitivamente, dos quadros extintos, foram incluidos com um só numero: o de antiguidade absoluta:

E por não haver duvida a esse respeito, é que a “Relação dos Officiaes Effectivos do Exercito”, organizada pelo Departamento do Pessoal do Exercito (1.ª Divisão) e publicada, ultimamente, pela Imprensa do Estado Maior do Exercito, já consigna os capitães com um numero apenas, os primeiros e segundos tenentes, oriundos dos quadros extintos, com dois: o numero de antiguidade absoluta no quadro geral e o numero de antiguidade relativa dos quadros de origem.

A sabedoria da lei tem ainda o elevado alcance de evitar que, dentro do mesmo quadro (Quadro de Administração do Exercito), officiaes mais modernos possam preterir, na promoção por antiguidade, seus superiores hierarchicos, portadores de cursos regulamentares e com precedencia perfeitamente declarada.

Aliás, essa anomalia seria um facto, se outra fosse a orientação a imprimir.

O principio de acesso, ora defendido, decorre do texto claro das leis em vigor, onde está prescripto:

a) Os officiaes subalternos terão dois numeros:

— um do Quadro de Administração do Exercito, relativo á sua antiguidade absoluta;

— outro do quadro extinto (Contador ou Administração), referente á sua situação nesse quadro (art. 67, § 4.º, letra a, do decreto 24.287, de 24-V-1934 — Bol. Ex. 32).

Consequentemente, á dupla numeração correspondem duas ordens de collocação: uma para cada quadro.

b) A ordem de collocação no Almanack Militar é, *para todos os effeitos*, a de precedencia e hierarchia (art. 5.º do decreto 20.579, de..... 29-X-1931 — Bol. Ex. 75).

c) A ordem de collocação do Almanack determina a ordem de precedencia, *para todos os effeitos* (aviso 741, de 4-XI-1931—Bol. Ex. 76).

Um official que tem numero em dois quadros, ordem de collocação essa que lhe assegura a precedencia *para todos os effeitos*, inclusive o de promoção, poderá ser promovido tanto para um como para o outro quadro, tão depressa attinja o numero "um" da respectiva escala.

d) A promoção por antiguidade cabe ao official *mais antigo de cada posto*, no respectivo quadro (art. 19 do decreto 24.068, de 29-III-1934 — Bol. Ex. 33).

A legislação é uniforme, quando regula a promoção por antiguidade dos officiaes habilitados com os cursos das respectivas escolas.

No mesmo quadro, salvo impedimento fortuito, o official numero "dois" da escala hierarchica não poderá ser promovido, por antiguidade, na frente do de numero "um".

E como até o posto de Capitão todas as promoções são feitas por antiguidade (art. 20 do decreto 24.068), segue-se que, no Quadro de Administração do Exercito, os officiaes terão, igualmente, o accesso regulado pela ordem de collocação, estabelecida para cada um nesse quadro.

Identica situação se apresenta nos quadros extintos.

e) Fica assegurado a cada official *subalterno* o accesso no seu quadro de origem (art. 67, § 4.º, letra a, *in-fine*, do decreto 24.278).

E' tudo quanto há de mais claro, de mais positivo, que a promoção dos officiaes *subalternos* tambem se faz para os quadros extintos, onde elles guardam os respectivos numeros.

Contestar esse accesso será negar aos funcionários da Directoria Geral de Contabilidade da Guerra, extintos na mesma occasião, o direito de promoção dentro de seu quadro de origem, garantido, de igual maneira, pela lei (art. 67, § 6.º, do decreto 24.287).

Por isso, provado que os capitães dos quadros extintos (Contadores e Administração) foram transferidos para o quadro geral (Officiaes de Administração do Exercito); provado que, no quadro geral, esses capitães estão incluidos, em carácter definitivo, com um unico numero, por não pertencerem mais aos quadros de origem; provado que os officiaes *subalternos* têm dois numeros, os quaes determinam a sua situação no Quadro de Administração do Exercito e nos quadros extintos; provado, ainda,

que taes officiaes têm direito ao acesso no quadro geral e nos quadros de origem; provado está que elles devem logo ascender a todos os postos vagos, quer num ou n'outro quadro, observada, porém, a respectiva ordem de collocação asseguradora da precedencia e hierarchia.

Adiante, resolveu mais o decreto que "as vagas novas creadas em virtude do reajustamento, serão distribuidas na proporção de um terço, para os officiaes originarios do Quadro de Administração e dois terços para os do Quadro de Contadores" (art. 67, § 4.º, letra b).

O calculo aqui é facilimo. O artigo 18 do decreto 24.287 aprovou o Anexo n.º 1, que fixa os effectivos.

O "Anexo n.º 1" foi publicado no Boletim do Exercito n.º 34, de 20-VI-1934.

De posse do effectivo de officiaes do Quadro de Administração do Exercito, deduz-se o numero de officiaes e funcionarios que ocupam vagas nesse quadro, na forma dos §§ 1.º e 4.º do artigo 67 do citado decreto 24.287.

Com mais algumas operações arithmeticas chegar-se-á ao resultado indicado pela lei.

Por fim, resta focalizar uma questão particular do extinto Quadro de Contadores.

O artigo 16 do decreto 15.232, de 31-XII-1921 (Bol. Ex. 429, de 1922), dispoz que "na organização do quadro de officiaes contadores dever-se-á deduzir, nos diversos postos, o numero de officiaes intendententes..."

Legislando sobre a mesma materia, determinou o artigo 67, § 1.º, do decreto 24.297, de 24-V-1934 (Bol. Ex. 32), que "no Quadro de Officiaes de Administração do Exercito não serão preenchidas, em cada posto, as vagas correspondentes aos officiaes do extinto Corpo de Intendentes" E, proseguindo: "Os logares que se forem extinguídos, em cargo inicial ou subsequente, constituirão vagas abertas no alludido quadro "(art. 67 § 2.º).

Como se vê, os officiaes do Corpo de Intendentes, que ocupavam vagas no Quadro de Contadores, passaram a ocupal-as no Quadro de Administração do Exercito e para este quadro é que deixam as suas vagas, até o posto de Capitão.

O artigo 16 do decreto 15.232, de 1921, está revogado, por força do artigo 77 do decreto 24.287, de 1934, e do artigo 4.º da Introdução do Código Civil.

Ou melhor, os officiaes intendententes já não existem, para efecto de ocuparem as vagas privativas dos officiaes contadores.

Ora, se elles não existem para o referido efecto, é porque foram extintos dentro do Quadro de Contadores e, segundo prescreve o § unico do artigo 16 do decreto 15.232 acima, "á medida que se forem extinguindo os officiaes do antigo quadro de intendententes nos postos de 2.º tenente a

capitão, o quadro de contadores irá augmentando, até attingir á sua formação completa.....”

A formação completa do Quadro de Contadores, no momento de ser extinto, era de 63 capitães, 180 primeiros tenentes e 99 segundos,

A extincção do quadro não implicou, dess'arte, na extincção das suas vagas de accesso, as quaes subsistem e devem ser preenchidas em face do direito vigente.

O antigo Quadro de Administração está em condições analogas, quanto ás vagas a preencher.

Día do Soldado

As coimmemorações do “Dia do Soldado” revestiram-se este anno de aspecto digno de nota. Não se limitaram ás habituas solemnidades dos quarteis e á da estatua do glorioso duque.

A data foi festejada com vibrante campanha de ardor patriótico, inspirada nas virtudes excelsas do maior dos brasileiros. E' justo resaltar a exponetanea e brilhante actuação da imprensa desta capital, não só no exaltar a figura do grande cabo de guerra, como principalmente no lembrar e no realçar as fecundas lições de civismo que ressumbram da sua vida de verdadeiro patriota.

Junte-se a isso a valiosa cooperação do Departamento de Radiodifusão e do Radio Club que deram especial realce á obra de fé e educadora, irradiando as vibrantes orações dos oradores militares e civis, que fallaram nesse dia á Nação sobre a figura immortal de Caxias.

De nossa parte, pomos aqui o nosso sincero agradecimento ao ilustre professor Dr. Vilhena de Moraes, pela honra que nos deu aceitando o convite para fallar no radio em nome de “A Defesa Nacional” sobre a vida do grande soldado. Os doutos conceitos do egregio biographo do Duque de Ferro foram uma lição proveitosa, pela qual a revista tem recebido innumeros aplausos de varios pontos do paiz.

Tambem somos profundamente gratos ao Radio Jornal do Brasil, pelo qual foi irradiada a palavra candente e entusiastica do nosso camarada Cap. Correia Lima, redactor da revista e por ella commissionado para render homenagem ao patrono do Exercito.

NOME MODERNO DA VELHA PERSIA

Iran, nome moderno da velha Persia, é talvez o unico paiz do mundo que não possue estradas de ferro. Alli se viaja exclusivamente de automovel, quando não se prefere gosar a aventura de fazel-o no lombo de camellos ou em burros.

Aliás, os automoveis são poucos dispendiosos em Iran. Raramente têm mais de um anno de uso e portanto são sempre modernos e providos de todas as commodidades que desejam os occidentaes. A gasolina custa uma insignificancia e é nativa no paiz. As estradas estão geralmente a 1800 e 2000 metros acima do nivel do mar, que é a altura de S. Mauricio, de modo que não se soffre calor durante a viagem. Por outro lado, o clima, no verão, é analogo ao de Nova York e no inverno néva com frequencia. Os caminhos cruzam planaltos cobertos de admiraveis ciprestes e campos verdes de fama mundial. Cada 15 kilometros se encontra uma aldeia com um hotelzinho "Chai-Khana", ou um café, que são o centro da vida social da populaçao, nos quaes o viajante pôde beber café, chá ou sorvetes.

Ha poucos annos infestados de salteadores, os caminhos são agora tão seguros quanto os de qualquer paiz organizado, graças ás energias providencias do sha Pahlevi. A maior parte dos impostos de Iran é destinada á reparação da rede de estradas de rodagem que estão, geralmente, em boas condições. No inverno ainda, ha algumas dificuldades a vencer, mas no verão e no outomno as viagens pelo paiz são agradabilissimas.

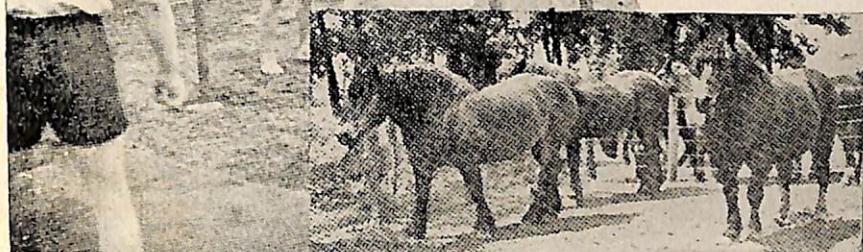
PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

| | |
|---|--------|
| Manual do Granadeiro..... | 3\$000 |
| Mementos de ordens de Infantaria (1. ^º e 5. ^º)..... | 3\$000 |
| » » » » » (2. ^º e 3. ^º)..... | 1\$500 |
| » » » » » (8., 9., 10., 11. ^º e 12. ^º).... | 1\$500 |

PELO CORREIO MAIS 500 RÉIS

P E L O
M U N D O

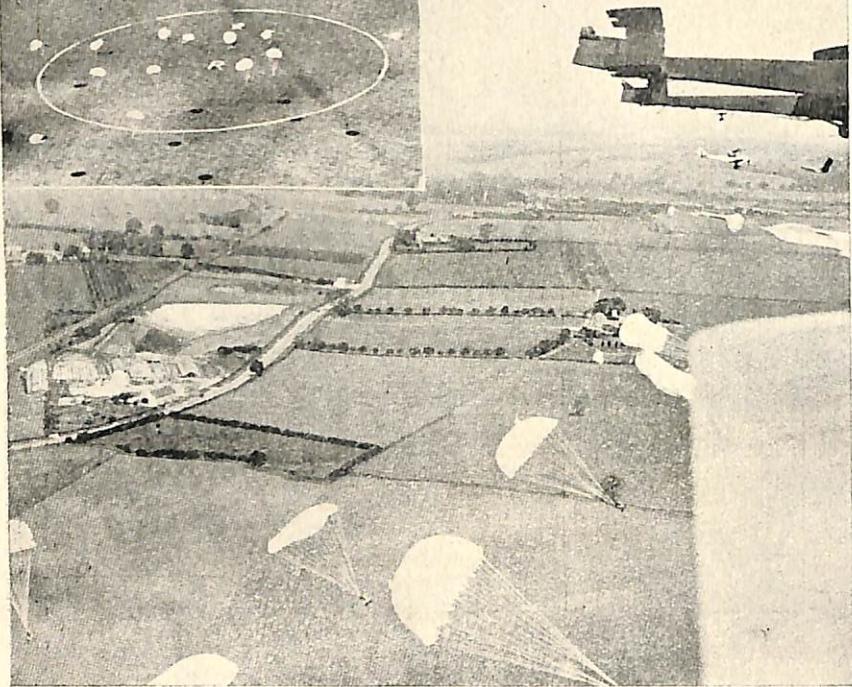


A O ALTO: Perante grande assistencia um soldado [alemão] executa o celebre "gyro gigante".

A O CENTRO : Tres soberbos percherons argentinos — 20:000\$000 cada um.

E M B AIXO : A infantaria teuta empenhada na construcção rápida de balsas.

NA INGLATERRA



AO ALTO: O príncipe de Gales passa revista às tropas.

EM BAIXO: Exercícios com paraquedas realizados no Henlow Aerodrome pela ROYAL AIR FORCE.

NOTICIARIO E VARIEDADES

Día do Soldado

(Noticia do Rio aos companheiros da provincia)

Pelo Cap. SILVA BARROS

Vinte e cinco de agosto . . .

Dia do Soldado !

Felicissima idéa daquelles dois formidaveis Soldados — o Marechal Setembrino e o General Menna Barreto !

Pela manhã de hoje, ao raiar do dia em que nascera o Marechal LIMA E SILVA, fui despertado pela voz possante e convincente das baterias de costa, dando inicio ás homenagens civicas do culto á memoria de CAXIAS.

Em frente ao Forte do Vigia, que acabara de tomar, por iniciativa do General José Pessôa, o nome imorredouro do venerando Soldado, os accordes d'alvorada completaram o ritual festivo dos grandes dias da PÁTRIA.

Eram nove horas da manhã, quando chegámos ao "Largo do Machado", defronte á estatua do maior Soldado da Historia Sul-Americana.

Num recinto engalanado, á guisa de praça d'armas, um quadrado de tropas, no rigor dos alinhamentos, emprestava ao ambiente a austerdade vibrante das grandes solennidades.

As Bandeiras da tropa, cada uma de per si, seguidas de suas guardas, enfileiraram-se em frente ao soberbo monumento do heróe nacional.

Ao chegar ao recinto, o Chefe do Estado, uma salva de 21 tiros, sinalaes de cornetas, o hymno nacional, armas em continencias ! . . .

Era o prólogo do grande espectaculo que iamos presenciar . . .

A essa altura, levanta-se de uma cadeira, onde até então permanecera sentado, um velhinho — soldado raso — veterano do Paraguay, um dos ultimos sobreviventes da ponte de Itororó, que servira ao mando glorioso de CAXIAS, e marcha na direcção do Presidente, para condecoral-o em nome da tradicão do Exercito, com a suprema COMMENDA DA GRAN CRUZ DO MERITO MILITAR.

O velhinho, na cadencia flácida e sublime da sua miseria gloria, collocou, com a mão firme, no Chefe do Governo, a insignia dos predestinados aos feitos valorosos.

Esse veterano — interessante — não ostentava a mesma insignia do merito, mas, em compensação, cobrindo o seu peito arquejante de tradi-

cção varonil, estava um modesto brim kaki, encimado pelo "Passador numero cinco", a medalha da Guerra do Uruguai e a "Cruz dos Brasos"...

Que importa ver sua mesa falha de feijões, si um momento daquelas, na vida desse ancião, vale como se fôra authentica apotheóse de uma epopéa inteira !

Estás bem pago, meu bom velho !

Quantos hoje te invejaram as glorias do teu passado, as honras do teu presente, a grandeza do teu nome no futuro !

Isto feito, retirou-se o velhinho, seguido por seus companheiros do Asylo de Invalidos da Patria, confundindo-se com os mortaes, na avalanche indiferente dos que não tiveram para elle os olhos d'alma, naquelle solennidade civica, que passará breve ao olvido, engrandecendo o Pantheon dos anonymos...

Logo a seguir, um signal estridente de corneta ! Vae ser condecorada a Bandeira de um Regimento. E' o veterano Primeiro de Cavallaria — reliario sagrado dos velhos Dragões da Independencia — hoje "divisionario", com esse augmentativo de feiúra que lhe emprestara o modernismo quebrador impenitente das tradicções mais sublimes do ritual militar.

Momento cheio de vibração patriotica, O Estandarte do Regimento tem como guarda, á direita, o Commandante; á esquerda, o fiscal da Unidade.

Rigorosamente marciaes, seguidos de uma pequena escolta, postam-se em frente á estatua, numa ridigez de attitudes que honra bem os venerandos soldados do passado.

Ouve-se o toque de "victoria" (um arranjo de alvorada com a marcha batida), e a Bandeira — sem se abater em continencia, na formalistica dos Codigos — recebe, altaneira, a Ordem do Merito Militar, na roseta auri-verde de sua faixa pendente !

Minh'alma de velho soldado não supportou indiferente aquelle momento formidavel: vieram-me aos olhos, traiçoeiramente, numa expressão sentimental incrivel, as melhores lagrimas das poucas que nesta vida tenho chorado...

Fôra aquelle o meu Regimento, onde ingressei, ha mais de 20 annos passados, ainda adolescente, ao serviço bello e glorioso das armas !

Lembrei-me, então, do juramento que fiz, palavra por palavra, diante daquelle mesma Bandeira, cheia de tradicções glorioas, no momento mais sensacional da minha vida, na epoca em que tudo para mim era esperança, tudo era romantismo, tudo representava um mundo de illusões...

Foi sob aquelle Bandeira que eu rezei o meu primeiro cathecismo cívico, no momento da formação da minha mentalidade.

Ninguem, por isso, poderá ter sentido maior entusiasmo, naquelle solennidade, do que eu.

A guarda da Bandeira tambem sofreu esse contagio vibrante: o major empallidecera, e o Commandante, na sua firmeza imperturbavel, respiava com difficuldade.

Em quanto isso se passava, a meu lado, um cidadão de bello porte physico, alto funcionario publico, de calça listrada e cartola, parecendo diplomata, fumava um cigarro de palha, envenenando o ambiente, conversando com um outro seu collega, total e absolutamente distrahido, sem perceber o acto, pois no momento culminante olhava para um predio fronteiro, onde outros civis, inclusive mulheres, de pyjama uns, e de roupas de banho outros, se debruçavam ás janellas, na sua indifferença perniciosa . . .

Eis aqui, meus companheiros, como vaga noticia do Rio, um pouquinho do que vi hoje.

O resto eu não conto agora. E' muito cêdo.

Apenas vos repito que mais umavez lamentei a minha grande desgraça de haver sido paisano durante quinze annos !

Paciencia . . .

Rio, 25 de Agosto de 1935.

Eleição da nova Directoria da "Defesa Nacional"

Art. 10.^º— A Directoria e o Conselho de Administração serão eleitos, obedecendo-se aos seguintes preceitos:

a) — têm voto todos os socios mas só podem ser votados os socios residentes no Rio de Janeiro e que previamente aceitarem a sua candidatura;

b) — o mandato será bienal;

c) — a eleição realisar-se-á no 1.^º dia util da 2.^a quinzena do mez de outubro, ás 17 horas, em Assembléa geral com qualquer numero de socios;

§ 1.^º— Os socios eleitos assignarão um termo de posse em livro especial.

§ 2.^º— As vagas que ocorrerem na Directoria, antes da terminação do mandato de qualquer de seus membros, serão preenchidas por designação do Conselho de Administração e as deste pelos suplentes immedia-tos em voto.

Relação dos sócios quites

Alecyr d'Avila Mello, Armando Villa Nova Pereira de Vasconcellos, Alexandre Zacarias de Assumpção, Antonio José Osorio, Anor Teixeira do Santos, Asdrusbal Palmeiro de Escobar, Antonio José Coelho dos Reis, Armando Baptista Gonçalves, Armando Dubois Ferreira, Anthero de Almeida, Archimedes Cordeiro, Aristoteles de Lima Camara, Alexandre José Gomes da Silva Chaves, Arthur da Costa e Silva, Arnaldo de Souza Paes de Andrade, Arthur Danton de Sá e Souza, Aurelio Alves de Souza Ferreira, Adaury Sampaio Pirassununga Alberto Oronce Guerin, Antonio de Alencastro Guimarães, Alcêdo Baptista Cavalcante, Bertholdo Klinger, Benjamin Rodrigues Galhardo, Clovis Monteiro Travassos, Cyro Espírito Santo Cardoso Decio Palmeiro de Escobar, Durival Brito e Silva, Descartes Cunha, Danilo Paladini, Deodoro Sarmento, Edgard de Oliveira, Eduardo Rego Vieira, Eugenio Ribeiro Vieira da Cunha, Emilio Rodrigues Ribas, Eduardo Faustino da Silva, Edgardino de Azeredo Pinto, Eugenio Ewerton Pinto, Euclides Zenobio da Costa, Enock Marques, Francisco Becker Reischneider, Flavio Mario Bezerra Cavalcante, Francisco José Pinto, Frederico Leopoldo da Silva, Godofredo Vidal, Guillerme B. dos Santos, Ilídio Romulo Colonia, Ignacio de Freitas Rolim, José Faustino da Silva Filho, José Salles, João Ribeiro Pinheiro, José Moutinho dos Reis, José Carlos de Senna Vasconcellos, Joaquim Ribeiro Dutra, Joaquim Soares d'Ascenção, João Baptista de Mattos, João Marcelino Ferreira e Silva, José Scarella Portela, José Moacyr Oreste da Salvo Castro, José Theophilo de Arruda, José Bina Machado, João Dias Campos Junior, João de Deus Nunes Saraiva, João Ururahy de Magalhães, Luiz de Figueiredo Lobo, Lamartine Peixoto Paes Leme, Luiz Augusto da Silveira, Manoel Bougard de Castro e Silva, Mario Ramos, Miguel Lage Sayão, Miguel Moreira Lima, Marcos Mesquita de Azambuja, Mario de Faria Lemos, Miguel de Castro Ayres, Mario Xavier, Nilo Horacio de Oliveira Sucupira, Octavio da Silva Paranhos, Odílio Denys, Oswaldo Paço Mattoso Maria, Octavio Monteiro Aché, Orozimbo Martins Pereira, Pedro Aurelio de Góes Monteiro, Paulo Figueiredo, Pery Constant Bevílaqua, Pantaleão da Silva Pessoa, Pedro Geraldino de Almeida, Raul Silveira de Mello, Renato Baptista Nunes, Roberto Carneiro de Mendonça, Renato Rodrigues Ribas, Renato Bittencourt Brigido, Raul Mendes da Vasconcellos, Sylvio do Valle Amaral, Samuel da Silva Pires, Scipião da Silva Carvalho, Tristão de Alencar Araripe, Theophilo Amadeu Diniz, Waldemar Otto Barbosa, Walter de Souza Daemon, Carlos Rodrigues Coelho, José de Lima Figueiredo, Heitor Bustamante, Francisco Gil Castello Branco, Henrique B. Duffles Teixeira Lott, Haroldo Rocha Avila Garcez.

REPRESENTANTES

ESTABELECIMENTOS E REPARTIÇÕES MILITARES

- | | |
|---|--|
| <p>Gab. M. G. — Maj. Floriano Brayaner.</p> <p>C. S. N. — Cap. Alexandrino Motta</p> <p>E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra</p> <p>M. M. F. — 1.^º Ten. Reginaldo de M. Hunter</p> <p>D. P. E. — Cap. Waldemar Souza</p> <p>D. C. — Cap. Janduy Toscano de Britto.</p> <p>Dir. Av. — Major Godofredo Vidal</p> <p>Dir. Eng. — Cap. Amanajás de Carvalho</p> <p>Dist. Art. C. — 1.^º Ten. Roberto Pessôa</p> <p>Dir. M. B. — 1.^º Ten. J. Duque Estrada</p> <p>Dir. Int. G. — 1.^º Ten. Ruy Belmonte</p> <p>Dir. S. S. —</p> <p>Dir. S. Vet. —</p> <p>S. Geo. P. A. — Cap. Octavio A. da Silva</p> <p>S. Subsistência — Cap. Severo C. de Souza</p> <p>1.^º Gr. Regiões — Ten. Geraldo L. do Amaral</p> <p>2.^º Gr. Regiões — Cap. Gentil Barbato</p> <p>Q. G. da 1.^ª R. M. — Cap. João Ribeiro</p> <p>Q. G. da 2.^ª R. M. — 1.^º Ten. Luiz B. Condado</p> <p>Q. G. da 3.^ª R. M. — Major Oscar B. Falcão</p> <p>Q. G. da 4.^ª R. M. — Ten. Jehovah Moraes</p> <p>Q. G. da 5.^ª R. M. — Cap. J. B. Rangel</p> <p>Q. G. da 6.^ª R. M. — Ten. Muriello B. Moreira.</p> <p>Q. G. da 7.^ª R. M. — Cap. M. O'Reilly de Souza</p> | <p>Q. G. da 8.^ª R. M. — Cap. M. Mendes de Moraes</p> <p>Q. G. da 9.^ª R. M. — Cap. Nilo Guerreiro</p> <p>E. E. M. — Cap. Pedro Geraldo Dir. E. armas — Cap. J. B. Mattos</p> <p>E. Inf. — Cap. José Adolpho Pavel</p> <p>E. Cav. — Cap. Luiz N. Andrade</p> <p>E. Art. — Ten. C. Rocha Santos</p> <p>E. Eng. — Cap. Luiz Bettâmio</p> <p>C. I. T. — 2.^º Ten. Milton R. Vieira</p> <p>E. Technica — Cap. Pompeu Monte</p> <p>E. Av. M. — 1.^º Ten. Danilo Paladini</p> <p>C. I. Art. Costa — Maj. J. Bina Machado</p> <p>E. Int. — Cap. Aquino Granja</p> <p>E. E. Ph. E. — Major Raul Vasconcellos</p> <p>E. M. — 1.^º Ten. Geraldo Côrtes</p> <p>E. Vet. E. —</p> <p>C. A. Sgt. Inf. — 1.^º Ten. Taltibio de Araujo</p> <p>C. M. R. J. — 1.^º Ten. Celestio Braga</p> <p>C. M. P. A. — 1.^º Ten. Saul F. Pons</p> <p>C. M. Ceará —</p> <p>Fab. P. S. F. — Cap. Osmar Pons</p> <p>Fab. P. Inf. — Cap. Antonio de Britto Junior</p> <p>Fab. P. Art. — 1.^º Ten. José Carlos Ribeiro</p> <p>Fab. M. C. G. — 1.^º Ten. Haroldo Pradel de Azambuja.</p> <p>Art. G. R. Grande — 1.^º Ten. Daniel Balbão</p> <p>Corpo Fz. Navaes — Ten. Candido da Costa Aragão.</p> |
|---|--|

TROPA Infantaria

- | | |
|---|--|
| <p>1.^ª Bda. I. — 1.^º Ten. Antonio B. Moreira</p> <p>2.^ª Bda. I. —</p> <p>7.^ª Bda. I. — Cap. Armando C. Lima</p> | <p>Btl. Guardas — 1.^º Ten. Aymar de Lima</p> <p>Btl. Escola —</p> <p>1.^º R. I. — Cap. Souza Aguiar</p> |
|---|--|

- | | |
|---|--|
| 2. ^o R. I. — 2. ^o Ten. Dilermando G. Monteiro | 6. ^o B. C. — |
| 2. ^o R. I. — 1. ^o Ten. Anthero de Almeida | 7. ^o B. C. — Ten. Nelson do Carmo |
| 4. ^o R. I. — 1. ^o Ten. Paulo A. de Miranda | 8. ^o B. C. — Ten. Ramão Menna Barreto |
| 5. ^o R. I. — 2. ^o Ten. Francisco A. Galvão | 9. ^o B. C. — 1. ^o Ten. Domingos Jorge Filho |
| II/5. ^o R. I. — 1. ^o Ten. Luiz M. Chaves | 10. ^o B. C. — Cap. Ernesto L. Machado |
| III/5. ^o R. I. — 1. ^o Ten. Alcides Coelho | 13. ^o B. C. — Asp. Heitor Vasconcellos |
| 6. ^o R. I. — Cap. Ary Ruch. | 14. ^o B. C. — Cap. Risoletto Barata de Azevedo |
| 7. ^o R. I. — Cap. Gilberto V. de Carvalho | 15. ^o B. C. — Cap. H. A. Castello Branco |
| 8. ^o R. I. — 1. ^o Ten. Candido L. Villas Bôas | 16. ^o B. C. — |
| I/8. ^o R. I. — Cap. Felicissimo A. de Aveline | 17. ^o B. C. — Cap. Armando Lustosa M. Barroso |
| 9. ^o R. I. — 1. ^o Ten. Almir L. Furtado | 18. ^o B. C. — Cap. J. R. de Araujo Sobrinho |
| I/9. ^o R. I. — Ten. Edson Vignoli | 19. ^o B. C. — 1. ^o Ten. Murillo Borges Moreira |
| 10. ^o R. I. — 1. ^o Ten. A. J. Corrêa da Costa | 20. ^o B. C. — Cap. Italo de Almeida |
| 11. ^o R. I. — 1. ^o Ten. Luiz de Faria | 21. ^o B. C. — |
| 12. ^o R. I. — 1. ^o Ten. Atila Barroso | 22. ^o B. C. — Cap. Leandro J. da Costa |
| 13. ^o R. I. — 1. ^o Ten. Iracilio Pessôa | 23. ^o B. C. — |
| 1. ^o B. C. — Cap. Nizo Montezuma | 24. ^o B. C. — 1. ^o Ten. A. Collares Moreira |
| 2. ^o B. C. — Ten. Marcio de Mezenez | 25. ^o B. C. — 1. ^o Ten. André Monteiro |
| 3. ^o B. C. — Ten. Moacyr L. de Rezende | 26. ^o B. C. — Cap. Eurides C. Robim |
| 4. ^o B. C. — Cap. Carlos Coelho Cintra | 27. ^o B. C. — Cap. Mario S. Machado |
| 5. ^o B. C. — Cap. Dacio Cézar | 28. ^o B. C. — Ten. J. B. Carmello |
| | 29. ^o B. C. — Cap. Frederico M. C. Monteiro |

Cavalaria

- | | |
|---|---|
| Q. G. da 2. ^a D. C. — Cap. Hoche Pulcherio | 4. ^o R. C. D. — Ten. Humberto Pelegriño |
| Q. G. da 6. ^a Bda. C. — 1. ^o Ten. Edson Condensa. | 5. ^o R. C. D. — Ten. Luiz M. R. Valençá |
| R. Andrade Neves — Ten. Lady T. Cirne | 1. ^o R. C. I. — Ten. Mario Pantoja |
| 1. ^o R. C. D. — Cap. Cyro R. Rezende | 2. ^o R. C. I. — |
| 2. ^o R. C. D. — 2. ^o Ten. José P. de Oliveira | 3. ^o R. C. I. — Ten. João C. Guimarães |
| IV/2. ^o R. C. D. — Ten. João de Deus Cruz | 4. ^o R. C. I. — Ten. Agenor Medeiros Martins |
| 3. ^o R. C. D. — Ten. Alvaro Vieira | 5. ^o R. C. I. — |
| | 6. ^o R. C. I. — Cap. Francisco A. Rosas |

- 7.^o R. C. I.
 8.^o R. C. I. — Cap. José T. Arruda
 9.^o R. C. I. — Cap. Marcos M. de Azambuja
 10.^o R. C. I. — Ten. A. de Lima Mendes

- 11.^o R. C. I. — Ten. Celso Monteiro
 12.^o R. C. I. — Ten. Carlos Braga Chagas
 13.^o R. C. I. —
 14.^o R. C. I. —

Artilharia

- Grupo Escola — Ten. Ernesto Geisel
 1.^a R. A. M. — Cap. Edgard M. Portugal
 2.^o R. A. M. — Ten. Ilton da Fonseca
 4.^o R. A. M. — Asp. Jonathas P. Lisboa
 5.^o R. A. M. — Asp. Zair de Figueiredo
 6.^o R. A. M. — Ten. Lourival Doederlein
 8.^o R. A. M. — Ten. José O. Alves de Souza
 9.^o R. A. M. — Cap. Arthur da C. Seixas
 1.^o G. A. Do. — Ten. Celso Araújo
 2.^o G. A. Do. — Asp. Leandro Monte Alegre
 3.^o G. A. Do. — Ten. Maury P. Lima
 4.^o G. A. Do. — Ten. Fernando Coelho
 5.^o G. A. Do. — Ten. Henrique M. R. de Mello
 1.^o G. O. — Ten. Francisco A. Gonçalves
 2.^o G. O. — Cap. João D. da Fonseca
 3.^o G. O. — Ten. Eduardo Barros R. Mix. A. — Cap. Ascendino J. Pinheiro

- 1.^o G. A. Cav. — 1.^o Ten. Celio M. Ferreira
 2.^o G. A. Cav. — 1.^o Ten. Alberico Cordeiro
 3.^o G. A. Cav. — 1.^o Ten. Jorge Cezar Texeira
 4.^o G. A. Cav. — Ten. José de M. Mourão
 5.^o G. A. Cav. — 1.^o Ten. Edson Figueiredo
 Font. Sta. Cruz — Ten. Antonio Sá B. Lemos Filho
 Fort. S. João — Ten. Micaldas Corrêa
 Fort. Itaipú — Ten. Henrique Mangini Junior
 Fort. Obidos — Ten. Raul Art.º dos Santos
 Fort. Coimbra —
 Fort. Copacabana — Ten. Flammarión Pinto de Campos
 Fort. do Vigia —
 Fort. de São Luiz —
 Fort. Imbuhy —
 Fort. Marechal Hermes — 1.^o Ten. Francisco X. M. Cordovil
 Fort. Marechal Luz —
 Fort. Marechal Moura —
 Fort. Lage — Ten. Americo F. da Silva

Engenharia

- Unidade Escola
 1.^o B. Trans. — Asp. Eduardo D. de Oliveira
 1.^o B. Sap. —
 2.^o B. Sap. — 1.^o Ten. Sebastião V. Moraes
 3.^o B. Sap. — Ten. Luiz P. Pessôa
 4.^o B. Sap. — Maj. Abacilio F. dos Reis

- 1.^o B. Pnt. — Asp. Edgard Sotér da Silveira
 2.^o B. Pnt. — Cap. Aurelio de Lyra Tavares
 1.^o Bt. F. V. — Cap. Francisco R. Castro
 1.^a Cia. P. Terr. — Cap. Ladislau N. de Azevedo

Aviação

| | |
|--|----------------------------------|
| 1.º R. Av. — Ten. Oswaldo C. Lima | 4.º R. Av. — |
| 2.º R. Av. — | 5.º R. Av. — 1.º Ten. Jocelin B. |
| 3.º R. Av. — Te. Herminio V. de Carvalho | Brasil |

Reserva

| | |
|---|--|
| C. P. O. R. 1.ª R. M. — 1.º Ten. Nelson R. de Carvalho | F. P. São Paulo — Major José Maria dos Santos |
| C. P. O. R. 2.ª R. M. — 2.º Ten. Nestor Torres | P. M. da Bahia — Ten. Cel. Philadelpho Neves |
| C. P. O. R. 5.º R. M. — 1.º Ten. Raymundo Dalcó | Cont. P. M. Bahia (Uauá) — Ten. José Fernandes Vieira |
| P. M. Dist. Federal — Major Joaquim Miranda Amorim | F. P. do Espírito Santo — Major Manoel Henrique Vilú. |

